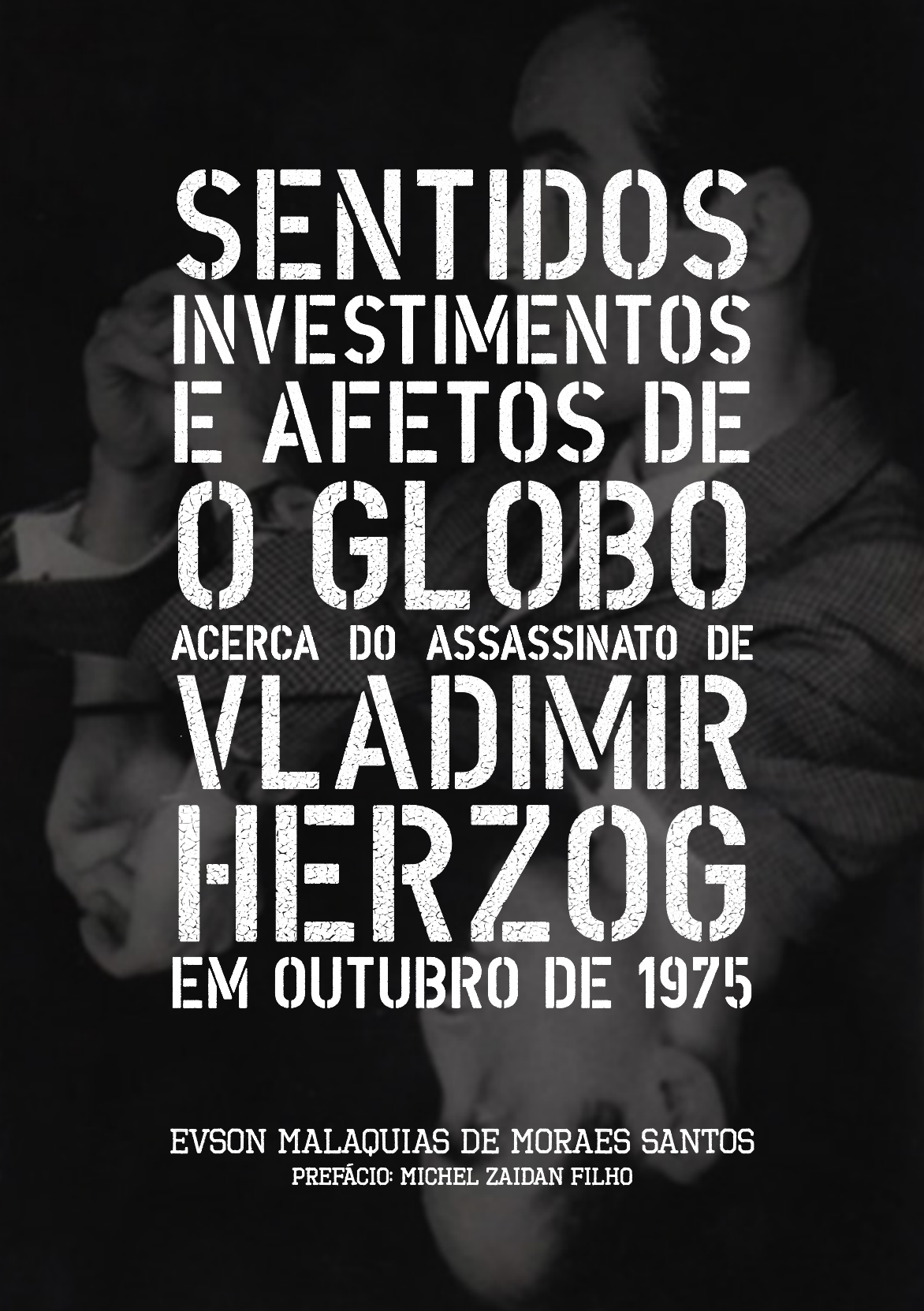


SENTIDOS INVESTIMENTOS E AFETOS DE O GLOBO ACERCA DO ASSASSINATO DE VLADIMIR HERZOG EM OUTUBRO DE 1975

EVSON MALAQUIAS DE MORAES SANTOS
PREFÁCIO: MICHEL ZAIDAN FILHO

SENTIDOS INVESTIMENTOS E AFETOS DE O GLOBO ACERCA DO ASSASSINATO DE VLADIMIR HERZOG EM OUTUBRO DE 1975

SENTIDOS, INVESTIMENTOS E AFETOS DE O GLOBO ACERCA DO ASSASSINATO DE VLADIMIR HERZOG EM OUTUBRO DE 1975.

Coordenador e autor

Evson Malaquias de Moraes Santos[1]

Discentes colaboradores neste recorte de pesquisa

Amanda Pereira Santos (Geografia/UFPE)
Clodoaldo Marques Gomes (Pedagogia/UFPE)
Leandro de Melo Silva (Pedagogia)

Revisão

Antonio Neto
Juliana C. Lobo

1 Dr. em Sociologia, professor e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do projeto "Rede Globo: História, instituição e imaginário de inimigos e as manifestações de junho de 2013". Este projeto deu origem à pesquisa que apresentamos aqui sobre as significações imaginárias de O Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog. Participam, ainda, deste projeto, os estudantes: Lays Freitas de Souza (História, UFPE), Natália Mendes Vieira (Geografia, UFPE), Pedro de Barros Correia Amaral (C. Sociais, UFPE) Pedro Ratis (C. Sociais, UFRPE) e Tereza Bruno de Faria Espadeiro (C. Sociais, UFPE).

Imagem de capa:
Instituto Vladimir Herzog
http://vladimirherzog.org/acervo-1/fotos-do-vlado/

Catalogação na fonte:
Bibliotecária Joselly de Barros Gonçalves, CRB4-1748

S478 Sentidos, investimentos e afetos de O Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog em outubro de 1975 [recurso eletrônico] / Evson Malaquias de Moraes Santos (Coord.)... [et al.]. – Recife : Ed. UFPE, 2018.

Inclui referências.
ISBN 978-85-415-1044-8 (online)

1. Herzog, Vladimir, 1946-1975. 2. Central Globo de Jornalismo – História – 1964-1985. 3. Jornalismo – Brasil – História – 1964-1985. 4. Ditadura – Brasil. 5. Tortura – Brasil. 6. Crime e imprensa – Brasil. 7. Prisioneiros políticos – Brasil. I. Santos, Evson Malaquias de Moraes (Coord.).

379.81 CDD (23.ed.) UFPE (BC2018-073)

Todos os direitos reservados à

Editora UFPE
Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea
Recife, PE | CEP: 50.740-530
Fone: (0xx81) 2126.8397 | Fax: (0xx81) 2126.8395
www.ufpe.br/edufpe | livraria@edufpe.com.br

PREFÁCIO

Recebi o honroso convite do professor Dr. Evson Malaquias, do Centro de Educação da UFPE, para prefaciar/apresentar o seu mais novo livro: "Sentidos, investimentos e afetos de *O Globo* acerca do assassinato de Vladimir Herzog em outubro de 1975", resultante de um projeto de pesquisa que busca estudar o imaginário dos inimigos e das manifestações de junho de 2013. O trabalho é fruto de um esforço coletivo, que envolve uma equipe de pesquisadores composta por professores e alunos. É digno de nota e louvor essa arqueologia histórica da memória de eventos tão trágicos da história contemporânea, sobretudo quando ela teima em se repetir com atores que se metamorfoseiam a todo instante, ainda que tentem escapar do crivo da posteridade e do juízo dos historiadores. O tema, oportuno e de grande relevância, encontrou em Evson e em

sua equipe estudiosos preparados para a interdisciplinaridade acadêmica. O professor Malaquias agrega uma formação acadêmica multidisciplinar, que conta com a história, a ciência política, a sociologia clínica de Enriquez e, de certa forma, de Castoriadis, além dos clássicos da antropologia brasileira. Além disso, se muniu de um instrumento metodológico das ciências da comunicação.

O resultado não poderia deixar de ser estimulante: a análise criteriosa do discurso de três dos principais jornais brasileiros (*O Globo*, *O Estadão* e a *Folha de São Paulo*) sobre a ditadura militar e o assassinato do jornalista judeu-iugoslavo Wladimir Herzog, então ligado ao Partido Comunista Brasileiro. O estudo de Evson é tanto mais interessante porque ele conjuga - com felicidade - o melhor da antropologia histórica do Brasil (Roberto da Matta, Sergio Buarque de Holanda, Marilena Chauí, José Murilo de Carvalho) com o instrumental analítico das ciências da comunicação na análise dos discursos jornalísticos sobre o regime militar e seus perseguidos, em particular os jornalistas. Daí sai a tese de que a posição da mídia impressa e televisiva é guiada por uma "mentalidade" (para usar uma expressão dos franceses) messiânica e naturalista, com uma pitada do amoralismo familiar, típico do regime da Casa Grande (a família patriarcal).

Nesse sentido, diz ele, as ideias-guias da "mentalidade" do brasileiro são as palavras-chave: Deus, Natureza e família. A desqualificação do discurso jornalístico dos desafetos e desinvestidos dos grandes jornais não têm família (brasileira), não são cristãos e nem fazem parte dessa "maravilhosa" natureza pátria. Torna-se assim fácil apagá-los e demonizá-los como ateus, comunistas, sem família. É o ufanismo típico de um certo nacionalismo ingênuo, que 'fetichiza' as belezas naturais do país.

O resultado é altamente esclarecedor: os jornalões da república brasileira não só coonestaram com o golpe militar-civil de 1964, como absorveram ou justificaram as violações dos direitos humanos cometidos pelos agentes do Estado militar. Com uma variação que vai de uma certa reserva liberal do estado de São Paulo ao total adesismo da Rede Globo, beneficiária do regime militar, a posição da mídia impressa foi de cúmplice e de omissão diante dos graves crimes perpetrados pelo regime. Tese exemplificada pela cobertura dada ao assassinato de Wladimir Herzog, nas dependências do DOI/CodI em São Paulo. O jornal dos Marinho silenciou - a cumplicidade - em relação às inúmeras notas produzidas pelos sindicatos e entidades corporativas. Outros preferiram dar atenção ao turismo, às belezas naturais e às questões familiares comezinhas. Deixaram no silêncio as questões políticas e de direitos humanos.

Essa pesquisa é tão mais oportuna, porque a Rede GLOBO foi diretamente interpelada pelos movimentos de rua de 2013. E resolveu fazer uma "MEU CULPA" por ter apoiado a ditadura militar. Logo ela que, reiteradamente, criminaliza os movimentos sociais, sobretudo quando algum profissional da imprensa é atingido por alguma bala ou projetil no meio da multidão. A pesquisa de Evson Malaquias e sua brilhante equipe não se encerrou. Ela continua. Brevemente teremos novos resultados atinentes aos movimentos de 2013 e sua cobertura criminalizante feita pelos meios de comunicação.

Parabéns a toda equipe e, especialmente, ao professor Evson Malaquias.

Michel Zaidan Filho
Professor Titular de História da UFPE

SUMÁRIO

Introdução. 11

Instituição e imaginária social 14

Patrimonialismo à Casa Grande e Senazala . . 20

Procedimentos metodológicos 24

1. Jornais, Herzog e jornalistas mortos, desaparecidos e perseguidos. 31

1.1 Quais são os jornais investigados nesta pesquisa? . . 31

1.1.1 Estado de São Paulo (Estadão) 31

1.1.2 Folha de São Paulo (FSP) 35

1.1.3 Instituição e organização Globo: concisa história 42

1.2 Quem foi Vladimir Herzog? 50

1.3 Lista dos jornalistas assassinados/desaparecidos durante a ditadura civil-militar (1964-1965) 54

1.4 Lista dos jornalistas presos e itimados durante o período do assassinato de Vladimir Herzog 55

2. O Globo reconhece que "errou" no apoio ao golpe de 64 57

2.1 Algumas interpretações de órgãos da mídia acerca do seu "erro" 57

2.2 Interpretação da pesquisa 64

3. As significações dos investimentos dos jornais no assassinato de V. Herzog 76

4. Significações das capas, dos editoriais e dos comunicados 98

4.1 Editoriais dos jornais: da omissão à crítica democrática burguesa e ao apoio direto à ditadura e ao menosprezo à morte de Herzog 111

4.2 Notas, telegramas, comunicados das entidades da sociedade civil 120

4.3 Alguns dados e reflexões sobre o assassinato de Herzog e a criminalização dos movimentos sociais pelo Grupo Globo. 131

Conclusão 135

Bibliografia 140

Anexo 146

INTRODUÇÃO

Objetiva-se analisar as significações imaginárias sociais do Grupo Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog, jornalista da TV Cultura de São Paulo, órgão estatal que foi acusado pelas forças de repressão da ditadura civil-militar de 1964 como membro do Partido Comunista. Em 25 de outubro deste ano (2015) fará 40 anos que ele foi assassinado no DOI.

Esta pesquisa foi motivada pela forma criminalística adotada pelo Grupo Globo, em especial, acerca da morte de Santiago Andrade, cinegrafista da Band, no Rio de Janeiro, divulgada em 11 de fevereiro de 2014, decorrente do rojão de fogos utilizado provavelmente por manifestantes, o que, tudo indica, foi acidental. Contudo, para o Grupo Globo, a morte desse profissional, por suas lentes e tintas, foi decorrente de práticas "criminosas", "vândalas", de "Black blocs",

"terroristas" e dos movimentos sociais reivindicativos "não pacíficos". O Grupo Globo sistematicamente admitia e propagava a defesa da imprensa e dos jornalistas que estava ameaçado pelos manifestantes. O direito de expressão e de informação estavam ameaçados conforme suas lentes e tintas. Essa instituição se coloca como a defensora intransigente do direito de expressão, do direito à informação. Se essa instituição midiática se arvora na sua intransigência pelo direito de informação e ataca sistematicamente as manifestações de rua, particularmente as de junho de 2013, pergunta-se: ela procedeu assim por ocasião do assassinato do jornalista Vladimir Herzog?[1]

Três anos após o assasinato de Herzog, em 27 de outubro de 1978, o juiz Marcio José de Moraes proferiu a seguinte sentença[2]:

> "Julgo a presente ação procedente e o faço para, nos termos do Artigo 4º, inciso I, do Código de Processo Civil, declarar a existência de relação jurídica entre os autores (Clarice, Ivo e André Herzog) e a ré (União Federal), [a qual] consiste na obrigação de esta indenizar aqueles pelos danos materiais e morais decorrentes da morte do jornalista Vladimir Herzog, marido e pai dos autores, ficando a ré condenada em honorários advocatícios que, a teor do Artigo 20, parágrafo 4º, do mesmo diploma legal, fixo em CR$ 50 mil".

O Globo divulgou, em março de 2013, que o novo atestado de óbito seria entregue em ato público, na sede de Geociências da USP,

1 Apenas para ilustração da criminalização dos movimentos sociais pelo *O Globo*, esse jornal dispensou apenas no dia da divulgação da morte do cinegrafista Santiago Andrade, em 11 de fevereiro de 2014, 5.622 palavras e 28.444 caracteres sem espaço com títulos. Foram excluídos desse levantamento os editoriais, as colunas e os artigos que se dedicaram ao tema nesse dia. Esses dados chegam bastante próximo ao que dispensou nos 7 dias da morte de Vladimir Herzog. Ou seja, em apenas um dia de "divulgação" da morte do cinegrafista da Band, correspondeu aos sete dias da morte por tortura do jornalista Vladimir Herzog.

2 Em 27 de outubro de 2013, disponível em: http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=31755&catid=148

pelo coordenador da Comissão da Verdade, Paulo Sérgio Pinheiro.[3] Conforme o texto, no atestado de óbito passarão a "constar como causa da morte 'lesões e maus tratos sofridos durante o interrogatório em dependência do II Exército (DOI CODI)", e não mais o texto oficial cuja a versão afirma "'asfixia mecânica por enforcamento'" (p.6).

O Instituto Vladimir Herzog disponibilizou, em sua página virtual, o novo atestado.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME:
** WLADIMIR HERZOG **

MATRÍCULA:
** 119099 01 55 1975 4 00167 271 0088264-86 **

SEXO: MASCULINO
COR: branca
ESTADO CIVIL E IDADE: casado - 38 ANOS DE IDADE
NATURALIDADE: OSIJAK, IUGOSLÁVIA-
DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO: NADA CONSTA
ELEITOR: IGNORADO
FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA: ZIGMUND HERZOG e ZORA HERZOG ***
RESIDENTE NA RUA OSCAR FREIRE, 2271, SÃO PAULO, SÃO PAULO, SP ***
DATA E HORA DO FALECIMENTO: VINTE E CINCO DE OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E CINCO - EM HORA IGNORADA H
DIA: 25 MÊS: 10 ANO: 1975
LOCAL DE FALECIMENTO: NO II EXÉRCITO-SP (DOI-CODI) NA RUA TOMAZ CARVALHAL, 1030, PERDIZES, NESTA CAPITAL ***
CAUSA DA MORTE: LESÕES E MAUS TRATOS ***
SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO(MUNICÍPIO E CEMITÉRIO, SE CONHECIDO): SEPULTADO NO CEMITÉRIO ISRAELITA, BUTANTÃ, CAPITAL.
DECLARANTE: ERICH LESCHZINER **
NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO: Dr. ARILDO DE TOLEDO VIANA, LEGISTA
OBSERVAÇÕES / AVERBAÇÕES: Óbito registrado vinte e sete de outubro de mil novecentos e setenta e cinco. Observações: O falecido era casado com CLARICE HERZOG, em São Paulo (cartório e data não declarados), tendo deixado Dois filhos menores de idade: Ivo e André. Sendo ignorado se deixou bens e testamento. Registro lavrado no Livro C-167, Folhas 271v, Termo nº 88264. b PRESENTE CERTIDÃO ENVOLVE ELEMENTOS DE AVERBAÇÃO À MARGEM DO TERMO. VIDE VERSO b**

Oficial de Registro Civil das P. N. do 7ºSubdistrito
Consolação
Aldegar Fiori - Oficial
Av. Angelica 2168 - São Paulo - SP CEP: 01228-200
Tel/Fax: 1132565506
E-mail: cartconsolacao@uol.com.br

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé
São Paulo, 01 de março de 2013
FABIO GONÇALVES VIEIRA
ESCREVENTE DESIGNADO
EMOLUMENTOS
Ao Oficial: R$ 19,30 Ao IPESP: R$ 3,86 Total: R$ 23,16

FIRMA 1
VALIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE

Os historiadores brasileiros e os pesquisadores da mídia impressa e audiovisual vêm ressaltando o papel dessa instituição no apoio à ditadura civil-militar. O próprio Grupo assumiu o apoio à

3 Após 38 anos, família de Herzog receberá novo atestado de óbito *O Globo*, 2a. Edição, 14 de março de 2013, p. 6.

ditadura em um de seus editoriais e declarou ter sido um "erro". Assim, formularam-se alguns problemas e inquietações: O Grupo Globo, incluindo *O Globo*, desde a sua fundação, prega imparcialidade e compromisso com a notícia, e nenhum vínculo econômico e político que impeça sua autonomia jornalística, todavia, pode-se afirmar que *O Globo* manteve-se "imparcial" e divulgou amplamente o assassinato do jornalista Herzog? *O Globo*, nas manifestações de rua de junho de 2013, e até hoje, vem, de forma sistemática e intensiva, denunciando essas manifestações como agressoras do direito de expressão e impedimento do direito de informar, pois os jornalistas são agredidos nelas. *O Globo* assumiu intensivamente a denúncia da falta do direito de expressão e da violência do Estado na morte de V. Herzog? Os jornais o Estado de São Paulo e a *Folha de São Paulo* apoiaram, também, a ditadura civil-militar; eles "divulgaram" na mesma proporção que *O Globo* o assassinato de V. Herzog - ou o contradisseram? Quais os sentidos imaginários produzidos por *O Globo* diante das perseguições intimidatórias e, até, de eliminação física que vários jornalistas sofreram nesse período? *O Globo* se sentiu afetado pelo assassinato de Herzog? Se sim, qual sentido de afetação? Qual o seu investimento nadecorrência da afetação?

Instituição e imaginária social

Entende-se que a sociedade só existe pelas e por instituições (Castoriadis, 2000) . As instituições são imaginárias, ou seja, elas se fazem pela representação, pela afetividade e pela intencionalidade. Elas não precisam da escrita e da formalidade para existirem; a escrita e a formalidade são formas *já instituídas*. Se são instituições

imaginárias, são produtoras de sentidos. Não há sociedade sem instauração de sentidos. O estudo das insituições imagárias é um estudo de *interpretação*, não existe o "dado", a "informação", "a priori", na sua "determinação", mas *criação de sentido* na sua *determinidade*.

Toda sociedade é "um sistema de interpretação", isto é, é "construção, constituição e criação de um mundo, de seu próprio mundo". Qualquer ataque a essa interpretação, ela o toma como um ataque à sua própria identidade (Castoriadis, 1987).

Castoriadis (1999) lembra que "os indivíduos socializados são fragmentos ambulantes e falantes de uma sociedade dada; e são fragmentos totais; isto é, encarnam, em parte efetivamente, em parte potencialmente, o núcleo essencial das instituições e das significações de sua sociedade; o indivíduo é uma criação social, tal como tal, quanto em sua forma social-histórica a cada vez dada (...) sociedade e psique são, ao mesmo tempo, irredutíveis uma à outra, e realmente inseparáveis" (280).

A sociedade só pode ser criação e autocriação, histórica (processo de auto-alteração); as suas instituições, e as significações imaginárias sociais, são criações livres e imotivadas – "ex nihilo, mas não in nihilo, nem cum nihilo" – sob condições. Essas condições implicam "causas" do habitat e o abandono da psique do seu mundo próprio (ser socializada), coerência imanente ('não exclui, absolutamente, as divisões, as oposições às lutas internas"), e as instituições devem ser completas (fechadas), ou seja,

> "toda interrogação que tem um sentido no interior do campo fechado reconduz, para sua resposta, a esse campo. Da mesma forma, em uma sociedade fechada, toda 'questão' que pode ser formulada na linguagem da sociedade deve poder encontrar uma resposta no interior do magma de

> significações imaginárias sociais dessa sociedade. Isso implica, em particular, que questões concernentes à validade das instituições e das significações imaginárias sociais simplesmente não podem ser colocadas. A exclusão dessas questões é assegurada pela posição de uma fonte transcendente, extra-social das instituições e das significações, ou seja, de uma religião" (Castoriadis, 2000, p. 285)

Essas significações imaginárias sociais não são imanentes mentais, incorporam a própria sociedade que a socializa, pois a sociedade "é um ser para si". Isso quer dizer que os "fatos sociais" não são "coisas" (externas e objetivas), "eles são só coisas sociais e essas coisas na medida em que 'encarnam', ou melhor, figuram e presentificam significações sociais. As coisas sociais são o que elas são mediante as significações que elas figuram, imediatamente ou mediantemente, diretamente ou indiretamente" (400-401). Elas se 'realizam" por uma "rede de indivíduos e de objetos que elas 'informam'" (p.401).

O mundo das significações não é reflexo do "real", o real é "produto" das significações, é "posição primeira", "inaugural", "irredutível do social-histórico e do imaginário social tal como se manifesta cada vez numa sociedade dada; posição que se presentifica e se figura na e pela instituição das significações – sempre instrumentada nas instituições do *legein* e t*eukhein* – que coloca, para cada sociedade, o que é e o que não é, o que vale e o que não vale, e *como* é ou não é, vale ou não vale o que pode ser ou valer" (p. 413).

Entende-se aqui que essas significações imaginárias não devem ser compreendidas nem como frutos do "passado" e nem como produto das "estruturas dos sistemas", mas sim como "produzidas"

no presente, tendo-se como fundamento os "edifícios simbólicos precedentes". Portanto, isso irá remeter à questão do sujeito e da instauração da realidade. Essas significações imaginárias são criadas, constituídas e construídas no cotidiano, o que exigirá sujeitos concretos que irão realizar os rituais e utilizar-se de símbolos e mitos significativos de uma sociedade.

Exposto isso, compreende-se que o Grupo Globo, especificamente *O Globo*, é muito mais que uma "empresa" de comunicação, mas importa um conjunto de representações, de afetos e de intencionalidades construídos socio-historicamente que elabora, narra uma história de si, uma "identidade" que implica suas contradições "internas" e sua externalização visando instituir ao grande público imagens positivas de si (defensora da democracia, da Nação brasileira, do jornalismo "profissional" – o que sigifica dizer científico -, defensora da Justiça, etc).

De forma didática, pode-se dizer que *O Globo* é uma organização (sentido restrito) e, como tal, possui normas escritas (Princípios editoriais, p. exemplo), profissionais (que cada um tem um papel a desempenhar: fotógrafo, jornalista, colunistas, etc), uma hierarquia funcional, etc É uma instituição quando importa os elementos já indicados anteriormente e, para existir e se fazer *sócio-historicamente* (e se faz fazendo), recorre a símbolos, rituais, mitos e linguagens (Castoriadis, 2000). Ela, a instituição imaginária, implica um lado criador (sem conotação moral) e reprodutor da ordem instituída (defensor).

Para E. Enriquez (1977), a instituição tem a finalidade de reprodução, de defesa da ordem; assim, ela impede o pensamento, a indagação, o que significa dizer que toda instituição não se questiona,

constrói verdades de si e do outro (comunista, terrorista, negro, vândalo, etc), e agirá em seu nome. Ela, também, na sua "(re)produção", lembra e esquece "memórias", registros do passado. "Resgatar as memórias institucionais", afirma Mezzano, "reconhecendo as formas oficiais instituídas, valorizadas, assim como as marginalizadas, desvalorizadas e escondidas é tentar reestabeleccer uma ligação plural e heterogênea da convivência" (Mezzano, 1996, p.53).

Mas as instituições vivem – no e pelo tempo - laços com outras instituições semelhantes, bem como com outras que constroem outras identidades distintas, naturalizando-as; e algumas vezes, contestando-as. Assim, "toda sociedade existe instituindo o mundo como o seu mundo, ou seu mundo como o mundo, e instituindo-se como parte desse mundo" (Castoriadis, 2000, p. 222).

A instituição importa não somente sua experiência organizacional, mas a da sociedade – organizações e instituições. Na relação macroinstitucional, com seus temores, medos, recalques e obsessões, na sua historicidade, ela se vai fazendo e fazendo identidades que falam em nome delas (Brasil, Nação, etc), tecendo e sendo tecida pelo imaginário que a domina.

A "televisão" é um dos veículos que constroem essas significações de integração nacional; na ditadura, produziram, via tv, essas significações de "nação integrada"...em via de desenvolvimento. Para Helena Alencar (2013), "a propagação do 'verde-amarelismo' na mídia brasileira é bastante clara (...) o caso da Rede Globo, por exemplo, revela a identificação de um modelo de telejornalismo nacional que pressupõe o acesso a todos os rincões do país com objetivos de construir uma identidade nacional" – enquanto uno, único e homogêneo, apesar das dispariddes regionais e da

hierarquização de classe e da etnia, por exemplo. Deus e Natureza, Helena Alencar observa que esses são os elementos constituidores da Nação brasileira e que são motivos de orgulho: território, beleza, riquezas naturais, amenidade do clima e ausência de calamidade.

O presidente Ernesto Geisel, em plena ditadura, no período do assassinato de Vladimir Herzog e das prisões de vários jornalistas no RJ e em SP, e de estudantes e docentes da USP, no Congresso da Asta, congresso internacional de turismo realizado no Rio de Janeiro, reafirma esse imaginário de beleza e cordialidade do povo brasileiro: "Nossa história tem sido incessante afirmação dos valores da cordialidade, que nos orgulhamos em cultivar. Temos a convicção de que as virtudes da compreensão humana constituam a melhor inspiração quo podemos oferecer a todos os povos da Terra. Se assim sempre foi no passado, pode-se dizer, hoje, que a convivência harmoniosa de raças o credos, como traço marcante do caráter nacional, é a maior contribuição da sensibilidade e do espírito brasileiro ao mundo moderno.". Complementa: "Nosso país está sempre aberto aos que o procuram, para usufruir a beleza da sua paisagem e o convívio de sua gente, realizando aqui seu comércio de bens a de idéias. Essa constante traduz a vocação inata de nosso povo para a fraternidade".

Na celebração pelo Estado brasileiro dos 500 anos do Brasil, Frighetto (2006) observa que as Organizações Globo adotam esse imaginário de brasilidde: "o apelo ao envolvimento emocional dos brasileiros, à união nacional, à terra bonita por natureza, à miscigenação harmoniosa (sobretudo entre portugueses e índios) e o chamamento a um novo descobrimento, com olhos voltados para o futuro" (Frighetto, 2006, p.29).

Patrimonialismo à Casa Grande e Senazala

Lê-se o Brasil como um "país", um "estado-nação" (imaginários) de corte patrimonial-capitalista que se alimenta ainda de símbolos e imaginários da Casa-Grande. O patrimonialismo nunca sofreu qualquer desafio significativo: no período colonial, na independência, nas Repúblicas (Carvalho, 2000) – diria insuficiente, na "redemocratização" com as emergências dos trabalhadores urbanos e rurais, com o movimento feminista, etc. O imaginário de "bem público", de "democracia" é transversalmente atravessado de lógicas da Casa Grande, que obrigam os cientistas sociais a qualificar e denominar sempre os espaços da "sociedade civil" de "estadania" (Carvalho), "cidadania relacional" (Damatta). Predomina uma hierarquia social que "regulamenta" as formas de agir das organizações e dos envolvidos, atingindo frontalmente, normalmente com repressões físicas e assassinatos, as experiências democráticas e participativas autonomistas dos trabalhadores em geral, das mulheres, dos negros, dos estudantes, etc. Não é à toa que *O Globo* recorre a essas significações imaginárias da tutela nas manifestações, classidicando-as de "pacíficas" e "não pacíficas". Logo, manifestações "ordeiras" (aceitáveis) "não ordeiras" (não aceitáveis). Esses movimentos não o ameaçam quando tutelados, o que tem implicações práticas nas relações intrainstitucionais e nas relações pessoais em seu cotidiano – tem implicações na forma de dominação brasileira. A educação vem "falhando" aí: prisioneira da tutela, educa por ela e para ela. A hierarquização e a infantilização interinstitucional da instituição educação (do MEC às escolas "públicas") não se faz à toa: respeita essa lógica da tutela.

Para Carvalho (2000), "foram os vícios, como o patrimonialismo, o clientelismo, o autoritarismo, que impediram uma política que visasse à integração de todos os brasileiros numa comunidade nacional marcada por grau aceitável de equidade" (Carvalho, 2000, p. 26).

Para Chauí (2000), a nação é uma invenção mítica e exige uma fundação - portanto, tem uma história. O nosso país passou de um "caráter nacional" para uma "identidade nacional". O primeiro é pleno, completo, com uma totalidade de traços coerentes, fechada e sem lacuna; o segundo define um núcleo essencial, invoca a consciência nacional e a tensão. Ela conclui: o Brasil é um semióforo historicamente produzido. Ora, "a fundação se refere a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal". Segundo essa autora, a fundação é instituída enquanto mito visando a uma saída imaginária das tensões, dos conflitos e das contradições. Estará sempre se reinstituindo e se realimentando de novos meios e valores, tornando-se repetição de si mesma. A ideologia se aproveita desse mito fundador, atualizando-os para "adequá-los à nova quadra histórica". (p.9)

No núcleo do imaginário do "estado-nação" de "brasilidade" constam a "família", a "a democracia racial", "a superioridade da etnia branca", "Nação pacífica[4], "odeia o ódio" (o que implica ojeriza a qualquer experiência autonomista, de singularidade, e como tais,

4 José Murilo de Carvalho chama a atenção para essa dissociação entre povo (e etnias negras e índias) e governo dando o exemplo da celebração dos 500 anos do "Brasil": " as verbas do governo federal gastas nas festas, R$ 66, 7 milhões, equivaleram a 11 vezes o montante de investimentos na Funai (...) só o pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Hannover vai custar R$ 13, 6 milhões, 2,3 vezes mais do os investimentos da Funai"(2000, 14-15).

aversas às significações da Casa Grande, às hierarquias). Ele *se realiza se fazendo* na "ambiguidade" e no "englobamento" (DaMatta), o que importa construções discursivas (que são práticas) do não reconhecimento da existência de racismo, do não reconhecimento da ditadura civil-militar, pois as instituições (em sentido restrito), nessa ótica, inexistiram durante a "revolução" (partidos, justiça, etc), do não reconhecimento do machismo, visto que, quando elas sofrem violências, é porque quiseram, mereceram. Ou seja, *nega a existência de*, mas *assume a violência* justificando que *mereceu*, fez por *procurar*, por *merecer* (terroristas, comunistas, vândalos, mulheres, negros, bandidos, etc). A democracia deve ser realizada, apenas, dependendo do humor – o homem cordial, Holanda (1994) - daqueles que controlam as organizações e instituições; se for necessário um golpe que se faça, em nome da democracia, em seu nome. Assim se fez. Assim se tem feito.

Forget (1994), em análise do discurso da ditadura militar, no governo Costa e Silva, chama a atenção para o uso da ""Nação". Ela observa: "as denominações nação, povo e, algumas vezes, pátria, frequentemente encontradas nos discursos estudados, devem ser colocadas em relação com o vós, do qual parecem constituir um prolongamento". O presidente deixa transparecer em seu discurso que há divisão na nação, mas não a identifica – assim procedendo, exclui esses grupos do diálogo. Ela observa que, "em vez de falar de divisão no seio da Nação, proede-se por julgamento de autoridade: o *eu* e o governo contam com autoridade para decidir o que é e o que não é bom; trabalhando em prol da Nação, o governo também se arroga o direito de castigá-la". Assim, a autora observa uma contradição: "se a Nação representa o objetivo da ação, aquilo que deve se defender

do inimigo, em certos momentos a Nação assume o papel de inimigo ("é necessário defender a Nação contra si mesma") (Forget, 1994, 74, 76).

Em síntese, a autora advoga pela análise de discurso em que "as ordens e ameaças são ramente explícitas" (e não nas formas imperativas do linguístico) – recorrendo à forma impessoal e qualificadora. O governo conversa com ele próprio, "apenas são aceitos como parceiros da interlocuação aqueles (vós) que não entram em conflito ideológico com o orador: este último cria no texto uma identidade de interesses entre ele e seu destinatário ao associá-lo à *Nação*." (Forget, 1994, p.89)

O Grupo Globo, segundo se entende, compartilha e assume a "vanguarda" dessas práticas conforme várias pesquisas indicam na área da história, da comunicação, da sociologia, etc. No caso do jornalista Vladimir Herzog, esse imaginário social se repetirá, ou o imaginário institucional de comunicação falará mais alto e em defesa da "corporação" se rebelará?

Procedimentos metodológicos

Foram escolhidos os jornais de São Paulo, a *Folha de São Paulo* e o Estado de São Paulo (Estadão), por serem reconhecidos nacionalmente como pertencentes à grande corporação *Folha de São Paulo* (FSP), que cresceu e ampliou os seus tentáculos mercadológicos, como a Globo, durante a ditadura civil-militar. A inclusão do Jornal do Brasil (JB), também do Rio de Janeiro, poderia ter sido feita,

contudo, a pesquisa, ainda em andamento, voltará, se possível, a esse tema. Mas a exclusão do Jornal do Brasil não interferirá na análise até aqui feita. Pelo contrário: os dados iniciais extraídos do JB se afastam de *O Globo* e reforça a análise da pesquisa: produziu editorial criticando o Estado (28/10/1975); publicou duas matérias sobre Herzog na capa; elaborou matérias com pontos do relatório do II Exército sobre a mãe, a esposa, a religião judaica (carta do rabino de São Paulo) e amigos de Herzog; dois textos do colunista Castelo; matérias sobre a greve da USP; menções e notas de apoio ao sindicato dos jornalistas e solidariedade à família de Vladimir Herzog. Quanto aos estudos de frequência, os materiais acessados não permitem a reprodução do material em cópia de imagem/word – um dos motivos de a pesquisa ter se distanciado dessa fonte e das suas amostras.

Quanto à recolha de dados, foram feitos levantamentos desses jornais, da FSP e do Estadão dos dias 26 a 31 de outubro de 1975 e do dia 20 de dezembro do mesmo ano. O dia 20 de dezembro foi escolhido por ter sido o dia em que o governo divulgou o relatório do assassinato que retira do Estado a responsabilidade da morte de Vladimir Herzog. As primeiras datas foram selecionadas pelo motivo de que interessava "captar" as significações imaginárias no "calor" do assassinato, quando as instituições estariam afetadas (e afetando outras instituições) pelo ocorrido.

O imaginário social é "identificado" pelos seus "efeitos". Afeto, conforme Zimerman (2012), deriva do latim afféctus e refere-se a "um estado físico ou moral, uma disposição de espírito, sentimentos que afetam o psiquismo, tanto no que diz respeito a afeições (amizade, amor, ternura) como ao vocábulo affecções, no sentido de processo mórbido" (p. 49). O afeto exprime "qualquer estado afetivo, penoso

ou desagradável [...] quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral [...] o afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações" (LAPLANCHE; PONTALIS, 1995, p. 9).

Ora, esse afeto está implicado com o investimento canalizado para o objeto. Isso quer dizer que investimento é o uso de "uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.". Chamamos a atenção, aqui, para o "quantum afetivo" e o "valor afetivo" dedicado ao objeto (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 254)

Todos os jornais foram coletados pela internet. Os jornais *O Estadão* e *O Globo* foram adquiridos por meio de assinatura anual, enquanto o acesso à *Folha de São Paulo* foi gratuito, também pela internet. Os links de todos eles correspondem ao "Acervo". Foram selecionadas matérias que estavam diretamente ligadas ao ocorrido, assim como os editoriais.

Para a computação das frequências de palavras e caracteres sem espaço, foi preciso salvar as matérias da internet – a FSP e *o Estadão* ficaram no formato de imagem. Posteriormente, recorremos ao programa de conversão de imagem em texto Abby Fine Reader. No word, fizemos a contagem pelo seu programa específico. Já quanto a'*O Globo*, as páginas foram salvas em PDF e transformadas em imagens, as quais, por conseguinte, foram tratadas conforme mencionado acima.

Para identificar o "afeto" e seu "investimento" sobre o assassinato de V. Herzog, decidimos, também, analisar as capas dos jornais desse período, identificando temas, imagens e suas frequências.

Computamos os textos selecionados por palavras e frequências, identificamos e selecionamos os editoriais - porta-voz oficial dos donos dos jornais -, e as notas/comunicados/laudos/perícias etc. do Estado, dos sindicatos de SP, MG e RJ, bem como de diversas entidades que se pronunciaram por esses meios.

A computação das matérias com e sem as notas foi feita pelo motivo de que foi notado que *O Globo* apenas postava a nota do governo "esclarecendo" o "suicídio", sem produzir um texto de autoria do jornalista responsável pela matéria. Quando retiravam as notas divulgadas "do governo" e do "sindicato dos Jornalistas de São Paulo", desapareciam as "implicações"[5] sobre o assunto. A matéria ficou enxuta, pelo menos no dia 27 de outubro, por exemplo.

Será apresentado aqui, e com concentração nele, o estudo das frequências de palavras e caracteres sem espaço, frequência dos temas e seus sentidos. Essas frequências estão associadas entre si (capas, ausência de editoriais em *O Globo*, mas presentes nos outros jornais, etc.) pela ênfase dos temas das capas e por algumas matérias que destacavam o governo, sobretudo quando comparadas aos outros jornais, como no aspecto histórico de *O Globo*. Os estudos do texto propriamente dito estarão concentrados, apenas, em um editorial de *O Globo* (26/10): apesar de ele não tratar da morte de Herzog, é significativa para esta análise, pois revela os laços afetivos de *O Globo* com o governo: esse jornal faz uma crítica ao governo brasileiro por votar contra o Estado de Israel. Pergunta-se: por que o governo não fez o mesmo com o governo brasileiro no que se refere ao assassinato de Herzog?

5 Na relação do objeto afetado com o analista há implicação (na produção de conhecimento com pessoas). Na produção jornalística do objeto fato/notícia há implicação e afeto, apesar de a redação jornalística visar à neutralidade e à imparcialidade.

Para efeito deste texto, computamos e analisamos a frequência de palavras e caracteres sem espaço de 24 matérias de *O Globo* referentes à Vladimir Herzog e às suas repercussões, 45 da FSP e 39 do Estadão. O afeto, materializado nas frequências e temas, é significativo na distância que separa *O Globo* dos outros dois jornais.

O estudo das significações imaginárias implica o estudo histórico, tanto no sentido cronológico (datas e personagens, acontecimentos, etc.) quanto no que diz respeito à perlaboração: retorno afetivo do passado. Neste estudo, o texto é analisado como parte de uma estrutura de editoração (projeto gráfico), em particular no que tange às dimensões político-ideológico-culturais, levando-se em conta as fotografias e seus nexos com o contexto. Ou seja, as dimensões conotativa e denotativa. Obviamente, segundo Castoriadis (2000, p. 392),

> não há denotação em oposição a uma conotação; a ideia de uma denotação implica necessariamente uma ontologia da substância-essência, da ousia, de um ente em si definido e distinto fora da linguagem, completo e fechado em si mesmo, a que a palavra seria dirigida, claramente: da coisa, real ou ideal e à qual poderiam se opor os comitantes (symbebekota) que lhe apareceram objetivamente ou os acidentes advindos à palavra em sua utilização linguística.

A língua implica a possibilidade de emergência de "novas significaçações ou aspectos de uma significação" inerente à sua própria totalidade sincrônica". A língua "oferece aos locutores a possibilidade de *se localizar* em e por aquilo que dizem *para aí moverem-se*, de se apoiar no mesmo para criar o outro, de utilizar o código das designações para fazer aparecer outras significações ou outros aspectos das significações aparentemente já dados" (p.398)

As análises das imagens "estáticas" (fotografias) interessavam na sua denotação e conotação – feitas as ponderações anteriores que Castoriadis fez e também aquelas pelo próprio Barthes. Barthes (1990, p. 303-304) alerta que a "foto é o centro, mas que os contornos são constituídos pelo texto, título, legenda, paginação e, de maneira mais abstrata, mas não menos 'informante', pelo próprio nome do jornal" – a foto é dotada de autonomia estrutural. Para análise, devemos incidir sobre cada estrutura separada: a linguagem e, propriamente, a foto.

Devemos identificar o analogon da foto: ausência de código, mensagem contínua. Por outro lado, é necessário perceber que além da existência do analogon objetivo (denotado), há o conotado, "que é a maneira como a sociedade dá a ler, em certa medida o que ela pensa". O autor chama a atenção de que o estatuto puramente de "objetividade" é um mito, "pois há uma forte probabilidade [...] para que a mensagem fotográfica (ao menos a mensagem de imprensa) seja também ela conotada". Ou seja:

> uma fotografia de imprensa é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas, que são outros fatores de conotação; [e, doutra parte, essa] mesma fotografia não é apenas percebida, recebida, ela é lida, ligada mais ou menos conscientemente pelo público que a consome a uma reserva tradicional de signos [...] o paradoxo fotográfico seria então a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico) e outra com código) (BARTHES, 1990, p. 305-306).

O autor adverte sobre a relação entre fotografia e texto, e, neste caso, entre a matéria e a legenda: "a imagem já não ilustra a palavra, é a palavra que, estruturalmente, é parasita da imagem [...] a imagem não

vem 'iluminar' ou 'realizar' a palavra; é a palavra que vem sublimar, patetizar ou racionalizar a imagem". Quanto mais próximo o discurso da foto, mais conotado está pela própria "natureza" da fotografia, sobretudo por sugerir objetividade. O texto pode tanto ampliar a fotografia em consonância, quanto contradizê-la, produzindo uma conotação compensatória (ibid, p. 311-312).

Foram encontradas conotação perceptiva, cognitiva, ideológica, entre outras. A primeira é a percepção do leitor; a segunda, o conhecimento cultural; e, por último, os valores que alimentam a imagem e seus símbolos. Barthes (1990, p. 315) afirma que conotação é uma "atividade institucional", ou seja, "a escala da sociedade total, sua função é integrar o homem, isto é, dar-lhe segurança. Todo código é a um tempo arbitrário e racional".

Estruturalmente, este texto está organizado em duas divisões, a saber: 1) as significações dos investimentos dos jornais sobre o assassinato de V. Herzog. Nesta seção, a pesquisa empírica toma a forma de frequências e são apresentadas as comparações entre os jornais acerca do assassinato de V. Herzog; 2) significações das capas, dos editoriais e dos comunicados. Análise das frequências dos textos e das dimensões conotativa e denotativa, bem como dos editoriais dos jornais, destacando a omissão à crítica democrática burguesa, apoio direto à ditadura e menosprezo à morte de Herzog. Análise dos jornais quanto aos aspectos político-ideológicos; notas, telegramas, comunicados das entidades da sociedade civil. Exposição das notas na íntegra da sociedade civil diante do assassinato de Vladimir Herzog, extraídas dos jornais FSP e Estadão, não divulgadas por *O Globo*.

1 Jornais, Herzog e jornalistas mortos, desaparecidos e perseguidos.

1.1 Quais são os jornais investigados nesta pesquisa?

1.1.1 Estado de São Paulo (Estadão)

Em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez "A Província de S. Paulo", seu nome original. Somente em janeiro de 1890 receberia sua atual designação. O jornal foi fundado por 16 pessoas, as quais foram reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, concretizando uma proposta de criação de um diário republicano durante a realização da Convenção Republicana de Itu. O propósito era combater a monarquia e a escravidão.

No início de 1888, meses antes da Proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército, passou a colaborar com "O Estado" sob o pseudônimo de Proudhon. Em 1902, Júlio Mesquita, redator desde 1885 e genro de José Alves de Cerqueira César, um dos 16 fundadores, tornou-se o único proprietário. Em 1930, o jornal apoiou a "Aliança Liberal" e a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em oposição a Júlio Prestes. No mês de agosto de 1932, Getúlio Vargas convidou Armando de Salles Oliveira – genro de Júlio Mesquita - para ser o interventor federal em São Paulo. Em 1964, "O Estado" apoiou o movimento militar que depôs o presidente João Goulart. O Editorial do golpe, apoiou-o. A "Marcha da Família" em defesa da ditadura foi apoiada pelo Estadão e pelos outros dois jornais. Ruy Mesquita,

indagado sobre a participação do Estadão no golpe, afirmou: "A nossa participação foi sempre, evidentemente, só como jornal, no campo das idéias" (LUA NOVA, 1984, p. 27).

Questionado sobre o porquê de os liberais apoiarem a ordem instituída, ele colocou a culpa em Jango, como os outros jornais, a FSP e *O Globo*: "É que Jango, pelas suas próprias condições culturais, era um incapaz. Era até uma boa pessoa para o convívio social, mas completamente despreparado para algum dia ser presidente da República, muito menos num momento como aquele". Num dos editoriais do Estadão, perguntou: "E até quando permanecerá de braços cruzados o Exército" (AQUINO, 1999, p. 45).

Para o historiador Melo (2012), os jornais, inclusive *o Estadão*, "venderam a versão de que era Jango quem pretendia dar um golpe, perpetuando-se no poder e abrindo o espaço para que a 'infiltração comunista' tomasse o poder". Chegou, até de "modo pejorativo e pouco polido" fazer referência ao chefe da nação, João Goulart, como pertencente a uma "fauna" (AQUINO, 1999, p. 44).

"Apesar de defender a democracia", observa Aquino (1999), "OESP entendia as atitudes de João Goulart como interferência demasiada do governante e usurpação dos direitos naturais dos indivíduos, portanto como alvo de resistência da sociedade civil". Para a autora, *o Estadão* pode ser localizado como um lockeano, demonstrando coerência política ao ser liberal e defensor do golpe:

> os não-proprietários não têm capacidade de uma ação política racional, não têm também direito à revolução, reservada somente àqueles que têm probabilidade de uma 'decisão racional'. Deste modo, encontram-se plenamente justificados os proprietários de OESP na proposição da rebelião armada contra um governo

> democraticamente instituído, uma vez que acreditam estar defendendo os direitos naturais dos homens contra o abuso do poder do governante; enquanto proprietários, acham-se no direito, pois dotados da capacidade de ação política racional, de propor a revolução (AQUINO, 1999, p. 40).

Diferentemente da *Folha de São Paulo*, *o Estadão* sofreu cedo a censura pela intervenção militar. Aquino (1999) observa que, de 29 de março de 1973 a 3 de janeiro de 1975, *o Estadão* sofreu 1.136 censuras nas matérias, incluindo apenas as de palavras. Em dezembro de 1968, o jornal foi impedido de circular devido ao editorial "Instituições em frangalhos"[6]. A partir de 1971, o jornal passou a publicar textos deslocados da página correspondente; na seção política, publicava poesia, como de Camões, indicando protesto pela censura. Em 19 de setembro de 1972, no local da matéria, ficou o espaço de chamada no interior do jornal. Em 19 de junho de 1973, os autores observaram em duas matérias táticas de denunciar a censura, entre elas um espaço em branco (REIS, 2013, p. 10-11). O assassinato do jornalista Vladimir Herzog foi um dos atritos com a ditadura militar, conforme Maria Aparecido Aquino (1999).

Se esses atritos, de 1973 a 1975, não representavam divergências profundas, remetiam às questões de ordem dos direitos humanos e não emergiam quando o assunto era economia central, adverte Aquino (1999, p. 73):

> é preciso enfatizar que as críticas, de modo geral, não representam divergências profundas em relação à condução da política econômica por parte dos governos

6 Motta (2013) esclarece que Júlio de Mesquita Filho, dono do jornal Estadão, "fez crítica demolidora ao governo Costa e Silva, responsabilizando-o pela crise e pela derrota do pedido para punir o deputado Márcio Moreira Alves". Em sua avaliação, na perspectiva do Estadão, o deputado deveria ser punido sem o ataque ao Congresso.

> 'revolucionários' [...] não discordava em profundidade do modelo econômico concentrador de renda, baseado no endividamento externo e nos privilégios das multinacionais e em uma política de debelamento da inflação.

Se alguns pesquisadores e a própria empresa ressaltam a sua perseguição pela ditadura, Motta (2013), em sua pesquisa sobre publicação com charges nos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, *o Estadão*, extraindo *O Globo*, foi o mais governista entre eles, com defesa de intervenção militar antes do golpe. Conforme Mota (2013, p. 69), "entre os que apoiaram a intervenção militar, o mais engajado foi sem dúvida *o Estadão*". *O Estadão* foi o primeiro a criticar o governo militar não somente por suas arbitrariedades nos direitos humanos ou em sua política desenvolvimentista e social, mas pela ditadura militar "apresentar medidas reformistas ao Congresso, como projetos de reformas agrária e de estabelecimento de voto para os analfabetos, iniciativa semelhante às defendidas por Goulart".

Acrescentando novos dados sobre a política editorial do jornal, Mota (2013, p. 70) ressalta que, "até o final da vigência do primeiro Ato Institucional, os chargistas do Estadão continuaram apoiando as medidas repressivas, como a proibição da UNE e a demissão de funcionários públicos, aí incluído o grupo de professores de medicina da USP expurgado em outubro de 1964". Em 1965, conforme o autor, há novos atritos ou diferenças de visão na condução da ditadura: *o Estadão* defendeu o adiamento das eleições e foi contrário ao AI 2, que criou eleições indiretas – essas medidas eram contrárias ao candidato Carlos Lacerda, apoiado pelo Estadão (MOTTA, 2013, p. 69-70).

Com o endurecimento da ditadura em 1968 e vários protestos nas ruas, "as charges de Hilde e Biganto", do Estadão, "que em 1964

clamavam por mais dureza nos expurgos, em 1968 passaram a atacar a legislação autoritária, por atentar contra os 'ideais de março', e a criticar Costa e Silva (o Dr. C&S) por violências contra a democracia". Entretanto, essas críticas "foram mais leves, tendendo a concentrar a carga nos ministros do governo" (idem, p. 78-79).

1.1.2 Folha de São Paulo (FSP)

A Folha teve início em 1921 com a criação da "Folha da Noite" e, em 1925, foi criado o "Folha da Tarde". Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundiram (incluindo o "Folha da Manhã") e originou o jornal *Folha de São Paulo*. O propósito inicial de Alves de Lima, que assumiu o jornal em 1931, era defender os interesses "da agricultura", ou seja, dos produtores rurais. Em 1962, Octávio Frias comprou o jornal Folha e, em 1965, também os jornais populares "Última Hora" e "Notícias Populares", além de um terço da TV Excelsior. No dia 31 de março de 1964, início do golpe, a Folha estampou: "Os clubes Naval e Militar tomam posição conjunta" e "Plano para matar Arrais em Maceió". Em 1 de abril de 1964, as chamadas da primeira página abriram espaço para as mensagens do Exército, sem exaltá-lo, mas sinalizando que o golpe não era um ato isolado (p. ex, "Adesões aumentam", diz Exército).

A empresa Folha entregou a hoje extinta Folha da Tarde diretamente aos agentes da repressão (inclusive colocando policiais na redação), para, supostamente, reagir à "infiltração" da organização armada Aliança Libertadora Nacional (ALN) e de seu dirigente, Carlos Marighella. O ex-delegado Claudio Guerra afirmou à Comissão da Verdade que os recursos vinham de bancos, como

o Banco Mercantil do Estado de São Paulo, e de empresas, como a Ultragas e o jornal *Folha de São Paulo*. "Frias (Otávio, então dono do jornal) visitava o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), era amigo pessoal de Fleury", afirmou o ex-delegado. Apesar de uma imagem de homem gentil, amigável, Frias expôs a um dos jornalistas que trabalhou na Folha, Vasco Oscar Nunes: "no recôndito do seu egoísmo era um ditador". (PIRES, 2007, p. 307).

A FSP foi lembrada não apenas nesses eventos, mas nos que antecederam ao golpe, fazendo campanha aberta contra João Goulart, presidente da República, e aumentando muita a oposição quando Jango tentou aprovar estado de sítio no Congresso. Apoiou, também, a Marcha da Família, ações que antecederam e fortaleceram o desejo de golpe. Nem Paulo Freire escapou da crítica dos editoriais da FSP ao associá-lo às ideias comunistas:

> [...] são pois fundados os temores de que a alfabetização, de que agora cuida o ministério, seja usada não para o nobre fim que aparentemente se propõe, mas com o objetivo de incutir a semente comunizante em milhares de nossos patrícios. O método Paulo Freire, que vem sendo empregado, presta-se aliás de forma excelente para isso".

O sociólogo Emir Sader[7] acusou toda a mídia de que ela sempre esteve ao lado de golpistas e, consequentemente, de que ela não podia fazer sua própria história. Criticou a FSP por tentar, em vão, essa narrativa a partir do "livrinho" "Folha explica Folha", através de sua funcionária Ana Estela de Sousa Pinto, "que não tem a mínima isenção para analisar a trajetória da empresa". Sader acusou-a de "mentirosa" ao registrar, citando-a, que "a posição da Folha foi

7 SADER, Emir. A Folha tenta se explicar, em vão. Carta Maior. Disponível em: http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/12/folha-de-sao-paulo-ditadura-militar.html. Acesso em: 05 jun. 2015.

oscilante ao abordar o governo de João Goulart (1961-1964) e a ditadura que o sucedeu", não correspondendo aos fatos, já que o "jornal fez campanha sistemática pelo golpe militar".

A FSP assumiu para si a responsabilidade de ser "guardiã" do Congresso Nacional, convocando-o em seu recesso, através de seus editoriais, para que o presidente não aprovasse o estado de sítio (DIAS, 2010). A tese da FSP era a de que o presidente estava querendo reforma para manutenção no poder. Da mesma forma que apoiou a Marcha da Família", ficando ao lado da ordem, criticou a "revolta dos marinheiros" e não permitiu levantes que quebrassem a hierarquia. O golpe era necessário e impossível de ser evitado. A FSP, após alguns dias, em seu editorial, propagou a necessidade do "sacrifício" para redenção da pátria, sendo necessário dar mais do que trabalho de todos os dias e a confiança: "[...] Dirige-se aos que se acham dispostos ao sacrifício de interesses, de bens, de direitos, para que a nação ressurja quanto antes, plenamente democratizada" (DIAS, 2010).

A FSP não apenas apoiou a ditadura, mas atuou no dia 31 de março, no dia do "golpe", lançando uma edição especial de 44 páginas, denominada "64 – Brasil continua". Ora, um lançamento desse só seria possível se a FSP já soubesse da data do "golpe". Essa edição foi "entusiasta" com o que estaria por vir, apresentando-se como um porta-voz do progresso, com diversos anúncios, demonstrando a vitalidade do país e, ao encerrar, bradando com um "avante" (DIAS, 2013).

Acrescentando dados, argumentou que:

> A transformação da Folha da Tarde [FT] num órgão diretamente vinculado à ditadura militar e a seus órgãos repressivos, o papel de Carlos Caldeira, sócio dos Frias,

> no financiamento da Oban, assim como o empréstimo de veículos da empresa para dar cobertura às ações terroristas da Oban, são coerentes com essas posições. De Caldeira, ela não pode deixar de mencionar que 'tinha afinidade com integrantes do regime militar e era amigo do Coronel Dias'. Caldeira não era o único com conexões militares. Na redação da empresa havia policiais, civis e militares, tanto infiltrados como declarados – alguns trabalhavam armados.

Desmentindo-a, a única prova testemunhal utilizada em seus argumentos sobre o uso dos carros da Folha da Tarde para repressão, tentando minimizar essa participação, foi a do major Carlos Alberto Brilhante Ustra, diretor do DOI-CODI, condenado pela Justiça Militar como torturador. Testemunhas combateram essa versão, já que foram vistos no pátio do DOPS várias vezes, concluiu o sociólogo.

A FT, pelos serviços prestados à ditadura, ficou conhecida como "'jornal de maior tiragem'. A expressão se deve ao fato de que muitos dos jornalistas que trabalharam eram igualmente 'tiras' e exerciam cargos na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo", afirma Kushinir em entrevista à jornalista Anna Beatriz Anjos.[8] Ela observa ainda que a FT "carrega a acusação de 'legalizar' mortes decorrentes de tortura, se tornando conhecida como o Diário Oficial da Oban".[9]

A historiadora Sonia Meneses (2013) argumenta que a FSP criou a estratégia de construir uma imagem não afeita à ditadura – produziu o "esquecimento" e lembrou de seu papel na economia,

8 **Revista Fórum. Para a historiadora, a censura foi aceita pelos grandes jornais no pós-64, os quais mantinham policiais nas redações para que tudo ficasse sob controle. Disponível em: http://revistaforum.com.br/digital/141/ditadura-militar-a-grande-imprensa-nao-afrontou/**

9 Cf Imprensa, ditadura e democracia: a construção da autoimagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004), de Elaine Muniz Pires, 2007.

na democracia e no desenvolvimento da tecnologia empresária do jornalismo[10].

Diante de 64, a FSP justificou-se:

> foi inicialmente celebrado e formulado como ocorrência exemplar e positiva, narrado como 'Revolução' necessária, imediatamente associada a outros eventos, de forma a conceder-lhe densidade histórica, [...] o acontecimento [1964 a 1975] é celebrado de forma efusiva pelo jornal como tendo sido o evento marcante que recolocou o País no 'rumo' certo.

De 1977 a 1985, a FSP mudou a sua direção de imagem e de política editorial. O ciclo de 1964 tinha terminado e "não interessava interrogar quem havia auxiliado ou tivesse sido responsável por sua efetivação, mas quem se engajaria na mudança" (concentrando-se nos debates da abertura, das eleições diretas). A morte do jornalista V. Herzog, nas dependências do DOI-CODI, "levaria o jornal a começar a se afastar do episódio, iniciando uma nova fase na construção de sua identidade política".

Sonia Meneses (2013) interpreta essa mudança de posição ao longo dos anos como um

> bem-sucedido projeto de reconstrução de sua imagem pública e sobre a memória de sua participação nos eventos em que, poucos anos antes, havia desempenhado um papel capital como apoiador. Antecipa-se, capturando para si a luta pela democracia e pela abertura política, numa estratégia de esquecimento que priva e controla narrativas autorizadas a partir dos conteúdos divulgados em suas páginas. Abrir-se para diversas vozes era uma maneira

10 André Bonsanto Dias (2011) afirma que a FSP "era vista como um jornal 'fragmentado', disperso e sem uma identidade própria"; com a entrada de Otávio Frias, em 1980, se firma como um "jornal crítico, plural e apartidário". Conferir, também, Imprensa, ditadura e democracia: a construção da autoimagem dos jornais do Grupo Folha (1978/2004), de Elaine Muniz Pires.

> dissimulada de tornar-se o lugar autorizado de onde elas devem partir. Melhor ter exilados, presos políticos e intelectuais falando dentro do jornal do que de fora dele.

A FSP, em sua "mudança", mudou, também, a designação da ditadura: "de 'revolução de 1964' para 'movimento de 1964' e, finalmente, para regime autoritário, em fins dos anos de 1980". Assim, a realidade 64 se transformou em "artefato histórico plenamente configurado no conjunto das grandes ocorrências históricas do Brasil" (MENESES, 2013). Essa estratégia da FSP de construir uma imagem isenta, plural e objetiva é "traída[a] pela própria dialética entre seu lugar social e sua atuação como veículo de mediação" (MENESES, 2009).

Em 1964 coexistiram várias designações da ditadura: "a revolução", "revolução de março" ou "revolução de 64". Ela sentiu pouco a presença da repressão em seus jornais, "uma vez que a postura do próprio jornal é de se manter ao lado do regime". Apesar de bradar a pluralidade do jornal, não havia "preocupação em apresentar outras reflexões que relativizassem aquelas ocorrências".

A FSP buscou construir uma identidade pró-democratização, "um enquadramento sobre o passado com um 'olhar futuro" que implicou uma "instrumentalização da memória", pautada em "estratégia de esquecimento" (DIAS, 2011, p. 133). Contudo, "a empresa colaborou com a instalação e manutenção da ditadura militar, assim como com seus métodos repressivos; apoiou e promoveu o projeto de 'distensão e abertura política' a partir do governo Geisel; auxiliou o processo de eleição de Fernando Collor de Mello" (PIRES, 2007, p. 313).

Motta (2013) vai relativizar o papel da FSP na ditadura, apesar de reconhecer seu envolvimento – para ele, houve "graus" diferentes de envolvimento em apoio à ditadura diferentes (aconteceram resistências e críticas, às vezes, no mesmo jornal, as charges diferiam dos editoriais). Sua análise se concentra nas charges e na comparação com os seguintes jornais: Jornal do Brasil, *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estadão*. Focar-se-á aqui no jornal Folha. Conforme o autor, "a grande imprensa preferiu os riscos da intervenção militar às ameaças de um processo de esquerdização com apoio no Estado, tendência que identificaram no governo deposto" (MOTTA, 2013, p. 67).

A FSP foi bastante simpática com o governo de Castelo Branco, "retratado como dirigente comprometido com a reconstrução do Brasil e fiel a valores liberais" – diferenciando-o da ala radical da direita. Essa "ala radical" foi expressa nas charges como a "falsa democracia", "que pressionava Castelo Branco para o fechamento do regime, principalmente o cancelamento de eleições". Para o autor, a crítica à "falsa democracia" era dirigida ao Estadão, que defendia o adiamento das eleições. Esse mesmo autor observa que a Folha se afastou de Castelo Branco em razão do "aumento progressivo das ações autoritárias, e manifestou isso no seu editorial de 29 de maio de 1965, com a denúncia da censura às editoras, à Lei de Imprensa de 1967". Com os conflitos nas ruas em 1968, os jornais criticaram as ações do governo, focando nos ministros – com exceção de *O Globo*.

A FSP recebeu bem o novo presidente, Garrastazu Médici, elaborando uma "charge amigável" – em consonância com o editorial que falava sobre o "otimismo e das expectativas positivas geradas pelo discurso de posse de Médici" (MOTTA, 2013, p. 81).

1.1.3 Instituição e organização Globo: concisa história

O Grupo Globo, em suas produções imaginárias fundacionais, surgiu em 1925 (jornal *O Globo*) através de Irineu Marinho. Sua história é contada, ao que parece, em forma linear, tendo-se essa fundação como mito fundador da organização. Em seu primeiro exemplar, de julho de 1925, o jornal foi definido como sem vínculos com outros empresários e governos. O seu compromisso era com os "serviços dos interesses geraes" - assinado por Irineu Marinho. Sobre isso, ele afirma que:

> não tem affinidades com governos, não [cocerra] interesse conjugados com os de qualquer empresa, não está ligado a grupos capitalistas, ou a ??? isolados – não existirá senão como uma força posta incondicionalmente ao serviços dos interesses geraes, conscios todos nos, os que nesta casa vamos trabalhar, das responsabilidades decorrentes da atitude que assumimos, mas muito confiantes em que o nosso esforço será bem julgado e poderá concorrer, e obvio que modestíssimamente, para o futuro esplendido a que a nossa pátria tem direito (MARINHO, 1925, p. 2).

Não há informações de pesquisas científicas sobre *O Globo* desse período.[11] . As pesquisas sobre essa instituição focam mais a TV Globo e seus programas: novelas, jornalismo, filmes, expansão, mercado, etc. A instituição Globo está, de certa forma, invisível, ainda, na

11 Este trabalho de pesquisa, nos Anais do Intercom, não encontrou, até agora, pesquisas sobre a história e a ideologia/política (ou sobre o imaginário e a cultura) de *O Globo*. De 2009 a 2014, nos grupos de história e jornalismo, estão ausentes pesquisas sobre essa organização – com exceção do texto Comunicação Comparada: um estudo a partir da análise dos jornais impressos *O Globo* e Jornal do Brasil, de WASZAK, Rosana (aluna), SCHUNCK, Estela (aluna), GOMES, Janaina (docente). Nos anais de 2007 e 2008, estão ausentes esses temas ou áreas no NP Jornalismo. Em 2013, em estudo sobre a transição do jornalismo partidário para o informativo, Manoel H. T. Moreira faz menção a *O Globo*, mas de forma periférica. Conferir A transição do jornalismo partidário para o jornalismo de informação e a formação dos impérios midiáticos no Brasil. Intercom – XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, 2013.

instituição científica. Encontraram-se, também, livros de memórias, de executivos e documentários audiovisuais, entre os quais *Além do Cidadão Kane*. Herz (s/d) fez uma exaustiva abordagem das políticas administrativas da Globo, com farto material e fontes diversas que abordam o poder e o crescimento dessa empresa na ditadura civil-militar.

Para Kushinir (2012), tanto os jornalistas quanto as empresas jornalísticas bancaram a função de "cães de guarda" da ditadura civil-militar. "À soleira", afirma ela, "montaram guarda e fizeram autocensura no governo Médici, e mesmo antes dele, colaborando para construir e difundir uma imagem irreal, inverídica do país" (KUSHINIR, 2012, p. 52).

Três empresas de comunicação corporativas, Tupi, *O Globo* e o Jornal do Brasil, se uniram e criaram a Rede da Democracia, programa de rádio que combatia o governo de João Goulart. "Estes jornais", analisa Jawsnicker (s/d, p. 10), "atribuíram para si o papel de autênticos representantes da sociedade, 'guias da Nação, portadores da racionalidade', assumindo-se como instância crítica da opinião pública, espaço ideal para direcionar os debates sobre os rumos do país". Eles exaltavam a própria imprensa "como modelo de instituição representativa da opinião pública, porque se viram mais comprometidos com a preservação da ordem liberal", e como "porta-vozes autorizados e representativos de todos os setores sociais comprometidos com uma opinião que preservasse os tradicionais valores da sociedade brasileira ancorados na defesa da liberdade e da propriedade privada" (CARVALHO, 2013, p. 14-15).

Segundo Carvalho (2013, p. 4), "eles expressariam o ponto de vista dos segmentos das elites e dos setores médios, de tendência

liberal no campo econômico, mas conservador nos campos social e político, ao defenderem um regime representativo com participação restrita". Para *O Globo*, "as Forças Armadas eram o principal sustentáculo da Constituição e corriam risco de desintegração foi acompanhado pelas denúncias de politização das instituições militares a partir da infiltração comunista". Além disso, colocavam-se a "favor das tradições conquistadas pela sociedade brasileira, diante de ameaças representadas pelas 'Doutrinas exóticas [...] que corrompem as mentes dos estudantes e trabalhadores, semeando ódio, armando a violência'".

Para os três jornais, a "postura de omissão do governo" e o crescimento das "atividades sindicais" propiciavam a autonomia dos movimentos sociais. Para o autor, havia correlação entre as posturas desses jornais com o pensamento do século XIX, segundo o qual o papel das massas na política era visto como uma ameaça á sociedade livre. Por isso, esses jornais:

> condenavam as ações diretas manifestadas na participação sindical e na ativação popular, que eram consideradas uma coação e estariam tendo efeitos de intimidação sobre as instituições representativas, em particular sobre o Congresso. A mobilização sindical e popular estaria sendo orientada pelos comunistas e trabalhistas e incentivada, ou pelo menos tolerada, pelo governo, fornecendo as bases sociais para a implantação de um regime totalitário.

Finalizando sua análise, Carvalho (2013, p. 4, 5, 8, 11, 18) adverte que os jornais "compartilharam de temas abordados pela Doutrina de Segurança Nacional desenvolvida pela Escola Superior de Guerra, que preconizava um papel interventor para os militares na sociedade brasileira".

Conforme Alves (2012), em outra perspectiva de análise geral, citando Marconi (1980):

> a maioria dos veículos se acomodou, 'preferindo conviver pacificamente com a censura, para evidente prejuízo de seus leitores, ouvintes e telespectadores. Outros tiveram de fechar, à espera de tempos de menor intolerância' [...] a grande maioria da imprensa submeteu-se à autocensura e foi mesmo além, uma vez que 'frequentemente os jornais resvalaram para o colaboracionismo, veiculando *notícias* plantadas pela polícia sobre *fugas* ou *atropelamentos* de presos políticos, indiscriminadamente chamados de *terroristas*' (ALVES, 2012, p. 31).

Biroli (2004) identifica *O Globo*, conforme o Dicionário Histórico-Biográfico da FGV, como "o mais governista dos jornais". Motta (2013), em sua pesquisa de estudo comparativo com as charges publicadas pelos jornais do RJ e de SP, afirmou isso também. *O Globo* foi o mais governista no apoio ao golpe dos governos de Castelo Branco e Costa e Silva. Segundo o autor, *O Globo* não recorreu às charges para ataques à Jango e sua derrubada, mas aos editoriais e às matérias "alarmistas", inclusive internacionais, denunciando os crimes e os perigos comunistas.

> A ausência de charges políticas regulares era compensada por editoriais e reportagens bastante engajadas em favor da 'revolução', que o jornal gostava de adjetivar como 'democrática' [...] *O Globo* usou (e abusou) da estratégia de publicar matérias de tom alarmista que comprovariam os 'crimes' atribuídos ao regime deposto, a saber, o envolvimento com o comunismo, notadamente o internacional, e os vínculos com a corrupção [...] [publicando] prisão de 'espiões' chineses e checos, a descoberta de planos terríveis dos comunistas ('incêndios, execuções em massa, depredações') e até a denúncia de um

> improvável cárcere secreto mantido no subsolo do prédio da UNE (MOTTA, 2013, p. 73).

O Globo apoiou o AI-2, o qual, em sua análise, "era dever de patriotismo, pois sem ele a 'revolução democrática' ficaria desprotegida em relação a seus inimigos"; defendeu, também, a eleição indireta (MOTTA, 2013, p. 74). Já no governo Costa e Silva, *O Globo* fez crítica a este por tentar se aproximar da oposição, "reclamando que deveria governar com a situação para não enfraquecer a Arena" (ibid, p. 75).

Em 1968, com o aumento da violência na rua e o estabelecimento do AI-5, *O Globo* foi o único dos jornais do RJ e de SP que tomou "atitude mais simpática aos clamores autoritários da direita [...] *O Globo* criticou violentamente o que chamou de 'agitação' e 'anarquia' nas ruas, e demandou ação do governo para impedir a desordem". Em relação ao AI-5, *O Globo* ponderou que o seu estabelecimento foi arriscado, pois "se tratava do último recurso do regime, que não teria mais margem para erro" (MOTTA, 2013, p. 80, 82).

A Empresa Globo instituiu, após 1968, um departamento de autocensura e o denominou de "Padrão Globo de Qualidade". Conforme Walter Clark, um dos grandes executivos dessa empresa, a TV Globo não sofreu nenhuma intervenção de censura até 1968.

A Empresa Globo instituiu, após 1968, um departamento de autocensura e o denominou de "Padrão Globo de Qualidade". Conforme Walter Clark, um dos grandes executivos dessa empresa, a TV Globo não sofreu nenhuma intervenção de censura até 1968.

O CPDOC/FGV afirma textualmente esse laço de *O Globo* com a ditadura civil-militar:

> A Globo procurava agradar ao governo, prestigiando eventos militares como o Sesquicentenário da Independência e as paradas de 7 de setembro. Também divulgava projetos do governo, como a campanha institucional da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) da Presidência e a campanha "Diga não à inflação", com Delfim Neto e Hélio Beltrão. O programa com Amaral Neto, o repórter, exibia reportagens sobre o Brasil em tom grandioso e nacionalista.

Outros agrados se davam mais diretamente na política, como boicotar as greves do emergente sindicalismo do ABC paulista no final da década de 70. "O departamento de telejornalismo da emissora", continua o CPDOC, "seguia a recomendação do governo militar de fazer a cobertura leve e sem som ambiente [...]". Logo, "só podiam ser entrevistados os líderes patronais; os líderes sindicais não iam ao ar. Segundo Lula, a Globo divulgava dados errados sobre a greve, omitindo o número real de participantes e as deliberações em curso".

Prosseguindo nessa política conservadora, no momento histórico das lutas pelas diretas, a Globo

> dava pouco espaço nos noticiários aos grandes comícios e passeatas que impulsionaram a campanha. O comício da Praça da Sé, em São Paulo, em 25 de janeiro de 1984, recebeu uma cobertura de poucos flashes (2m17s) que apenas mostrava artistas, caracterizando o evento como uma comemoração do aniversário da cidade e desprezando a presença de dez governadores (CPDOC/FGV, REDE GLOBO, s/d).

Não podendo esconder por muito tempo a efervescência política, essa empresa passou a noticiar as manifestações pró-diretas (CPDOC, s/d).

Conforme Cunha (2005, p. 69), a Globo reconheceu que "os demais comícios da campanha que ocorreram até aquele momento só foram noticiados nos telejornais locais". Além disso,

> A campanha das Diretas-Já passou a fazer parte da pauta da Globo somente em 10 de abril, por ocasião do Comício da Candelária, no Rio de Janeiro: a cobertura ao vivo começou antes mesmo do evento, a fim de conclamar a participação popular dos telespectadores que ainda estavam em casa e acompanhavam a movimentação pela televisão (CUNHA, 2005, p. 69).

Mattos (1990) advoga que "o crescimento da Rede Globo foi o de jamais haver desdenhado sua relação com o mercado real". Ele chama a atenção, também, para o vínculo com a ditadura militar e para o acordo ilegal dessa empresa com a Time/Life – sob a proteção dos militares (cf HERZ, s/d). O CPDOC ressalta que esse acordo levou o deputado Eurico de Oliveira a solicitar um inquérito enquanto Carlos Lacerda fazia denúncias na Justiça. A ABERT assumiu a pressão no Congresso e conseguiu instalar uma CPI para investigar a parceria. Ele citou uma frase de Médici se referindo, indiretamente, à Rede Globo: "Sinto-me feliz, todas as noites, quando ligo a televisão para assistir ao jornal. Enquanto as notícias dão conta de greves, agitações, atentados e conflitos em várias partes do mundo, o Brasil marcha em paz, rumo ao desenvolvimento. É como se tomasse tranquilizante após um dia de trabalho" – em 1974, 43% dos domicílios existentes no país tinham televisores. Essa felicidade era compreensível, pois a Globo, em três anos de existência, de 1965 a 1968, passou de 28 a 49% de audiência em nove de seus programas, entre dez dos mais assistidos.

Nessa concisa história do Grupo Globo, viu-se que o apartidarismo, o apoliticismo e a isenção jornalística não estavam presentes nas práticas jornalísticas da empresa. O seu crescimento econômico e tecnológico, para muitos a sua "qualidade", foi decorrente dessa aliança com a ditadura civil-militar e internacional. Com os empresários, a sólida união possibilitou a permanência da ditadura por longos e tenebrosos anos.

Se a "parceria" do Grupo Globo foi com os militares e os empresários durante a ditadura civil-militar, os quais detinham as referências de autoridade e de reconhecimento, essas referências persistiram em seus 'Princípios...", e no "reconhecimento do seu erro"? O Grupo Globo foi capaz de realizar um autorrecohecimento de suas práticas autoritárias e agressivas que a historiografia nos relata em seus estudos? O que nos revela o texto de "reconhecimento do erro" por ter apoiado no editorial o "golpe de 64"?

Se sua atitude político-ideológico-jornalística no caso de Herzog, numa autorreflexão, demonstra estar sendo sincero consigo mesmo, a crítica se exaure. Se não foi honesto consigo mesmo – e evidentemente com seu "público" –, pode-se interpretar que há uma linha autoritária de ódio que perpassa desde o caso Herzog? Há um novo Grupo Globo ou ele é continuidade desse ódio histórico que, parece, ultrapassa regimes e o tempo histórico, perpetuando-se no tempo?

Nesta seção, viu-se a trajetória política dos três jornais, principalmente durante a ditadura civil-militar. Os laços com a ditadura são profundos: a FSP cedeu a estrutura do jornal para a repressão; *o Estadão*, em reunião com os militares golpistas que antecederam ao golpe, publicou editoriais, charges e matérias, com

amplo apoio à ditadura; e o Globo, entre os mais adesistas à ditadura, tem sua trajetória e seu enriquecimento através de sua participação direta nas ações do governo. Agora, pergunta-se: quem foi essa vítima?

1.2 Quem foi Vladimir Herzog?[12]

"Nasceu em 27 de junho de 1937, na Iugoslávia, em Osijek, hoje a quarta maior cidade da Croácia, cortada pelo Rio Drava pouco antes de sua confluência com o Danúbio e próxima da fronteira com a Hungria", assim inicia a informação do Instituto Vladimir Herzog no tocante aos dados pessoais do jornalista. Conforme esse instituto, seu nome verdadeiro era "Vlado", não Vladimir, pois "Vladimir foi o modo que escolheu assinar porque lhe parecia na juventude menos exótico aos ouvidos brasileiros".

Durante a Segunda Guerra Mundial, em decorrência da perseguição aos judeus, a família Herzog escolheu o Brasil: "Os avós maternos, Ziga e Sirena, foram executados em Auschwitz. Os paternos, Moritz Herzog e Gisela, morreram no campo de extermínio de Jasenovac, na Iugoslávia".

Do Rio de Janeiro foi para São Paulo. Franzino, desde cedo gostava de livros. Na fase adulta, mas jovem, cursou Filosofia na USP e, como amante de cinema, seguiu para a Argentina juntamente com o amigo Maurice Capovilla, "onde bateram à porta do Instituto de Cinematografia de Santa Fé, criado em 1956 por Fernando Birri, na Universidade Nacional do Litoral".

12 Tais informações foram extraídas, principalmente, do Instituto Vladimir Herzog, e secundariamente, dos jornais investigados de São Paulo. Insituto Vladimir Herzog, disponível em: http://vladimirherzog.org/biografia/; *Folha de São Paulo*, 27 de outubro de 1975, p. 3; Estado de São Paulo, 20 de dezembro de 1975, p. 15.

Segundo João Batista de Andrade, Vladimir "acreditava no cinema como ferramenta de investigação e denúncia da realidade brasileira". Vladimir Herzog se envolveu em três filmes: "Marimbás" (1963) – primeira fita brasileira a utilizar som direto –, que realizou no Rio de Janeiro; gerenciou a produção do curta-metragem "Subterrâneos do Futebol" (1965), de Capovilla; iniciou o roteiro do filme "Doramundo".

Conforme o jornal *Folha de São Paulo*, trabalhou na TV Excelsior: "E seria na televisão que colheria e viveria sua maior experiência: primeiro como redator e secretário do Show de Notícias, telejornal diário da extinta TV Excelsior, canal 9"; além disso, enquanto professor, "teria o primeiro contanto com o canal 2, para secretariar o seu recém-lançado Hora da Notícia.".

Quase simultaneamente, envolveu-se na atividade jornalística, trabalhando no Estadão (1958). Em 1962, antes do golpe, conheceu Clarice Chaves e, dois anos mais tarde, se casaram. Em 1964 foram para Londres e, pelas intervenções de Nemércio Nogueira e Fernando Pacheco Jordão, ex-colegas do Estadão, Vladimir se incorporou aos quadros da BBC.

Em 1968, pretendia retornar ao Brasil - realizava cursos de cinema na Europa -, mas seu nome já não era bem-vindo para servir aos quadros da Cultura pelo Estado autoritário. Nos anos 70 assumiu atividade na revista Visão e ministrou aulas de jornalismo na FAAP. Quando estava nessa revista, entrou no Partido Comunista e, somente tempos depois, sua esposa tomou conhecimento: "Fiquei espantada quando ele me contou sobre essa decisão, meses antes de morrer", diz Clarice, recordando que estavam no carro da família, na Avenida Sumaré, em São Paulo, no momento em que Vlado contou-

lhe sobre a filiação. "Mas você sempre foi crítico de regimes que não praticam a democracia", ela ponderou. O marido respondeu: "É uma questão de momento. A situação política no Brasil é grave. Só há dois movimentos organizados que podem se articular para combater a ditadura – a Igreja e o Partido Comunista. Eu sou judeu. Só tenho uma opção".

Em 20 de dezembro, o *Estadão* escreveu nota explicativa acerca da relação profissional do *Estadão* com Vladimir Herzog, já que o Relatório do Exército é citado e há a tentativa de corrigir o seu conteúdo, chamando a atenção de que nunca houvera "expurgo" no jornal e de que o mesmo não sofreu dessa ação. O título da nota é "A bem da verdade"[13].

> À vista do constante dos autos 28 a 30 do relatório conclusivo do IPM para apurar as causas da morte de Vladimir Herzog, "O Estado de S. Paulo" tem a informar com o objetivo de restabelecer a verdade naquilo que a ele, especificamente, diz respeito: 1. É flagrante a contradição entre as declarações do jornalista Lobato e do coronel Paes: enquanto o primeiro situa a data da demissão de Herzog em 1963, o segundo a dá como ocorrid[a] em 1958, ocasião em que o jornalista diz tê-lo conhecido no "Estado"; 2) dr. Júlio de Mesquita Filho nunca despediu funcionário algum da empresa, tarefa sempre privativa de seus auxiliares imediatos; 3) nunca houve, antes ou depois do movimento de março de 1964, 'expurgo nesta casa'; 4) como norma havida de seus maiores e parte integrante de seu código de ética profissional, os diretores do "Estado" nunca exigiram atestado de ideologia de seus funcionários, fosse para facilitar ou negar admissão, ou permitir demissão. Em época alguma houve, nesta empresa, 'expurgo'... de elementos marcadamente de esquerda. O único critério que norteia as demissões registradas na Redação ou em outros Departamentos da empresa é o da capacidade

13 Não se tem, no momento, como confirmar a veracidade de tal declaração desse jornal.

profissionalmente exigida às diretrizes editoriais da Casa; 5. O Sr. Luiz Weis foi de fato nosso funcionário e retirou-se, espontaneamente, da empresa, em 1963, a convite da revista Cláudia; 6. o Sr. Vladimir Herzog também foi nosso funcionário, tendo solicitado espontaneamente demissão em 1965, quando foi para Londres trabalhar na BBC; 7. Não correspondem à verdade dos fatos as afirmações constantes do relatório conclusivo do IPM 28b e 30 l (ESTADÃO, 1975, p. 15).

1.3 Lista dos jornalistas assassinados/desaparecidos durante a ditadura civil-militar (1964-1965) [14]

- Antônio Benetazzo
- David Capistrano da Costa
- Djalma Carvalho Maranhão
- Edmur Péricles Camargo
- Gilberto Olimpio Maria
- Hiran de Lima Pereira
- Ieda Santos Delgado
- Jayme Amorim Miranda
- Jane Vanini (assassinada no Chile)
- Joaquim Câmara Ferreira
- José Roberto Spiegner
- Lincoln Cordeiro Oest
- Luís Eduardo da Rocha Merlino
- Luiz Inácio Maranhão Filho
- Luiz Guilhardini
- Mário Alves de Souza Vieira
- Maurício Grabois
- Nestor Vera
- Orlando da Silva Rosa Bonfim Júnior
- Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar
- Rui Osvaldo Aguiar Pftzenreuter
- Sidney Fix Marques dos Santos
- Thomaz Antônio da Silva Meirelles Neto
- Wânio José de Mattos

14 Lista extraída do texto "A imprensa torturada e assassinada", de Luiz Antonio Maciel, do site do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Disponível em: http://ovp-sp.org/merl_sind_jornalistas_sp.htm. Acesso em: 20 fev. 2015.

1.4 Lista dos jornalistas presos e itimados durante o período do assassinato de Vladimir Herzog

Esses nomes foram extraídos dos próprios jornais analisados.

Intimados

- Luis Weiss
- Rodolfo Konder (RJ)
- Anthony de Christo
- Jorge Duque Estrada
- Paulo Sérgio Markum
- Marco Antônio Rocha

Presos

- Sérgio Gomes da Silva
- Marinilda Marchi (RJ)
- Ricardo de Moraes Monteiro
- Frederico Pessoa da Silva
- Luis Vidal Pola Galé
- Luis Paulo Costa (Liberado sobre tratamento médico)
- Orlando da Silva Rosa Bonfim Júnior (Assassinado em 8 de outubro, RJ)

Introduz-se agora como o próprio Grupo Globo se define, se identifica e se relaciona com o passado da ditadura civil-militar. Define-se como um defensor intransigente de um jornalismo imparcial, em busca da verdade e do direito de expressão do jornalismo. Ele assumirá esses princípios na sua autocrítica? Reconhecerá que a ditadura

de 64 atingiu a democracia (e, consequentemente, esses princípios inegociáveis) e que ele foi parceiro dessa agressão? O assassinato de Herzog e dos 23 jornalistas assassinados e desaparecidos serão objeto de sua reflexão e de sua autocrítica?

2 *O Globo* reconhece que "errou" no apoio ao golpe de 64

2.1 Algumas interpretações de órgãos da mídia acerca do seu "erro"

O Grupo Globo, em seu título afirma: "Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro".[15] Em seu esclarecimento do título, objetou: "A consciência não é de hoje, vem de discussões internas de anos, em que as Organizações Globo concluíram que, à luz da História, o apoio se constituiu um equívoco".

Esse posicionamento do Grupo Globo repercutiu em diversos meios de comunicação escritos[16]. Apresentar-se-á apenas aquilo que dará uma representação da "percepção" desse imaginário da sociedade civil sobre a comunicação de *O Globo* diante desse passado. Em seguida, far-se-á a própria análise, divergindo da interpretação dos meios de comunicação, em boa parte.

No levantamento feito no *Google*, selecionou-se um artigo acadêmico de Belmira Magalhães e de Helson Flavio da S. Sobrinho, único encontrado, e de revistas/páginas virtuais, blogs, como Carta Capital (texto da Intervozes), Pragmatismo Político, Veja (Reinaldo Azevedo), Carta Maior (Marco Aurélio Weissheimer), Brasil de Fato (Editorial), Revista Fórum e página do Clube Militar.

---

15 Por *O Globo* 31/08/2013 17:00 / Atualizado 31/08/2013 17:33. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604. Acesso em: 03 jul 2018.

16 Entre aqueles que se deixaram afetar positivamente pelo "arrependimento" de apoio ao golpe, foi o jornalista respeitadíssimo, Luis Cláudio Cunha. Conferir "Golpe de 1964: os militares e a cumplicidade do silêncio". Disponível em: http://brasileiros.com.br/2014/01/por-que-os-generais-nao-imitam-a-rede-globo/. Acesso em: 20 mar. 2015.

Todos eles desconfiam do "reconhecimento do 'erro'", inclusive o Clube Militar. Este, categoricamente, afirma em suas primeiras linhas que o Grupo Globo, em "mudança de posição drástica", renegou sua posição de décadas. Para o Clube Militar,[17] o Grupo Globo sucumbiu e renegou seu passado devido às pressões do governo, e não por pressão das ruas, destoando das motivações que vários analistas (jornalistas e acadêmicos) expuseram como uma das suas "causas": "Pressionado pelo poder político e econômico do governo, sob a constante ameaça do "controle social da mídia" – no jargão politicamente correto que encobre as diversas tentativas petistas de censurar a imprensa –, o periódico sucumbiu e renegou, hoje, o que defendeu ardorosamente ontem". Essa organização é acusada de "mentirosa" e de "deslavada" (antes, durante e depois do golpe foram parceiros) e de que não foi equívoco, tratando-se de "revisionismo, adesismo e covardia do último grande jornal". Não apenas uma, mas uma dupla mentira:

> Dupla mentira: em primeiro lugar, o apoio ao Movimento de 64 ocorreu antes, durante e por muito tempo depois da deposição de Jango; em segundo lugar, não se trata de posição equivocada "da redação", mas de posicionamento político firmemente defendido por seu proprietário, diretor e redator chefe, Roberto Marinho, como comprovam as edições da época; não foi, também, como fica insinuado, uma posição passageira revista depois de curto período de engano, pois dez anos depois da revolução, na edição de 31 de março de 1974, em editorial de primeira página, o jornal publica derramados elogios ao Movimento; e em 7 de abril de 1984, vinte anos passados, Roberto Marinho publicou editorial assinado, na primeira página, intitulado "Julgamento da Revolução", cuja leitura não deixa dúvida sobre a adesão e firme participação do jornal nos acontecimentos de 1964 e nas décadas seguintes.

17 Disponível em: http://www.militar.com.br/blog25896-A-Globo-admite-como-erro-o-apoio-editorial-ao-golpe-de-64#.VSgKkdLCq00

Já as matérias nessas páginas virtuais, referidas anteriormente, identificam as manifestações das ruas como a causa do "reconhecimento do erro", inclusive a Veja, só que com conotação diferente. Reinaldo Azevedo[18] vai criticar duramente *O Globo* por ter se conciliado com as manifestações nas ruas, já que, para ele, os manifestantes das ruas não eram democráticos, mas vândalos, arruaceiros, violentos, "gente que não presta". O Grupo Globo não deveria associar seu arrependimento às "pressões das ruas". Assim ele expôs:

> Se o mea-culpa contido no site "Memória" procura falar a linguagem maiúscula da reconstituição histórica, admitindo o erro (e não concordo com tudo o que vai lá, já digo por quê), essa introdução do jornal *O Globo* vai além da abjuração e passa a ser uma expiação. Nem todo altar serve à remissão dos pecados; nem toda penitência é digna; nem todo sacrifício de fato expia. Se as Organizações Globo não indagam, indago eu: quem são estes que estão gritando nas ruas, às portas da emissora ou de outros veículos de comunicação? É gente que defende o "controle social da mídia"? É gente que põe fogo em jornais e revistas? É gente que faz a defesa aberta da censura? É gente que quer subordinar a imprensa a instâncias partidárias? Então é gente que não presta!

Confirmando sua insatisfação com a argumentação dessa emissora, ele finalizou reforçando que o "clamor das ruas" de hoje não é democrático:

> Se "a verdade é dura, e a Globo apoiou a ditadura", os que estão jogando estrume de cavalo às portas da emissora querem que país? Que a Globo ou qualquer outro decidam

18 A Globo e a ditadura: o que foi dito e o que faltou dizer. Ou: Por que não preciso fazer mea-culpa. 03/09/2013 às 5:26. Disponível em: http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-globo-e-a-ditadura-o-que-foi-dito-e-o-que-faltou-dizer-ou-por-que-nao-preciso-fazer-mea-culpa. Acesso em: 05 jul. 2015.

> abjurar de crenças e valores que compuseram a sua história, vá lá, mas que a tanto sejam levados por convicções que realmente honram a democracia, que a elevem, que a tenham, de fato, como um valor inegociável.

Já os outros veículos, anteriormente citados, estão em posição comum: 1) o clamor das ruas foi a motivação do "reconhecimento do erro"; 2) não acreditam na sinceridade do Grupo Globo; 3) mesmo assim, o reconhecimento é um avanço; 4) transfere a todos os jornais a responsabilidade pelo apoio ao golpe; 5) a Globo foi beneficiada pela ditadura.

A *Intervozes*, por Pedro Ekman, destaca que "admitir um erro é um grande avanço", contudo observa que em apenas "cinco linhas o periódico admite o erro, em 50 ele explica por que o praticou" (a Revista Fórum compartilha desse reconhecimento, em tom crítico, ao identificar que o Globo agiu como alguém que assumiu a "delação premiada"). Ademais, responsabiliza todos os jornais pelo apoio ao golpe ("nem os colegas de imprensa [...] escaparam dos argumentos do Globo para dizer 'eu errei, mas 'todo mundo' errou também". O reconhecimento do erro tem que ir além: 1) foi beneficiado pela ditadura; 2) boicotou as eleições diretas já; 3) favoreceu o candidato Fernando Collor nas eleições presidenciais de 1989; 4) houve maior concentração de comunicação no mundo – boicotando o debate sobre a temática.

O *Pragmatismo Político*[19] registra muito mais os argumentos do Grupo Globo do que os interpreta, porém observa que a argumentação da "inevitabilidade do golpe' apresentada pelo Grupo é a mesma dos defensores da ditadura. Ele, o Grupo Globo, dá a

19 Disponível em: http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/09/globo-errou-pede-desculpas-apoio-ditadura.html. Acesso em: 05 jun. 2015.

entender, também, que foi "enganado" pelos militares por não ter sido um golpe "passageiro" (Weissheimer é da mesma opinião).

Já Marco Aurélio Weissheimer[20], na *Carta Maior*, na perspectiva da Intervozes, registra que "o que poderia parecer uma autocrítica acaba descambando ao longo do texto do editorial para um exercício cínico de justificação da decisão tomada em 1964 e de ocultamento dos benefícios que a empresa teve por seu apoio aos golpistas" (Brasil de Fato e Revista Fórum fazem, também, essa interpretação). O reconhecimento do "erro" do Grupo Globo é uma oportunidade para trazer o debate da concentração da mídia e a história desse passado. Por isso, a denúncia das mídias em geral que se desenvolveram às custas da ditadura e suas releituras desse passado visam ressignificá-las. Portanto, o autor argumenta que:

> Muitas delas sequer usam hoje a expressão "ditadura" ao se referir àquele triste período da história brasileira, preferindo falar em "regime de exceção". Agem como se suas escolhas (de apoiar a ditadura) e os benefícios obtidos com elas fossem também expressões do "interesse público". Apoiar o golpe militar que derrubou o governo Jango foi uma expressão do interesse público? Ser cúmplice de uma ditadura que pisoteou a Constituição brasileira, torturou e matou é credencial para se apresentar como defensor da liberdade? O silêncio dessas empresas diante dessas perguntas, por outro lado, não deixa de ser uma resposta às mesmas.

Brasil de Fato não se deteve no texto especificamente, porém atacou a Globo pela sua omissão na crítica aos 20 anos da ditadura, como se beneficiou dela, como atua indiscriminadamente contra

20 O editorial de *O Globo* e a caixa preta da relação da mídia com a ditadura Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-editorial-de-O-Globo-e-a-caixa-preta-da-relacao-da-midia-com-a-ditadura/28651

os movimentos sociais e como atuou em vários momentos da vida política brasileira – inclusive no mensalão.

Para a *Revista Fórum*, o Grupo Globo tenta "justificar o injustificável" e se soma aos outros que destacaram o valor do reconhecimento do "erro", mesmo que "envergonhadamente". Faz várias críticas aos outros veículos, como a FSP, o *Estado de São Paulo* e o *Zero Hora*, por fazerem "autocrítica" de forma bastante parcial, justificando a ditadura. O tom dessas críticas foi mais político, pois está articulado com dados históricos, mas não se detém propriamente no texto – parcialmente, apenas.

Com efeito, quanto à análise acadêmica, esta será realizada mais detalhadamente. O texto de Magalhães e Silva Sobrinho (2014), numa proposta de análise de discurso, com perspectiva marxista, indaga: "como o texto circulou produzindo um efeito de 'reconhecimento do erro' das Organizações Globo no 'apoio' aos militares? Quais bases ideológico-discursivas constituem esses dizeres? Como ele ressignifica a posição do sujeito do discurso (Organizações Globo) e dos que foram afetados pelos dizeres desse "reconhecimento do erro?"

Nas condições "restritas", as manifestações de rua forçaram a Globo a produzir discurso de reconhecimento do erro – mas insuficiente por si só para gerar esse efeito ("esse fato isolado não é o responsável pelo abalo que sofreu a grande mídia"). Para os autores, "foi a impossibilidade de sustentação de discurso de neutralidade jornalística pela posição da imprensa que dizia estar apenas registrando e noticiando fatos" – as diversas postagens, matérias, vídeos e fotos nas redes se contrapunham a ela (MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO, 2014, p. 182-183).

Novos sentidos são *deslizados*, ou seja, a Globo passou a enaltecer as "manifestações pacíficas" em detrimento das manifestações de "baderneiros" "vândalos", criando "rótulos negativos". "As manifestações começam 'pacíficas' e terminam em 'badernas'", concluem os autores, constituídos pelo "efeito de repetição".

Quando o sujeito discursivo se desloca para o "golpe de 64" e para o seu "arrependimento", é apagada a participação de "apoio" direto de *O Globo* sobre o mesmo, "fazendo com que o 'erro' seja suavizado, pois a veemência do 'apoio' não se faz presente nessa retomada da memória" (MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO, 2014, p. 184). Constrói-se, também, a ideia de que o Globo estava sendo pressionado pelo governo vigente quando registrou que os fuzileiros navais invadiram sua sede.

O título que indica o "erro" é minimizado quando "isso pode ser perfeitamente entendido pelas circunstâncias da época, que induzem ao "equívoco". Além disso, o discurso recorre ao "tempo" para se instituir que "já há muito tempo", produzindo no leitor "um efeito de passado longínquo, de história de outras épocas". No entanto, argumentam os autores, "a construção se dá através do efeito de afastamento dos fatos [...] que são amenizados pelo afastamento do tempo em que ocorreram [...] passado e presente são completamente diferentes; lá (ontem), ditadura; aqui (hoje), democracia" (ibid, p.186).

No recurso à história, na lógica do "tempo", o "fato histórico" de apoio ao golpe é "reconhecido", "avaliado" e justificado "à luz da história". Não há como "refutá-lo. É história" – os contextos da época se impuseram. Ou seja, "o outro golpe seria pior. Pior por quê?

Pior para quem? Simplifica-se a história para torná-la aliada" do 'arrependimento' possível" (ibid, p. 188).

Para os autores, o discurso é dirigido aos "poderosos, aos donos da 'democracia'". Assim, as "Organizações Globo não pedem desculpas, pois de fato não se arrependem'; ao contrário, se 'justificam' pelo 'reconhecimento' do 'erro', do 'equívoco', do 'desacerto'" (ibid, p. 190).

2.2 Interpretação da pesquisa

Nas análises apresentadas e interpretadas anteriormente, alguns aspectos equivalem ao que se apresentará agora. Contudo, serão acrescentados outros aspectos não tratados ou não desenvolvidos suficientemente por essas análises. Serão articuladas análises discursivas às não discursivas, recorrendo aos conhecimentos históricos e da cultura da política brasileira, visando a uma "apreensão" do imaginário social do Grupo Globo na sua relação com esse passado e com a brasilidade.

O título assume "erro" por ter "apoiado" a ditadura civil-militar, porém não indica qual o "erro" do governo e qual o seu "erro" especificamente. Nenhuma palavra. Nenhuma vírgula. O texto é omisso e silencia a partir do próprio título. Essa omissão não é um erro técnico, mas expressa a contradição do próprio texto enquanto produtor de discurso e enquanto emergência das significações imaginárias instituídas na sua prática histórica heterônoma, que não pode ser senão heterônoma, na sua trajetória hierárquica de classe, étnica e de gênero – representando a Casa Grande financista.

Focando ainda o título[21], merece atenção o "apoio" que *O Globo* manifestou no editorial "ao golpe de 64". Substantivo e masculino, indicou que se referia ao "suporte", "base", "ajuda", "colaboração", isto é, indicou existir como *elemento externo, passivo* do mundo externo e de suas ações. O texto vai carregar essa contradição intrínseca: estar presente e externo (fora) ao objeto tratado, o golpe militar de 64. Vai recorrer ao *silêncio* e ao *apagamento* do passado para se firmar como sujeito que narra a verdade e reconhece o erro, negando sua participação.

Essa negação de sua participação ainda se encontra no título: "golpe" militar. Ora, o "golpe" é uma "ação", um "movimento rápido", pode ser apreendido e, também, ser figurativo: "acontecimento funesto inesperado que choca e causa impacto", como "acontecimento imprevisto", "manobra astuciosa em luta corporal". O "golpe" retira a compreensão do conteúdo sucessivo da história e de sua presença no seu transcorrer. Sua presença foi apenas "circunstancial": na "ação" do golpe. Em síntese, pode-se dizer que o Grupo Globo já nega seu "reconhecimento do erro" ao se colocar como *sujeito passivo* (apoio) e *circunstancial* de uma ação (golpe). Essas dimensões discursivas expressam o *imaginário de onipotência* que o Grupo Globo construiu em sua trajetória sócio-histórica, *alimentando seu ódio* a toda experiência singular e autônoma das massas.

Tal "onipotência" está presente na página de "Memória", nos "Princípios Editoriais" e, aqui, no reconhecimento do "erro". A primeira está em uma página virtual que tenta expor a "verdade" que se encontra com a Globo: ela "esclarece" "tudo", pois há desinformação por aí. Ela tem o poder de revelar os fatos como eles

21 Novíssimo Aulete. Análise feita a partir do Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

são. Essa instituição reconhece apenas "dois erros" em sua existência (quase cinquenta anos): as diretas já e a eleição presidencial entre Collor e Lula, em 1989. A criação dessa página e o reconhecimento dos "erros" indicam "não permitir que informações possam ser mal interpretadas pelo público". Outros links levam às "Acusações falsas" que a Globo vem sofrendo (vítima), as quais são "infundadas" e se referem: 1) às concessões de canais; 2) ao caso Time-Life; 3) ao Proconsult; 4) ao BNDES e à renegociação da dívida; 5) queda do avião da Gol; 6) ao caso bolinha de papel (eleições de 20110; 7) aos direitos de transmissão da copa do mundo de 2002.

A Globo afirma, categórica e enfaticamente, que, "ao contrário das críticas, as coberturas e os acordos considerados suspeitos foram feitos dentro dos princípios éticos da gestão responsável e do jornalismo independente". Diante de tudo isso, pode-se deduzir, a partir de sua prática, do seu fazer discursivo, que ela não erra nunca (mesmo quando diz que errou) e sofre, é vítima de "acusações" – o Outro é sempre o culpado (como os comunistas, os terroristas, os vândalos, os blackblocs?). Em seu link "Acusações falsas", a Globo recorre a dois verbos, acusar e criticar, como sinônimos. Acusar pode significar imputar crime (inclusive na Justiça), rotular, tachar. Por outro lado, criticar é analisar, expressar crítica a respeito de, fazer comentários desfavoráveis. Percebe-se que sua construção transita numa ambiguidade da ação: entre réu (culpa) e objeto (objeto para reflexão) com claro teor de que suas ações são incompreendidas e de que sofrem calúnias.

Nos dois documentos finais ("Princípios..." e "Erro..."), a onipotência se manifesta quando procura demonstrar "humildade" ao reconhecer o papel "das ruas", mas com uma ressalva: "Já há

muitos anos, em discussões internas, as Organizações Globo reconhecem que ....". Os manifestantes chegaram tarde na denúncia de que a Globo apoiou a ditadura, apenas as Organizações não as tinham divulgado ainda. Mas, não satisfeito, tendo em vista sua autoconfiança (arrogância) quanto à capacidade de autorreflexão em torno de sua prática e suas escolhas históricas, o Grupo Globo afirmou que as manifestações apenas confirmaram o que ele já sabia: ele estava correto na necessidade do reconhecimento do erro. Assim, manifestou-se no discurso:

> Não lamentamos que essa publicação não tenha vindo antes da onda de manifestações, como teria sido possível. Porque as ruas nos deram ainda mais certeza de que a avaliação que se fazia internamente era correta e o reconhecimento do erro, necessário.

Ainda há algumas outras considerações: pode-se falar em "erro" por práticas efetivas durante 21 anos consecutivos? Somente "erra" quem quer "acertar". Esse "erro" é decorrente de avaliação, de ideologia, de política? Se sim, onde se encontra escrito isso? Qual o significado ético e quais as consequências do reconhecimento de um erro que ocasionou tantas mortes, torturas e sofrimentos? Nenhuma palavra. Silêncio absoluto.

A prestação de contas e o reconhecimento do "erro" são dívidas com a história, não com a sociedade brasileira, não com as famílias dos torturados e dos desaparecidos – nenhuma palavra de consolo ou de reconhecimento a estes. Nenhuma palavra de consolo aos jornalistas assassinados pela ditadura. Nenhuma palavra de consolo aos familiares de Herzog – jornalista - símbolo da fragilização da ditadura civil-militar. Como uma organização de comunicação

silencia sobre assassinatos de jornalistas? (vagamente, o Grupo Globo usa a imagem de Roberto Marinho para "provar" que seus jornalistas foram protegidos pelo seu pai – os seus jornalistas, pois os outros poderiam ser assassinados?).

Como o Grupo Globo se coloca enquanto objeto passivo do "golpe", é coerente que ele se afirme como "vítima" dos militares, já que os mesmos não cumpriram sua palavra de que o "golpe" seria "passageiro", "fugaz" (*O Estadão* e a *Folha de São Paulo* se colocaram na mesma situação), como destacou o Pragmatismo Político. Outrossim, é coerente esconder da multidão dos agentes da comunicação (FSP, Estadão, JB, etc.) e do povo brasileiro "um apoio expresso em manifestações e passeatas organizadas em Rio, São Paulo e em outras capitais". A onipotência paranoica não permite que o Grupo olhe com reflexividade, forçando-o a se esconder (e projetar) nessas instituições sociais, com destaque para a mais importante: "parcela importante da população".

Sem apresentar "seus erros", porque não os reconhece, *O Globo* conduz o leitor a segui-lo para justificar "seu apoio" (circunstancial) por forças que fogem aos seus desígnios: a força da história (decisão correta "visando ao bem do país) e do "temor por um outro golpe" (por Jango). Assim, a história e Jango, que pretendiam instituir uma "República sindicalista", é que são os verdadeiros responsáveis por sua ação: apoiar o golpe. Se Jango não tivesse existido, certamente não teria tomado essa decisão, ou se Jango defendesse o que a Globo defendia, não haveria golpe. Em síntese, a Globo não errou. Não tem porque reconhecer o erro.

A Globo, nas pessoas dos atuais executivos, que vivem numa democracia, por sinal seus filhos, para não defender explicitamente

a ditadura com exemplos positivos, recorre ao morto, Roberto Marinho, seu pai, o ícone fundador da TV Globo, já identificado com a ditadura, o qual prodigaliza exemplos políticos e econômicos virtuosos:

> [Roberto Marinho] ressaltava a atitude de Geisel, em 13 de outubro de 1978, que extinguiu todos os atos institucionais, o principal deles o AI5, restabeleceu o habeas corpus e a independência da magistratura e revogou o Decreto-Lei 477, base das intervenções do regime no meio universitário. [...] Destacava também os avanços econômicos obtidos naqueles vinte anos [...].

Além da ausência dos erros, outras ausências estão presentes: quais os ganhos sociais com esse governo? O que os trabalhadores ganharam? Os sem teto, as populações marginalizadas? Nenhuma palavra sobre essas classes sociais, mas a econômica foi lembrada por ele, como já se destacou. Diante disso, como Forget chamou a atenção, o discurso autoritário de 64 dialogava consigo mesmo, não tinha interlocutor. *O Globo* faz o mesmo.

Se *O Globo* silenciou sobre a existência social dos trabalhadores, dos pobres, dos negros na ditadura, às famílias dos desaparecidos refere apenas como ameaça à democracia ao tentar instituir a "república dos sindicalistas"; lembra-se vagamente dos jornalistas, defendendo com o argumento de que Roberto Marinho "fazia questão de acompanhar funcionários de *O Globo* chamados a depor". Outros jornais faziam o mesmo. Interessante é que ele enfatiza a defesa dos seus funcionários, não de todos. Nenhuma palavra sobre os jornalistas intimidados, assassinados e torturados na ditadura civil-militar. Outros jornalistas podiam ser assassinados e torturados,

os nossos não? Assim, a ditadura o fez: 21 jornalistas encontram-se desaparecidos e/ou mortos – inclusive Vladimir Herzog.

Após essa análise, pode-se deduzir que o Grupo Globo não se arrependeu do apoio efetivo ao golpe e à ditadura de 64. Talvez, por isso, ainda hoje, em suas tintas, áudios e imagens, jorrem tanto ódio, desprezo e medo das multidões autônomas na política. Do ponto de vista das condições restritas, como anotaram Magalhães e Silva Sobrinho (2014), o seu mea culpa foi, certamente, por obrigação e não por alma, não surgiu de uma sinceridade política: reagiu às acusações da multidão e às manifestações da "jornada de junho", que gritavam que o Grupo Globo teria apoiado a ditadura militar. Tinha que dar resposta à nova conjuntura política. Por outro lado, o seu "reconhecimento do erro" foi motivado por sua onipotência (o que implica arrogância) e paranoia. O seu texto foi escrito para si mesmo. Não havia interlocutores (como destacou Forget acerca dos militares) – nem os seus pares -, havia apenas sua autoimagem de grandeza sem erro.

Enriquez (2007), em seus estudos sobre o poder na organização humana, referindo-se a duas formas de "poder mortal", desenvolve a caracterização do poder "paranoico". Ele nos traz elementos para precisar a análise do texto anterior e como compreender ontologicamente essa organização e instituição Grupo Globo. Entende-se que cai muito bem para a caracterização que se faz sobre a "natureza" global. O autor cita três fantasias do paranoico: 1) a culpa do mundo; 2) a necessidade da redenção; 3) a geração partenogenética da nova sociedade. Focar-se-ão nas duas primeiras.

A primeira refere-se a um mundo "sujo", "mau", um grupo ou grupos que ameaçam a nação, a colocam em perigo – os negros, o

judeu, os maços, os bolcheviques, etc. (incluímos hoje, na realidade brasileira, os inimigos: os "blackblocs", manifestantes "não pacíficos", "baderneiros" – na época de Herzog, os comunistas e terroristas). A segunda corresponde ao paranoico, que se ergue contra o caos, a anarquia, a vergonha e a miséria. Ele proclama a verdade, ele é a verdade.

> Ele confunde completamente crença, saber e verdade. Aquilo em que acredita, o que pensa, é necessariamente verdade. Ele não precisa de nenhuma justificativa, de nenhuma verificação científica de seus dizeres [...] ele é inspirado pelos deuses, pela França [aqui, na Nação brasileira e na democracia], pela natureza [...] o discurso que proclama sempre é o da ordem, da nova ordem destinada a purificar o mundo de sua sujeira, de sua vergonha [...] A lei promulgada não é a do 'mundo calmo', é aquela necessária ao triunfo da Causa (ENRIQUEZ, 2007).

A Globo manteve-se fiel à ditadura até o último segundo, boicotando as diretas, a eleição de Lula, etc., enquanto a FSP, estrategicamente, redirecionou sua imagem como defensora das diretas e da democracia.

O "diagnóstico" que se construiu, recorrendo-se a E. Enriquez, está alicerçado numa hipótese que se constrói a partir de um "ódio estrutural", o qual perpassa a história das Organizações Globo, hoje Grupo Globo. Acrescentem-se três imagens em tempos históricos distintos que ilustram a caracterização conceitual feita por Enriquez sobre o "paranoico": a construção imaginária da Globo sobre o assassinato de Vladimir Herzog – e o seu silêncio político; o desaparecimento e o assassinato de tantos outros jornalistas que expressam certamente a paranoia; e a onipotência dessa instituição diante de todos os mortais comuns. Ela se levantará quantas vezes

for necessário em defesa da 'Nação' brasileira e da "democracia" (sua legítima e única defensora).

Em períodos históricos distintos e motivações reivindicativas diferentes, ou parcialmente diferentes, a mesma postura: reconhece nas ações das massas que vão para as ruas a simples baderna, caos, terrorismo, etc. A ordem precisa ser refeita. E ela aceitará o chamado.

O GLOBO

SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013 ANO LXXXVIII - Nº 29.173 *Irineu Marinho* (1876-1925) — (1904-2003) *Roberto Marinho* RIO DE JANEIRO oglobo.com.br

O BRASIL NAS RUAS

Sem controle

Em noite de novos conflitos, depredações e saques, Itamaraty e prefeitura do Rio são atacados

Partidos políticos tentam entrar em manifestações e são expulsos

Vandalismo. Misturados aos manifestantes, grupos de radicais cercam e tentam invadir o prédio do Itamaraty; eles chegaram a atear fogo às janelas e tiveram de ser contidos pela Polícia Militar: cerca de 30 mil pessoas protestaram no DF

Depois de terem conseguido os primeiros resultados concretos, com a redução de tarifas de ônibus em várias capitais, os protestos que tomaram conta das ruas do país tiveram ontem o seu dia mais violento, marcado por confrontos em pelo menos dez cidades. Em Brasília, manifestantes atearam fogo às janelas do Itamaraty e tentaram invadir o prédio: 39 pessoas saíram feridas. No Rio, a caminhada pacífica, com 300 mil pessoas, foi interrompida pela ação de radicais que tentaram invadir a sede da prefeitura. Houve, na sequência, depredação de prédios públicos, pontos de ônibus e sinais de trânsito, saques e focos de incêndio. Em São Paulo, onde surgiu o Movimento Passe Livre, a manifestação, com 100 mil pessoas, foi pacífica na

NA COPA DO PROTESTO...

Manifestações crescem em estádios

Apesar do veto da Fifa, cartazes de apoio aos protestos voltaram a surgir ontem na goleada histórica (10 a 0) da Espanha so-

2014

20/03/2015 acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=http%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDI

Exército alerta os pais: Não toleraremos mais provocações

O Exército está na firme disposição de não tolerar mais provocações como as que ocorreram ontem, quando grupos de agitadores chegaram ao extremo de depredar uma viatura militar e de incendiar outra, em pleno serviço. Em nota divulgada ontem à noite, o comandante do I Exército, General Siseno Sarmento, depois de fazer um apêlo aos pais dos verdadeiros estudantes para que não permitam que seus filhos sirvam de escudo à desordem e à tentativa de implantar a anarquia, reafirma o propósito do Exército no sentido de preservar a ordem a qualquer preço, ainda que seja necessário lançar mão de medidas restritivas da liberdade individual e responsabilizar criminalmente os perturbadores da paz pública.

AGITADORES INCENDIARAM UMA VIATURA NO LARGO DA CARIOCA

TURBAS CHEGARAM A ARRANCAR BANCOS NA CINELANDIA

AGITADORES LEVAM ANARQUIA AO CENTRO DO RIO

ANO XLIII — Rio de Janeiro, 5.ª-feira, 20 de junho de 1968 — N.º 13 919

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO — Diretor-Tesoureiro: HERBERT MOSES
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO — Diretor-Substituto: ROGERIO MARINHO

Mais uma vez a polícia se mostrou ontem impotente para dominar as arruaças de grupos anarquistas que, repelidos quando tentavam invadir o MEC, espalharam-se pelo centro da cidade, transformando o trânsito em verdadeiro pandemônio e obrigando o comércio a cerrar as portas. A repressão com bombas de gás lacrimogêneo sacrificou, sobretudo, transeuntes alheios à agitação. (NA PAGINA 12)

Os ativistas do niilismo

OS ESTUDANTES e a peça cariocas ignoraram ontem a anacrônica provocação organizada por pequenas brigadas de ativistas que praticaram no centro da cidade alguns atos de vandalismo e de desmoralização.

DIRIGIDOS POR veteranos agitadores, alguns rapazes e moços ginasianos — matriculados em escola estatal e, portanto, gratuita — sentenciaram sábrinas, viraram sofremente, incendiaram uma viatura do Exército, enfim, tentaram encenar aqui a deplorável anarquia que abalou Paris.

FICOU DEMONSTRADO que todo a orientação de espetáculo muito rumoroso da jornada de violência — a incêndio do comissário de Rodrigo — ocultou a perdas adultas, pessoas e identificados grupos ao sangue-frio de um ex-combatente da FEB. Essa plata, de máxima importância, talvez conduza ao OG da subversão.

IGUALMENTE comprovou-se que a imensa maioria dos estudantes sentiu-se antes entregue às suas ocupações normais, a que anula a pretensão dos pedreiros de bordeiros de classificar as arruaças de "movimento de estudantes".

DOIS FORAM os líderes ostensivos da desordem. O primeiro é um senhor que se arrogava dos tristes anos, "abusar" de intermédiaria "artigo 99", e que operava na área do Calabouço. O outro, presidente de entidade clandestina, gera de uma cariaga imensidade hereditária.

OS GRANDES CASTIGADOS foram os populares. Pedestres inocentes receberam pedradas, outros sofreram agressões. Senhoras idosas viram-se envolvidas pela violência idônea fracassados candidatos a Cabo-Bandit.

UMA REFLEXÃO era feita por quantos tiveram a desventura de testemunhar aquela exibição de brutalidades: ninguém ganharia as duas rapazes ginasianas. De fato, anularam a uma carreira de rubro, reunidos automaticamente por efeitos que os comandavam com um acaso ou um olhar.

A POLICIA PERDEU no jôgo da escondo-escondo. Não se mostrou em condições de assegurar plenamente a ordem pública. Quando teve já havia acabado, alguns policiais praticaram a área de perseguir e prender pessoas que não participaram da massaca.

O CARICATO LIDER habitúrio de carro-carro deu por encerrada a empreitada com estas palavras: "Pensamos mais uma vez que fazemos o que queremos." O que queremos? Aquela ocasião, à violência, a anarquismo "à la française". Não deseja reformar o sistema de ensino. Quaram uma "revolução" que não teria jamais a chance de triunfar, pois não propõe nada a quase ninguém.

TALVEZ ESSES "revolucionários" atraiam marginais, ou Ganeta sem talento, a escoria social, como os "Bilongais", perpetuando ex-mercenários na Europa, que adoriram aos rapazes e moços que cooperam a Sorbonne e lá "servem" como guardas daquele templo da anarquia.

O GOVERNO TERÁ o apoio de Nação para liquidar no nascedouro êsses alienados que pretendem importar o pior produto da gente de exportação francesa a casa. O Brasil não será "esquilhado" por êsses irresponsáveis ativistas do niilismo.

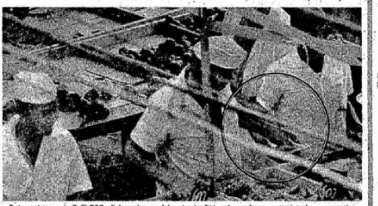
Motorista prende incendiários

SARGENTO SOFREU CONTUSÕES

SISENO FELICITOU MOTORISTA

O motorista e ex-pracinha Benedito Moreira Alves, que dirigia a Rural do Exército incendiada ontem por agitadores na Rua Uruguaiana, foi felicitado pessoalmente pelo General Siseno Sarmento, devido ao sangue-frio com que se comboiu e levou à polícia dos incendiários. Estes tomaram um ônibus para Copacabana e Benedito seguiu-os sem se fazer notar. Depois de explicar ao motorista de ônibus o que se passava, fiz com que o colectivo parasse junto a um choque da PM, que efetuou a prisão em flagrante dos quatro elementos. Um dêles protestou, dizendo-se tenente de Marinha, mas acabaram sendo todos recolhidos à Polícia do Exército, onde responderão a ripostas Inquérito Policial-Militar. O sargento Nilson Gonçalves de Mela, que também seguia na Rural incendiada, sofreu vários hematomas. (TEXTO NA PAGINA 13)

O GLOBO fotografa o subôrno nas feiras



Dois repórteres do O GLOBO, disfarçados em feirantes, viveram vários dias entre atacadistas e varejistas, imiscuindo-se no mundo dos camelôs, dos velhos, dos crianças pobres, dos choferes de caminhão e dos lumpens da madrugada, descobrindo corrupções de tôda a espécie (fiscais somando dinheiro de feirantes (foto) e saldadas da PM achacando os motoristas), e o motivo da alta dos preços: a ganância dos atacadistas, desde a senegação dos produtos até a lesofisco, detalhe mais comum dos mercados. A repsódio, que destaca os bastidores das feiras mais importantes da cidade, está nas páginas 18 e 19.

Festival ameaçado

Quando a chuva encontrou "Ad Aliquid", 300 policiais de Vasco se lançaram contra os estudantes, entre, na Praça de São Marcos, procurando dissolver manifestação contra o Barral de Jóia, acusada de "explicação capitalista". Protegidos pelos capacetes de aço, os soldados usaram os cassetetes, enquanto os manifestantes se misturavam com os turistas, em um lado da praça, observando o bolsão. Os estudantes conseguiram que uma bandeira se mantivesse na estadual. (Radiofoto UPI — O GLOBO)

Terremoto faz 41 mortos: Peru

LIMA (UPI — O GLOBO) — Uma faixa de 400 quilômetros de largura ao norte do Peru foi sacudida na manhã de ontem por uma série de dos fortes tremores de terra, que causaram 41 mortos, segundo as primeiras informações. A pequena cidade de Moyobamba, capital do departamento de San Martin, situada a 60 quilômetros ao sul do epicentro do primeiro terremoto, ficou semidestruída e com centenas de feridos e milhares de pessoas ao desabrigo. O Presidente Fernando Belaunde Terry, acompanhado por vários ministros e assessôres, viajou apressadamente para Moyobamba, enquanto os ministérios da Saúde e do Govêrno começaram a organizar socorros.

Seqüestrado nôvo avião para Cuba

CARACAS (UPI — O GLOBO) — Um avião da empresa venezuelana AVIBA foi sequestrado na madrugada de hoje em pleno vôo e levado para Cuba com 87 pessoas a bordo. O avião havia deixado sábado, à noite São Domingos rumo a esta capital.

Seleção volta hoje ao 4-3-3 contra Polônia

(TEXTO NA PAGINA DE ESPORTES)

http://acervo.oglobo.globo.com/Acervo/?service=printPagina&imagemPrint=http%3a%2f%2fduyt0k3aayxim.cloudfront.net%2fPDFs_XMLs_paginas%2fo_gl... 1/2

Para que o leitor possa ter noção geral do que foi publicado em todos os jornais, os de São Paulo (*Folha de São Paulo* e Estadão) e o

O tempo no Rio: céu claro e nublado, com ligeira elevação de temperatura. A máxima de ontem foi de 29,2 graus em Bangu; a mínima, de 14,2, no Alto da Boa Vista.
Página 16

O GLOBO

Vice-Presidentes: ROGÉRIO MARINHO JOÃO ROBERTO MARINHO
Fundador: IRINEU MARINHO Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO
ANO LXII — RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 1 DE JULHO DE 1987 — Nº 19.582
Diretor-Secretário: RICARDO MARINHO Diretor de Redação: EVANDRO CARLOS DE ANDRADE

Ameaça ao Senai e ao Senac

Dispositivo até agora aprovado na Constituinte ameaça duas instituições modelares de formação de mão-de-obra especializada: o Senac e o Senai, vítimas em potencial da maná estatizante.
Editorial, página 4

Foto de Aníbal Pinto

Cena nunca vista na Rio Branco: os ônibus queimam e as chamas ameaçam prédios de um dos lados da avenida. Os bombeiros tentam apagar o fogo e o congestionamento das ruas próximas impede a chegada de socorro

Baderna no Centro do Rio

Apenas vítima

A SENTENÇA do Juiz que autorizou o aumento, da noite para o dia, dos preços das passagens de ônibus no Rio está na raiz das horas de baderna que ontem transformaram o Centro da Cidade em praça de guerra.

ESTANDO em vigor o congelamento de preços e salários, o mandado impetrado pelas concessionárias não era questão que pudesse ser vista de forma estrita, sem contemplação de conseqüências. Não se justifica que um Juiz, face a um problema de delicadeza evidente e com desdobramentos mais que previsíveis, renunciasse à sua condição de intérprete da Lei, ao determinar o aumento nas passagens por medida liminar — ou seja, sem entrar no mérito do pedido.

A REVOGAÇÃO da liminar, tendo acontecido no calor do tumulto, tem caráter mais grave do que a sua concessão — porque estabeleceu, pelo menos na aparência, o princípio do que a arruaça é capaz de dar frutos positivos.

É PRECISO ficar bem claro, para todo o povo, que o aumento nas passagens foi cancelado porque não deveria ter sido autorizado como foi. A desordem e as quebra-quebras não produzem vencedor, mas vítima — e esta é o próprio povo, que sofre diretamente a ação dos vândalos, vendo-se privado dos serviços públicos essenciais.

Foto de Carlos Ivan

Baderneiros em ação no Centro do Rio: tocha preparada, pedra na mão, destruição em marcha

O aumento das passagens de ônibus — autorizado em liminar concedida pelo Juiz Ivaldo Correa de Souza, da 2ª Vara da Fazenda Pública, que assim ignorou o congelamento de preços determinado pelo Novo Plano Cruzado — foi o pretexto invocado para que o Centro do Rio ficasse durante toda a tarde de ontem paralisado por baderneiros que depredaram e incendiaram ônibus e outros veículos num tumulto que a Polícia Militar, agindo a princípio timidamente, só conseguiu controlar ao anoitecer.

Balanço feito pelo Palácio Guanabara alinha o seguinte saldo para a baderna: 18 ônibus incendiados e 30 depredados; 30 feridos levados ao Hospital Souza Aguiar; 200 manifestantes detidos e 50 presos. Uma avaliação tímida: só na Avenida Rio Branco, havia 47 ônibus e dois veículos do Serviço Público Federal semidestruídos. No total, foram mais de 60 ônibus danificados pelos baderneiros. Cabines telefônicas foram arrasadas, fachadas de prédios duramente atingidas e placas de sinalização inutilizadas. Diante do tumulto, o mesmo Juiz que concedera a liminar cassou-a, à tarde. E o Prefeito Saturnino Braga concedeu mais um dia para o pagamento da parcela do IPTU que venceria ontem.

De helicóptero, o Governador Moreira Franco sobrevoou a zona de tumulto. E às 17 horas recebeu um telefonema do Presidente José Sarney. O Exército assumiu a guarda da Central do Brasil no final da tarde e todo o Centro da Cidade foi isolado, causando grandes engarrafamentos. No início da noite, os **Brucutus** da Polícia Militar começaram a esvaziar a Cinelândia, onde os tumultos tiveram início e fim. **Páginas 8 a 15**

Foto de Hipólito Pereira

Antes do incêndio, exercício de pontaria: a pedra está quebrando a vidraça lateral do ônibus

Foto de Fernando Gomes

Ponto final: ao lado das carcaças dos ônibus, soldados da PM chegam para dominar a baderna

do Rio de Janeiro, O Globo, elaboramos uma tabela que apresenta, em termos de frequência, os temas e as entidades da sociedade civil e órgãos do Estado presentes nas matérias dos jornais. Nesse período foi comum publicar, na íntegra, notas, telegramas, comunicados das entidades da sociedade civil, do Estado e do próprio Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, representante profissional da vítima. A presença intensiva ou não delas, nas páginas dos jornais, indicará o grau de compromisso, de afetação do assassinato de Vladimir Herzog como vínculo em defesa dos direitos humanos e da democracia. Contudo, não se trata somente da "frequência" das notas, mas se são usadas como armas de omissão: réplica na íntegra das notas, principalmente as do Estado e do Sindicato de SP, como forma de esconder politicamente o seu apoio à ditadura, legitimando a ação do Estado como um problema exclusivo desses órgãos. Em contrapartida, outras notas eram esquecidas e não divulgadas.

Tabela 1: Falta legenda

Jornais	Capas			Editoriais
	Nac	Inter	Fotos	
O Globo	40	20	0	0
Estadão	37	40	0	2
FSP	51	16	0	4

Jornais	Comunicados publicados (Relats, telegramas, ofícios, cartas)								
	Gov	Sind.	Comun.	Igreja	Educ	MDB	OAB	SRJ/MG	Outros
O Globo	4	3	1	0	0	0	0	1	1
Estadão	2	4	2	2	1	0	2	0	3
FSP	5	5	2	1	2	1	1	2	

A Tabela 1 apresenta um quadro bem geral do material coletado, o qual foi desenvolvido posteriormente, item por item. *O Globo* e a FSP se igualam nos temas, diferindo do Estadão; porém, os jornais de São Paulo se igualam quanto às entidades que são valorizadas nas suas matérias, especialmente ao publicarem seus comunicados na íntegra ou ao fazerem menção aos mesmos, dependendo da nota. Já *O Globo* demonstra indiferença aos comunicados de diversas entidades da sociedade civil, sobretudo aquelas que apoiam o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo pelo assassinato do jornalista Herzog.

Entendemos que, quando um tema ou assunto é importante, valoroso, há um investimento, um desprendimento ao tema e ao assunto valorizado. Como já se chamou a atenção em outro lugar, a ausência numa capa pode ser importante e valorosa, porque, em destaque, pode-se constranger os envolvidos.[22] Neste caso ocorre o oposto: quanto mais investimento (produção de matérias, notícias, notas), mais o jornal estará comprometido, implicado ao tema – e vice-versa. Zimerman (2012, p. 168) alerta que "conceitualmente, a energia psíquica procedente das pulsões necessita estar ligada, investida em algum 'objeto', tanto externo quanto na sua 'representação interna'". A investigação sobre o investimento do objeto "assassinato de Herzog no DOPS" e suas consequências, a partir das frequências de textos, capas, editoriais e conteúdo, nos darão elementos para a compreensão dos sentidos em torno desse "objeto".

Assim, computamos as frequências de palavras e de caracteres sem espaço de todas as matérias, de cada jornal, referentes ao assassinato de V. Herzog, direta ou indiretamente (repercussões) (cf. Anexo I). Vale

22 Conferir outra parte da pesquisa de como O Globo instituiu criminosos ricos (banqueiros, empresários e celebridades) como não bandidos e não perigosos. Alguns destes nem na capa aparecem e, mesmo assim, quando aparecem, editoram sem a fotografia do "criminoso". A ausência desses na capa demonstra que eles valem muito, por isso, são negligenciados nesse lugar do jornal.

ressaltar que era uma praxe os jornais publicarem na íntegra as notas das entidades solicitando as informações, e o Estado "esclarecer" o ocorrido. Assim, na computação das matérias, foram consideradas "com notas", as "sem notas" e as com editoriais.

Tabela 2: Geral de frequências por caracteres sem espaço de todas as notícias por jornal

Jornais	Com título e com notas	Sem título e com notas	Com título e sem notas	Sem título e sem notas
O Globo	47.773	46.712	36.740	35.804
O Estadão	115.760	114. 173	97.827	96. 461
A FSP	88.963	87.261	66. 128	64.496

Por essa tabela, percebemos que *o Estadão* foi o jornal que mais investiu na "divulgação" do assassinato do jornalista Vladimir Herzog; *O Globo* foi o que menos investiu. Se se analisar "Com título e com notas", ou seja, informação completa nos jornais, *o Estadão* tem quase três vezes o que *O Globo* divulgou e a FSP quase o dobro. Quando foram extraídas as notas das matérias, foram computados apenas os textos próprios, produzidos pelo jornalista. Nesse quesito, os jornais de São Paulo, a FSP quase dobra e *o Estadão* triplica em relação a *O Globo*. É importante destacar, como se verá mais adiante, que mesmo os jornais de São Paulo tendo publicado diversos comunicados/notas de várias entidades (OAB, Igreja Católica, MDB, entidades de trabalhadores e artísticas), o que não ocorre em *O Globo*, a produção de matéria jornalística foi duplicada/triplicada. Podemos deduzir dessa tabela que *O Globo* não valorizou, ou seja, desprezou o assassinato de Vladimir Herzog.

Quando se analisa o dia a dia das publicações de cada jornal,

tanto no que se refere às frequências de palavras quanto às de caracteres sem espaço com título, com nota e sem nota, percebemos que há uma grande diferença no investimento (o que implica sua afetação com o objeto) nos jornais de São Paulo quando comparados a'*O Globo*. A tabela anterior é confirmada com apenas uma diferença nos dias 29/10 e 31/10 em relação a'*O Globo*, pois há um grande crescimento nas suas frequências. Nos outros dias, prevalece o investimento alto dos dois jornais de São Paulo diante de *O Globo*.

A Tabela 3 acompanha as notas das entidades (sociedade civil em geral) e os documentos do governo "explicando" o "suicídio".

Jornais	26/10.75 Título		27.10.75 Título		28.10.75 Título		29.10.75 Título	
	com	sem	Com (inclusive capa)	sem	com	Sem	com	sem
O Globo	284	256	3.476	3.336	9.096	8.925	14.213	13.958
O Estadão	-	-	-	-	27.112	26.720	23.107	22.798
A FSP	-	-	7.477	7.402	23.743	23.286	21.887	21.472

Jornais	30.10.75 Título		31.10.75 Título		20.12.75		Total	
	com	sem	com	sem	com	sem	c	s
O Globo	6.115	5.953	12.356	12.096	2.233	2.188	47.773	46.712
O Estadão	31.131	30.729	27.218	26.844	2.435	2378	111.003	109.469
A FSP	17.721	17.365	16.253	15.909	1.882	1.827	88.963	87.261

Destacamos, inicialmente, que *o Estadão*, no dia 30, quase duplicou (1,71) suas frequências diante da FSP e quintuplicou

(5,12) diante de *O Globo*. No geral, é *o Estadão* quem mais investe nas matérias sobre o assunto, ficando a FSP em segundo e *O Globo* bastante distante dos dois. Contudo, a FSP não será "coerente" nos editoriais. Adiante destacaremos esse dado.

Quando foram retiradas as notas e os comunicados do governo e da sociedade civil da computação das frequências, considerando a percepção de que *O Globo* divulgava os comunicados do governo sem comentários, análises, colocando apenas a "voz" do governo, descompromissando-se do seu conteúdo e do seu apoio ao governo, os dados da tabela se mantêm, mesmo levando em conta a disparidade de publicações da sociedade civil nos dois jornais paulistas. Nesse ponto, o resultado difere de *O Globo*, que divulgava apenas o governo e as notas do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

A seguir, a Tabela 4 se estrutura da seguinte forma:

Tabela 4: Matérias contendo o total de caracteres sem espaço por dia (sem notas das entidades e dos órgãos do Estado)

Jornais	26/10.75 Título		27.10.75 Título		28.10.75 Título		29.10.75 Título	
	com	sem	com	sem	com	Sem	com	sem
O Globo	284	256	899*	796*	6.339	6.181	13.358	13.125
Estadão					24.006	23.618	17.692	17.380
FSP			2.630	2.555	15.180	14.738	14.722	14.328

Jornais	30.10.75 Título		31.10.75 Título		20.12.75		Total	
	com	sem	com	sem	com	sem	C	S
O Globo	2.262	2.150	12.356	12.096	1.242	1.200	36.740	35.804

Estadão	26.476	26.241	27.218	26.844	2.435	2378	97.827	96.461
FSP	17.721	17.365	13.993	13.683	1.882	1.827	66.128	64.496

Não computaram-se as frequencias do texto da capa

O dia 29 de outubro foi o de maior frequência com e sem notas de *O Globo*. Mesmo assim, *O Estadão* e a FSP se distanciam quanto às frequências com notas. *O Globo*, sem notas, fica ainda longe de *O Estadão* e apenas um pouco distante da FSP.

Já *o Estadão*, no dia 30 de outubro, mesmo retirando suas notas, chegou a onze vezes mais do que *O Globo* – com as notas quintuplicavam. A FSP quintuplicou diante de *O Globo* quando com as notas apenas triplicava. A disparidade no conjunto da tabela é gritante entre os jornais de São Paulo e *O Globo*, tendo aqueles investido mais na "divulgação". Na análise da conotação, será visto que o "fosso" aumenta quanto aos sentidos produzidos sobre Herzog no que diz respeito à vitima e ao seu assassinato: os dois jornais "humanizam" a vítima, enquanto *O Globo* o tipifica apenas como "suicídio de jornalista".

É bom destacar que *O Globo* foi o primeiro a divulgar o assassinato de V. Herzog no dia 26 de outubro. A FSP divulgou-o no dia 27 e *o Estadão* apenas no dia 28. Apesar disso, ambos os jornais de São Paulo chegaram a duplicar e a triplicar o investimento em notícias sobre o assassinato. Frisamos, também, que todos os jornais o identificavam em seus textos e no título como "suicídio", versão do II Exército.

Contudo, *O Globo* assumiu para si como verdade e como "fato" o discurso do II Exército que explica o ocorrido como "suicídio". Assim, seu título institui e não meramente "divulga" o "assassinato" do jornalista como "suicídio". O seu título assim se fez: "Nota do II Exército explica suicídio de jornalista na prisão". Essa "matéria" se restringe a fazer um curto preâmbulo à nota do Exército (81 palavras e 453 caracteres sem espaço), à divulgação da nota do Exército (415 palavras e 2.284 caracteres sem espaço), às pequenas notas informativas da abertura de inquérito (36 palavras e 194 caracteres sem espaço) e ao sindicato (25 palavras e 153 caracteres sem espaço).

Já a FSP em seu título, de forma menos incisiva que *O Globo*, limitou-se a "anunciar" o suicídio. Há espaço para outros tipos de "anúncios" – fica em aberto para o leitor a percepção de outros anúncios a serem feitos, apesar de tratar o assassinato de Herzog como "suicídio". O título adotado foi "II Exército anuncia o suicídio do jornalista". O corpo do texto sobre o tema constituiu-se nos dados pessoais e profissionais do jornalista assassinado (461 palavras e 2.373 caracteres sem espaço), na divulgação das notas do Exército (414 palavras e 2.287 caracteres sem espaço) (pequeno preâmbulo com 31 palavras e 169 caracteres sem espaço) e do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo (488 palavras e 2.648 caracteres sem espaço).

PPara o leitor do Rio de Janeiro, V. Herzog era um desconhecido, já que o jornal não informou quem ele era. Destacamos, também, que *O Globo* desprezou novamente o assassinato do jornalista ao disponibilizar apenas 25 palavras e 176 caracteres ao Sindicato dos

Jornalistas de SP, com amplos contrastes com a FSP, que disponibilizou 20 vezes mais que ele (455 palavras). A diferença, novamente, foi gritante.

Vejamos, agora, na Tabela 5 as frequências das matérias (notas) do dia 27 de outubro sobre o assassinato de Herzog:

Tabela 5: Notícias do dia 27 de outubro acerca do "suicídio" do jornalista[23]

Jornais	Preâmbulo		Nota do Exército		Nota do sindicato	
	Palavras	Carac.	Palavras	Carac.	Palavras	Carac.
O Globo	67	337	415	2.284	25	176
FSP	22	122	418	2.310	485	2.633

Jornais	Dados pessoais e profissionais		Total	
	Palavras	Carac.	Palavs	Carac.
O Globo	0	0	507	2.797
FSP	455	2.336	1.380	7.401

Algumas observações a mais sobre os dados dessa tabela. Chamamos a atenção de que os leitores do Rio de Janeiro desconheciam Herzog porque não havia informação dele em *O Globo*. Ele ficou conhecido apenas como o jornalista que se suicidou no DOI. *O Globo* o "classificou" como "Jornalista, diretor responsável pela TV Cultura da Fundação Padre Anchieta" (26/10), "Jornalista da TV

23 Para a contagem da frequência, esta tabela não computou os títulos e subtítulos, o texto do subtítulo "inquérito" e nem incluiu a localização da cidade em que foi elaborada a matéria. Também não foi incluído o texto da capa. Por esses motivos, quando computado o total, este não coadunará com a tabela geral de contagem de frequências de palavras.

Cultura", "militante do Partido Comunista Brasileiro" (27/10). Nos outros dias, referiu: "a morte do jornalista [...] examinem o corpo do jornalista" (27/10), "Diretor de telejornalismo da TV Cultura" (28/10), "Corpo de Vladimir Herzog foi conduzido" (28/10), "Da morte do jornalista", "esclarecimento da morte de Vladimir" (28/10), "morte trágica do jornalista Vladimir Herzog (Sindicato de Jornalistas do Rio de Janeiro)", "À morte de Vladimir Herzog" (28/10), "Jornalista Vladimir Herzog" (30/10, 31/10), "Morte de Vladimir" (30/10).

Quando a "morte" é reconhecida como mais do que "morte", mas "trágica" (28/10), o jornal divulga, em forma de "menção", a comoção do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro. Apenas em dois parágrafos, nos dias 28/10 e 31/10 (menção apenas), é reconhecido que o "corpo" e o "cadáver" tinham laços "familiares" e "sociais". No conjunto das amostras analisadas, fica claro que as matérias induzem o leitor a compreender que o "suicídio" de Herzog diz respeito apenas ao "sindicato" e ao "governo", e não à família. Citada em um único momento, no conjunto da amostra (e de que teve impacto no meio político em ação de solidariedade), a família dele aparece assim, sem maiores informações[24]:

> [...] a viúva do jornalista, Clarisse Herzog, teve crise de choro quando o corpo estava sendo depositado na sepultura. Ela percebeu que a mãe de Vladimir, Zora Herzog, se perdera no meio do extenso cortejo e então exigiu que a cerimônia se interrompesse até a sua chegada.

24 Algumas matérias de *O Globo* reconhecem que houve impacto, mas apenas no Congresso, ou seja, na dimensão "burocrática" da instituição política.

> [...] parentes, amigos e companheiros de profissão o visitaram no velório.... o cardeal de S. Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, esteve no hospital e transmitiu seu pesar à viúva. Presentes, ainda, os Senadores Franco Montoro e Orestes Quércia e os deputados Airton Soares e Albert Goldman. Desses, apenas Montoro não foi ao sepultamento.
>
> [...] Família do jornalista morto (31/10).

No cotejo com a *Folha de São Paulo* (27/10, p. 3), os leitores tomaram conhecimento de quem foi Vladimir Herzog, inclusive que este "quase chegou a concretizar o seu projeto, preparando mesmo uma sinopse do roteiro para o programa Globo Repórter. Mas, outra vez, não pôde ir adiante ao ser convidado para assumir a direção de telejornalismo do canal 2". Essa informação indica que a Globo tinha conhecimento e laços com ele, mas esse veículo menospreza isso em seus textos jornalísticos.

O "tom" dessa matéria (461 palavras, 2.373 caracteres sem espaço)[25] aponta que ele era "um" brasileiro querido entre amigos e familiares, além de excelente profissional, com carreira bem-sucedida. A matéria humaniza-o e reconhece-o com fortes laços sociais e profissionais. Informa ao leitor que ele era conhecido como "Vlado" entre os amigos, sinalizando um sujeito de afeição. O texto reconhece que o "suicida" deixou esposa (constituiu família, significação importante de brasilidade), que era profissional na área da comunicação, "Clarice,

25 O título tenta enganar a censura, pois chama-se "II Exército anuncia suicídio" e em nenhum momento trata sobre o mesmo, mas encontra-se um currículo profissional de Vladimir Herzog.

34", "publicitária" (indicando a idade também), e que tinha dois filhos, ambos com nomes e idades: Ivo, 9 anos, e André, 7 anos, identificando o local de nascença, Londres. Os filhos ficaram órfãos. O texto informa que ele trabalhou na BBC de Londres, no Estadão, na TV Excelsior, na Revista Visão e na Hora da Notícia.

O Estadão, um dia após essa publicação, primeiro dia de divulgação do assassinato de Herzog por esse veículo, no dia 28 de outubro, expôs uma nota com o título "Talento e vocação que morrem cedo", destacando suas qualidades profissionais, assim como fez a FSP, inovando com um dado: ele iniciou sua carreira no Estadão. Define-o profissionalmente como uma pessoa "Sóbri[a] e, às vezes intransigente no trabalho, [destacando-se] logo como profissional de alto nível".

Aqui são apresentadas as ilustrações das referidas páginas, com as matérias e ilustrações fotográficas de *O Globo* e da FSP acerca de sua morte.

Figura 2: Ilustração das páginas dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, respectivamente

O PAÍS — O GLOBO ☆ 27-10-75 - Segunda-feira ☆ Página 5

Mais mensagens de apoio ao editorial "Um Voto Infeliz"

O nosso companheiro Roberto Marinho, Diretor-Redator-Chefe do GLOBO, continua recebendo mensagens de aplausos pela publicação do editorial "Um Voto Infeliz". Foram estas as novas mensagens enviadas:

"Felicito O GLOBO pelo brilhante artigo "Voto Infeliz" (Júlio Grosman).

"Parabenizo este digno matutino pela posição independente e nobre de protesto que assumiu diante do infeliz voto que nosso País defendeu na ONU em relação à indecente proposta árabe de adjetivar o sionismo de racista" (Max Dolinger).

"Aceite cumprimentos e profundo sentimento de solidariedade ao editorial que rejeita a terrível tese do nosso Ministro na ONU, em nome do pragmatismo irreal, como o futuro demonstrará, de que o sionismo equivale a racismo. Acredito que o editorial "Um Voto Infeliz" espelha o sentimento geral do povo brasileiro". (Salo Brand).

"Parabenizamos pelo excelente artigo "Um Voto Infeliz". (Gilga Vigo).

"Congratulações pelo editorial "Um Voto Infeliz", de 22-10. A atitude do Governo contraria a magnitude da tradição do povo brasileiro". (economista Deni Faerman).

"Congratulo-me com V.S. pelo editorial do GLOBO "Um Voto Infeliz". Outra não poderia ser a atitude deste jornal pautada em suas tradições de defensor intransigente dos valores éticos da herança judaico-cristã". (Morris Gilberto Israel).

"Expresso minhas congratulações e agradecimentos a este jornal pela atitude louvável tomada em defesa da causa judaica publicada no dia 22 sob o título "Um Voto Infeliz". (Bajla Fleischacker).

"Apoiado ao editorial contra o voto do Brasil na ONU. Parabéns." (Scholem Becker).

"Jacob Chvaizer se congratula com O GLOBO pelo brilhante editorial sobre a votação do Brasil na ONU na questão de Israel."

"Solidários com o oportuno editorial do dia 22 intitulado "Um Voto Infeliz". Lembramos a V. S. que o Governo federal, os governos estaduais e todo o povo brasileiro não têm poupado esforços para o sucesso do próximo congresso da Asta no Rio, bastante comprometido agora, pois a esmagadora maioria dos agentes de viagem americanos é de origem judaica." (Eduardo Alves).

"Agradeço como brasileiro e judeu as palavras elogiosas no editorial". (Chil Herszenhaut).

"Parabenizamos pelo excelente artigo "Um Voto Infeliz." (Esther Ungier).

"Parabenizamos pelo excelente artigo "Um Voto Infeliz." (Sara Maria Klainer).

"Parabéns pelo espírito de justiça expressado no editorial "Um Voto Infeliz." (Jack Zohar).

"Parabéns pelo editorial do jornal O GLOBO de 22-10. Congratulo-me com uma das maiores expressões da imprensa carioca". (José Isaac Kac).

"Congratulamo-nos com V. S. pelo seu magnífico editorial apoiando o Estado democrático de Israel." (Aaron Ruben Cohen).

"Aplausos pela atitude coerente de V. S. em relação ao voto do Brasil ONU." (Ernesto Resenfeld).

"Compartilho da opinião do editorial "Um Voto Infeliz". (Sonia Ghivelder).

"Manifesto apoio ao editorial classificando de voto infeliz na ONU". (Donald).

"Aplausos à digna atitude no editorial "Um Voto Infeliz". (Moisés Liberbaum).

Parabéns pelo magnífico artigo." (Isaac Halfen).

"Congratulações pelo editorial "Um Voto Infeliz." (Jacob Calina).

"Felicitamos pelo brilhante editorial." (Miguel Susana Grinspan).

"Parabéns pelo magnífico editorial "Um Voto Infeliz." (Oscar Huttner).

"Queremos congratularmo-nos com V. Sa. pelo artigo de fundo "Um Voto Infeliz", datado de 22-10-75." (Elias Kayat).

"Parabenizamos pelo excelente artigo "Um Voto Infeliz". (Matheus Vigo).

"Congratulo-me pela clara posição de justiça demonstrada no editorial sobre o voto brasileiro na ONU". (Túlio Grinberg).

"Congratulamo-nos com V. Sa. pelo seu magnífico editorial apoiando o Estado democrático de Israel." (C. Ramos).

"Compartilho da opinião de "Um Voto Infeliz" (Saul Falerchtein).

"Saúdo a nobreza do editorial condenatório do voto infeliz que não traduz o espírito do povo brasileiro". (Engenheiro Hélio A. Kestelman).

"Congratulo-me com a direção do GLOBO pelo brilhante editorial "Um Voto Infeliz". (José Folberg).

"Leitor assíduo desde o número da sua fundação, quero apresentar meus cordiais votos de felicidade pelo seu editorial "Um Voto Infeliz", que representa a opinião pública brasileira onde vivemos dentro do orgulho da nossa democracia." (Vitor Hasson).

"Manifesto apoio ao editorial classificando de voto infeliz na ONU." (Vivian Cohen).

"Em nome do diretório de pais do Colégio Israelita Brasileiro A. Liessen e em seu próprio congratulo-me com a posição corajosa assumida pelo conceituado órgão da imprensa em relação à causa sionista." (Bernardo Schitter).

"Apoio ao artigo "Um Voto Infeliz." (Gilberto Fernando Dorf).

"Orgulhosos pela posição corajosa adotada em solidariedade ao Estado de Israel." (Cláudio Focheimer).

"Compartilho da opinião contra o voto na ONU." (Saul Elias Mizrahi).

"Receba felicitações pelo corajoso e vibrante editorial publicado no dia 22-10." (Dr. M. Dickstein).

"Felicito o jornal O GLOBO pelo brilhante artigo com relação a Israel." (Henrique Diamante).

"Congratulo-me pelo excelente artigo." (Dr. Rubim Farberas).

"Aplaudimos e apoiamos seu editorial sobre a política brasileira em relação a Israel em análise inteligente e corajosa." (George e Susane Fodor).

"Congratulo-me pelo corajoso e lúcido editorial "Um Voto Infeliz." (Engenheiro Tobias Cepelowicz).

"Congratulações pelo editorial "Um Voto Infeliz." (José Marcos Fisz).

"Congratulamo-nos pelo feliz artigo "Um Voto Infeliz". (Luis Vigoder).

"Como brasileiro e como judeus sentimo-nos orgulhosos pela brilhante posição tomada por esse jornal no editorial "Um Voto Infeliz". (Família Vechsmann).

"Solidários com a posição enérgica e justa assumida pelo jornal no seu editorial "Um Voto Infeliz". (Alfredo Kohl).

"Cumprimentos pelo editorial "Um Voto Infeliz", do dia 22, que redime a tradição brasileira". (Eng. Benjamim Rochlin).

"Felicito pelo feliz e corajoso editorial sob nome "Um Voto Infeliz". (Isarel Weangrover).

"Concordo plenamente com a opinião de "Um Voto Infeliz". (Joel Gueimann).

"Parabenizamo-nos pelo excelente editorial "Um Voto Infeliz". (Bernardo Frajablat).

"Congratulamo-nos pelo feliz artigo "Um Voto Infeliz". (Israel Vigoder).

"A discordância deste jornal com o voto brasileiro em face ao problema sionista é altamente coerente com a tradição de valores desta casa". (Leon Levison).

"Congratulação pelo artigo editado no jornal sobre a ONU". (Maurício Abramos).

"Congratulo-me com o brilhantismo do espírito de justiça à causa sionista no editorial publicado honrando tradição da casa de Irineu Marinho". (Dr. Osias Wurman).

"Felicito o jornal O GLOBO pelo brilhante artigo em relação a Israel". (Miguel Diamante).

"Felicito este jornal pelo brilhante artigo publicado no dia 22". (Dr. Manoel Bronstein).

"Congratulo-me pelo excelente artigo". (Lejb Deleukniez).

"Agradeço como brasileiro e judeu a honrosa posição assumida por Vossa Senhoria". (José Boiner).

Laurinlete Batista Vieira é recebida no aeroporto pelo detetive Walmor

Mãe reencontra hoje o filho seqüestrado

RECIFE (O GLOBO) — Laurinlete Batista Vieira, mãe do menino João Batista/Alan Kardec Batista Vieira, seqüestrado em Vitória, no Espírito Santo, em 1970, chegou ontem a Recife e viaja hoje, pela manhã, para encontrar e reconhecer o seu filho, que mora há cinco anos na cidade de Iguaraci, a 370 quilômetros desta capital.

Ela desembarcou às 14h50m no Aeroporto de Guararapes, e chorava quando foi cumprimentada pelo detetive capixaba Walmor Miranda, que já está há dias em Pernambuco. Disse que durante a viagem contou o seqüestro a outros passageiros, e chorou sem parar desde a última escala, Maceió.

Certeza

Laurinlete não tem mais a menor dúvida de que João Batista seja seu filho, Alan Kardec, e acha que a falta de lembrança dele de fatos, nomes ou fotos, é devida à pouca idade que tinha — seis anos — quando foi seqüestrado.

Também chegou ontem a Recife, de ônibus, o avô de Alan Kardec, Laurindo Batista. Ele também não tem dúvidas de que o garoto que mora em Iguaraci é o seu neto.

Laurinlete e Laurindo seguem hoje para Iguaraci acompanhados do detetive Walmor Miranda, que tornou possível o reconhecimento do garoto, por fotos, de sua mãe, e pela reportagem do GLOBO que, na semana passada, localizou o menino no município pernambucano.

O juiz da comarca de Afogados de Ingazeira, da qual Iguaraci é termo, Gonçalves Lopes, estará em Iguaraci para proceder o termo de entrega da criança a Laurinlete, logo que ele seja reconhecido pela mãe como o filho seqüestrado.

Desde sexta-feira há grande expectativa em Iguaraci em torno da chegada de Laurinlete, pois a população está comovida com a história que o menino conta, sem mudanças, a partir do dia em que chegou à cidade, acompanhado de um grupo de mendigos a 3 de fevereiro de 1971. O menino foi seqüestrado a 3 de janeiro de 1970 e disse que a seqüestradora foi uma mulher, amiga da mãe, que o enganou, chamando-o para fazer compras. Ele foi posto num jipe e algum tempo depois, já em Recife, a mulher morreu de tanto beber. Um grupo de mendigos o recolheu e ele acabou em Iguaraci, criado pela proprietária de um hotel.

Padre rebate acusações ao Mobral

O Padre Felipe Spotorno, ex-Secretário Executivo do Mobral e atual Subchefe do Gabinete do Governador Faria Lima, disse ontem que "se houve irregularidades no Mobral, somente agora denunciadas, houve também conivência dolosa e culposa durante três anos, no mínimo, em demonstração de descaso pelo dinheiro e pela administração pública".

— Toda a parte administrativa do Mobral — acrescentou — e mesmo a folha de pagamentos era assinada por mim, como ordenador das despesas, segundo delegação do presidente.

Depois de dizer que "deve haver retificação quanto a "manipular" recursos, quando deveria ser "manusear", o Padre Spotorno explicou:

— As razões de minha saída do Mobral foram ditadas por questões de ordem pessoal do Senador Jarbas Passarinho e consegui descobri-las após cuidadosa pesquisa. Quanto à abrupta agressão de agora, em momento impróprio, há várias hipóteses: a confirmação da gravação e uma declaração com o intuito de descaracterizar os motivos reais de minha exoneração; desmando de quem sente o caminho irreversível da perda do poder; a minha presença em cargo público, com condições de fazer algumas revelações ou por ter furado o "bloqueio", voltando a aparecer.

TFR acha pouco Cr$ 100 para advogados

BRASÍLIA (O GLOBO) — Por achar irrisória a quantia de Cr$ 100,00 afixada por juiz federal de Minas Gerais como honorários advocatícios, o Tribunal Federal de Recursos reformou a decisão estipulando os honorários em 10% do valor da ação.

A decisão foi tomada pela 2ª Turma do TFR ao julgar agravo de instrumento proposto pelo INPS contra a decisão de diversos juízes federais que vêm fixando em Cr$ 100,00 os honorários de advogados daquela Autarquia, nas ações de pequeno valor e valor inestimável, quando não há condenação.

Nota do II Exército explica suicídio de jornalista na prisão

SÃO PAULO (O GLOBO) — O Comando do II Exército distribuiu nota oficial informando que o jornalista Wladimir Herzog, da TV-Cultura, se enforcou na tarde de sábado, em dependências daquela unidade, após prestar declarações e confessar-se militante do Partido Comunista Brasileiro.

O corpo do jornalista, liberado através da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo, está sendo velado no Hospital Albert Einstein e será sepultado hoje, às 10 horas, no Cemitério Israelita.

Nota oficial

É a seguinte a nota oficial do Comando do II Exército:

"O Comando do II Exército lamenta informar o seguinte:

"1) Em prosseguimento de diligências que se desenvolvem na área do II Exército que revelam a estrutura e as atividades do "Comitê Estadual do Partido Comunista", apareceu, citado por seus companheiros, o nome do Sr. Wladimir Herzog, diretor-responsável de tele-jornalismo da TV-Cultura, Canal 2, como militante e integrante de uma célula de base de jornalistas do citado "Partido".

"2) Convidado a prestar esclarecimentos, apresentou-se, acompanhado por um colega de profissão, às 8 horas do dia 25 do mês fluente, sendo tomado por termo suas declarações".

"3) Relutando, inicialmente, sobre suas ligações e atividades criminosas, foi acareado com seus delatores, Rodolfo Oswaldo Konder e Jorge Benigno Jathy Duque Estrada, que o aconselharam a dizer toda a verdade, pois assim já haviam procedido".

"4) Nessas circunstâncias, admitiu o Sr. Wladimir Herzog, a sua atividade dentro do "PCB", sendo-lhe permitido redigir suas declarações de próprio punho.

"5) Deixado, após o almoço, e por volta das 15 horas, em sala, desacompanhado, escreveu a seguinte declaração: "Eu, Wladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr$ 100,00 em fins de 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas, Rodolfo Konder, Marco Antônio Rocha, Luiz Weis, Antônio de Brito, Miguel Urbano Rodrigues, Antônio Prado, e Paulo Markun, enquanto trabalhava na revista "Visão". Admito ter cedido minha residência para reuniões, desde 1972; recebi o jornal "Voz Operária", uma vez pelo correio, ou duas ou três vezes, das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão, minha militância, mas, após acareações, e diante das evidências, confessei todo o meu envolvimento, e afirmei não estar interessado mais em participar de qualquer militância político-partidária. (assinatura ilegível)."

"6) Cerca das 16 horas, ao ser procurado na sala onde fora deixado, desacompanhado, foi encontrado morto, enforcado, tendo para tanto utilizado uma tira de pano. O papel, contendo suas declarações, foi achado rasgado, em pedaços, os quais, entretanto, puderam ser recompostos para os devidos fins legais.

"7) Foi solicitada à Secretaria de Segurança a necessária perícia técnica, positivando os senhores peritos a ocorrência de suicídio.

"8) As atitudes do Sr. Wladimir Herzog, desde a sua chegada, a órgão do II Exército, não faziam supor o gesto extremo por ele tomado.

"9) As prisões até hoje efetuadas se enquadram, rigorosamente, dentro dos preceitos legais, não visando a atingir classes, mas, tão-somente, salvaguardar a ordem constituída e a segurança nacional."

Inquérito

O Comandante do II Exército determinou abertura de inquérito para apurar e esclarecer as circunstâncias em que ocorreu a morte do jornalista, e solicitou, também, que 3 médicos civis examinem o corpo de Wladimir Herzog.

Nota do sindicato

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo divulgou nota informando "que ainda aguarda esclarecimentos necessários e completos" sobre o episódio.

Em 10 anos, poluição pode matar os peixes dos rios de Minas

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — O conservacionista Oswaldo Wenceslau Silva, editor da "Revista da Pesca", declarou que os peixes dos rios de Minas, como dourados, surubis, piaus, curvinas, pacamãs, pacus, lambaris, traíras, mandis e pirambebas, poderão desaparecer dentro de dez anos, se as indústrias e as cidades continuarem a usar os rios para escoamento de detritos.

Segundo Oswaldo, esse problema é agravado pela erosão causada pela monocultura e reflorestamento com eucaliptos em áreas próximas aos rios, que enchem as águas de lama, e pela pesca, comercial ou amadora, de maio a setembro, quando os peixes sobem os rios para a desova ou voltam aos lugares de origem.

Providências

Pianista do Brasil na final em Varsóvia

VARSÓVIA (AP — O GLOBO) — A jovem pianista brasileira, ...

Museus vão buscar maior identificação com as comunidades

Nova mentalidade

Outras sugestões

Ex-policial será julgado em liberdade

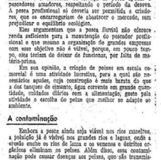
Casa de Pedro Lessa: pedida desapropriação

General adverte jovens sobre o comunismo

Fazendeiro é morto por questão de terras no interior da Bahia

Alarmado

A contaminação



O Globo

Observamos, também, que a *Folha de São Paulo* ilustrou sua matéria com uma fotografia da vítima. *O Globo*, não. Apenas no dia 28 de outubro *O Globo* a utilizou. As fotografias de "terroristas" e "comunistas" obedeciam a um padrão: fotografia 3x4. Herzog não fugiu a esse padrão. Ironicamente, a matéria que relatou o "suicídio" de Herzog, cuja fonte era a "explicação" do Exército, partilhou várias mensagens de apoio ao senhor Roberto Marinho pelo editorial "Um voto infeliz". Enquanto a matéria sobre o assassinato de Herzog recebeu menos da metade da parte superior direita relativa a uma coluna apenas, "Mais mensagens de apoio ao editorial 'Um voto infeliz'" recebeu uma coluna inteira, da parte superior e inferior. Durante quatro dias (27/10, 28/10, 30/10 e 31/10), *O Globo* cedeu suas páginas para essa publicação. Esses 'aplausos" receberam, por vários dias, os mesmos espaços de acolhimento. O assassinato de Herzog não era importante. Adiantamos que esses "apoios" se referem a um editorial que criticou o governo brasileiro abertamente pelo mesmo ter votado contra o Estado de Israel – veremos mais adiante.

Outro aspecto a destacar é que a matéria de Herzog dividiu espaço com outras notícias gerais sem nexo, bem como a política e a prática do governo: "Mãe reencontra hoje, o filho sequestrado" (esse tema aparecerá, também, nos dias 26, 28, 29 e 30 – veremos mais adiante); "Em 10 anos poluição pode matar os peixes dos rios de Minas", "Padre rebate acusações ao Mobral"; "Pianista do Brasil na final de Varsóvia"; "Museus vão buscar maior identificação com as comunidades"; "Fazendeiro é morto por questões de terras no interior da Bahia, etc. Apenas na parte inferior direita da folha do jornal é exibida uma pequena notícia que trata do tema da política de combate ao terrorismo, com postura tutelar: "General adverte

jovens sobre comunismo". Podemos deduzir que o assassinato de Herzog ficou ilhado, diluído em temas não importantes da política, desqualificando-o como notícia insignificante. Enquanto isso, o tema da política tomou destaque na *Folha de São Paulo*: "Asta e Usina nuclear, o programa de Geisel no Rio" – podemos ler essa estrutura de conotação como desvalorização do assassinato de Herzog (o "desenvolvimento" é mais importante do que a morte no DOPS), como também se pode interpretá-lo pela revelação de um Geisel indiferente ao assassinato do jornalista – e o tom de crítica presente.

Não fica por aí, por parte de *O Globo*, a desvalorização do assassinato de Vladimir Herzog. No dia 30 de outubro, duas matérias merecem destaque para análise:

1) **"II Exército amplia horário de visitas aos presos no DOI"**; 2) "Órgãos de segurança fazem considerações sobre o suicídio". Em relação à primeira matéria aludida, se se ficar restrito ao título, haverá engano quanto ao conteúdo principal, pois esse é outro: o culto ecumênico para Herzog. Entendemos que essa contradição entre título e conteúdo da notícia foi intencional: não explicitar a importância do evento político-religioso que poderia "prejudicar" a ditadura civil-militar. Por outro lado, o título indica maleabilidade da ditadura, demonstrando não ser intransigente, assim como com os "terroristas". O lado humano foi registrado.

Já o jornal Estadão elaborou o seguinte título, sem escondê-lo: **"Na Sé, Culto Ecumênico Por Herzog"** (p. 3). O jornal divulgou nota na íntegra do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. O jornal FSP construiu o seguinte título: **"Culto Ecumênico pela Memória do Jornalista".** Divulgou também a nota do Sindicato. O segundo título de *O Globo* foi mais descarado, aberto: o jornal publicou a declaração de

órgão de repressão, com ameaças e injúrias ao jornalista assassinado, Vladimir Herzog – reproduzindo, simplesmente, a fala da autoridade autoritária, sem elaborar uma análise ou contextualização. Conforme o documento, sem identificar que "órgão de segurança", já que o jornal "reproduz" (??) fielmente o discurso, o suicídio de Herzog foi intencional, uma tarefa do comunismo, isto é, sua última tarefa como militante. Sua morte foi premeditada a serviço do mal. Ele próprio, com sua própria mão, assumiu ser militante comunista, e isso, por si só, leva à compreensão e aceitação do seu suicídio. Não foram encontrados nos outros dois jornais analisados menção ou reprodução desse suposto "documento".

As chamadas "prisões em massa" constituem parte da técnica desenvolvida pelas organizações comunistas para neutralizar ou impedir a ação dos órgãos de Segurança. Não há "prisões em massa" e sim prisões legais para identificar e aprofundar os dados disponíveis sobre a ação comunista. Essas prisões situam-se dentro do combate à subversão que motivou a nota circular do Ministério da Justiça. Não se pode ignorar que o jornalista morto, por palavras e por escrito, comprovou sua condição de comunista militante, não apenas um homem de ideologia comunista, mas sim ativista. O jornal procura passar a impressão ao povo e ao mundo de que o mesmo foi assassinado pelos órgãos de segurança ou que se suicidou por temor às torturas que sofreria por parte dos interrogadores. No entanto, por que não considerar que, tendo sido impossível negar sua ação contra o regime democrático, Herzog se suicidou consciente de que a agitação nacional e internacional que se seguiria talvez fosse o último e grande trabalho que prestaria ao partido? Por que não admitir que teria receio de justiça futura por seus próprios camaradas de partido?

Ou, então, por que não considerar que teria fatos muito mais comprometedores a revelar e que preferiu, com grandeza militante, ocultar pelo silêncio que a morte acarreta?

A partir da Tabela 6 percebemos que as frequências de palavras da semana de divulgação do assassinato e sua repercussão ocorre da mesma forma nos dois últimos jornais, mas a disparidade é gritante em relação a' *O Globo*:

Tabela 6: Frequência de palavras das notícias com nota (C) e sem nota (S)[26]

Jornais	26/10		27/10		28/10		29/10		30/10	
	C	S	C	S	C	S	C	S	C	S
O Globo	52	52	633*	218*	1.695	1.216	2.713	2.713	1.145	408
Estadão					5.072	4.308	4.286	3.309	5.736	4.855
FSP			1.394	461	4.343	3.014	3.954	2.686	3.231	3.231

	31/10		20/12*		Total	
	C	S	C	S	C	S
O Globo	2.347	2.347	410	212	8.995	7.166
Estadão	5.069	5.069	456	456	20.619	17.997
FSP	3.060	2.622	331	331	16.313	12.345

*Computaram-se texto e título da capa

Nos dias 29 e 30 de outubro, *o Estadão* superou a FSP em investimento de palavras e em matérias completas (incluindo as notas). No dia 29, *o Estadão* e a FSP quase duplicaram as palavras diante de *O Globo*. No dia 30, *o Estadão* quintuplicou e a FSP quase triplicou. *O Globo* manteve seu desinvestimento sobre o assunto. O

26 A coluna do dia 20 de dezembro de 1975, tendo em vista a extensão do relatório do Exército sobre o assassinato de Herzog, não foi computada em nenhum jornal investigado aqui, apenas outras notas referentes ao assunto, caso existissem. A transcrição do referido relatório será demorada.

assassinato do jornalista Vladimir Herzog não foi importante quando consideradas as frequências de palavras.

No dia 31 de outubro, *O Globo* quase superou a FSP, mas, ainda assim, ficou bastante distante do Estadão. As tintas do jornal são, porém, para os representantes do governo. Os títulos dessas frequências são os seguintes: "Falcão afirma que há ordem e tranquilidade em todo o país"; "Forças Armadas estão unidas: diz deputado"; "Militares vão a jornalistas"; "Desestímulo às ações extremadas", totalizando 2.195 palavras. Em apenas uma matéria, "Culto em São Paulo por Herzog" (154 palavras), Herzog mereceu tratamento – as matérias sobre a opinião e a posição do governo em *O Globo* corresponderam 14 (quatorze) vezes mais do que o assassinato de Herzog.

No Estadão, as matérias que referiram ao governo totalizaram 2.347 palavras e 12.809 caracteres sem espaço com títulos - "Prisões não afetam Arena", "Militares procuram imprensa e quebram a praxe da visita", "Bonifácio ressalta posição de Geisel". Já as matérias referentes a Herzog são as seguintes: "Sindicato define posição sobre cerimônia na Sé"; "Rabino informa que o rito foi normal"; "Igreja aprova documento sobre as prisões políticas"; e "Na lista da Cúria, 95 nomes", totalizando 2.620 palavras e 13.903 caracteres sem espaço e com títulos - correspondendo a 15% a mais do que o tema Herzog.

Já na FSP foram divulgadas três matérias referentes a Herzog e duas ao governo: "Na Sé às 16hs, o culto ecumênico pelo jornalista", "Sindicato divulga o quadro das prisões"; "USP: paralisação e convite ao culto", totalizando 1.778 palavras e 9.598 caracteres sem espaço e com títulos. As matérias referentes ao Estado - "Erasmos: abusos não serão permitidos" e "Ednardo: queremos viver em harmonia"

e "Falcão: A ordem e a paz serão mantidas" - totalizaram 1.282 palavras e 6.655 caracteres sem espaço e com títulos. Ou seja, apesar da segunda melhor marca de frequências de *O Globo*, ficou ainda bastante longe dos outros dois jornais quando feita a comparação interna de frequência dedicada ao governo e a Vladimir Herzog. Internamente, *O Globo* publicou matérias priorizando a fala do governo em detrimento da vítima. Vejamos a síntese na Tabela 7:

Tabela 7: Matérias do dia 31 de outubro de 1975

Jornais	Governo		Herzog		Total
	Palavras	caracteres	Palavras	Caracteres	
O Globo	2.195	11.573	154	782	
Estadão*	2.347	12.809	2.620	13.903	+- 17 vezes Pal.
FSP	1.282	6.655	1.778	9.598	+- 11 vezes Pal.

*Não foi computada a frequência da notícia "Dom Eugênio cancela o culto no Rio" por ser "neutra".

Analisamos, até agora, algumas matérias do próprio jornal *O Globo* e comparamos as frequências entre os jornais. Nesse instante, será analisado o tratamento que *O Globo* dispensou às matérias de Herzog, sobretudo no que se refere às frequências, comparando-as com o tratamento dado ao governo. Após isso, faremos a comparação com os outros dois jornais.

Tabela 8: Frequência PG e PVH de 26 de outubro a 31 de outubro de 1975

O Globo	FSP	Estadão

PG		PVH		PG		PVH		PG		PVH	
P	C	P	C	P	C	P	C	P	C	P	C
5.258	27.998	3.284	17.374	5.633	30.679	10.349	56.398	4.882	26430	15.282	82.160

PG - Pró Governo PVH - Pró Vladimir Herzog P – Palavras C - Caracteres

Percebemos que *O Globo* é o que menos investe nas matérias que têm interlocutores pró-Herzog em suas matérias. Os governistas têm mais espaço em suas páginas. Os outros dois jornais investiram mais matérias sobre Herzog do que sobre os governos. *O Estadão* se destacou favoravelmente a Herzog.

Quando foram investigadas as informações gerais da capa, o editorial e as fotos, vimos que *O Globo*, novamente, investiu minimamente no assunto e, o mais importante, omitiu a opinião dos donos dos jornais nos editoriais.

Tabela 9: Frequência das capas, editoriais e fotos sobre o assassinato de Vladimir Herzog

Jornais	**26.10.75**			**27.10.75**			**28.10.75**			**29.10.75**			**30.10.75**			**31.10.75**			**20.12.75**		
	C	E	F	C	E	F	C	E	F	C	E	F	C	E	F	C	E	F	C	E	F
O Globo	-	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
Estadão	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X*	-	-	-	X*	-	-	-	-	-	-	-
FSP	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	X	-	X*	X	-	-	X	-	X	-	-

C : Capa E: Editorial F: Foto *Indiretamente

A primeira observação importante a destacar é que *O Globo* não redigiu editorial sobre o tema, diferindo-se dos outros dois jornais,

pois *o Estadão* elaborou dois (28/10 e 30/10) e a FSP (28, 29, 30, 31/10) seis. No entanto, *O Globo* destacou o assassinato (como suicídio) em duas capas (sem fotos), enquanto os outros dois jornais destacaram apenas o relatório do governo (20/12), como *O Globo* também o fez. Nenhum jornal recorreu à imagem de foto de Vladimir Herzog na capa. A fotografia de Vladmir Herzog apareceu apenas uma vez no interior do jornal *O Globo* e da FSP, disponibilizada, certamente, pelo Exército. Posteriormente, analisaremos os editoriais e a ausência de *O Globo* nesse dispositivo do jornal.

A partir da análise das frequências na semana, constatamos que *O Globo* investiu na divulgação de V. Herzog bem menos quando comparado aos jornais de São Paulo. Constatamos, também, como *O Globo* se distanciou dos outros jornais quanto ao investimento nas matérias, computadas as palavras e os caracteres sem espaço nos dias 27/10 (primeiro dia de "divulgação" da FSP e o segundo dia de *O Globo*) e 31/10, sua segunda melhor frequência geral, comparada ao Estadão. Com exceção do dia 26/10, todos os outros dias a FSP e *o Estadão* (a partir do dia 28) mantiveram distâncias nos investimentos das matérias.

Comparando internamente o destaque das matérias por frequência, no próprio jornal, tendo em vista as falas do governo e de V. Herzog, ressaltamos que *O Globo* deu mais espaço ao governo em detrimento de Herzog, enquanto os outros dois jornais deram mais espaço ao tema Herzog, invertendo em relação a'*O Globo*. Além disso, estudamos como *O Globo* despersonalizou e desfamiliarizou Herzog, não apresentando matérias sobre o profissional, sobre a sua família e a religiosidade, diferentemente dos outros dois jornais. O lado humano (afetivo) e profissional foi ressaltado, com exceção de um dos editoriais da FSP, que menosprezou sua morte.

Verificaremos, a seguir, o papel das capas, dos editoriais e dos comunicados na construção e criação da vítima do DOI.

4 Significações das capas, dos editoriais e dos comunicados

Os três jornais, *O Globo*, Estadão e *Folha de São Paulo*, não divulgaram, na capa, nenhuma informação sobre o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Para um leitor apenas de capa de jornal, o crime não ocorreu. Os temas tratados divergiram quanto à frequência: *O Globo* e a *Folha de São Paulo* priorizaram temas nacionais e *o Estadão* destacou o internacional. Apesar de os dois primeiros se igualarem no tema, os assuntos divergiram; por exemplo, *O Globo* valorizou a dimensão lúdica (esporte em geral) e a *Folha de São Paulo* concentrou seu foco nos assuntos sociais e religiosos. Já *o Estadão* valorizou temas internacionais, a doença de Franco, conflitos no Saara e na Argentina. Quanto aos aspectos políticos brasileiros, os jornais de São Paulo focaram na visita do presidente Geisel a São Paulo. Já *O Globo* abordou a parceria de premiação com o governo (Mario Henrique Simonsen).

Dos três jornais, *O Globo* não realizou os assuntos políticos, dirigindo-se para a ludicidade e mostrando virtudes do governo na ditadura civil-militar. *O Estadão* tentou fugir da realidade brasileira e voltou seu olhar para o exterior. Já a *Folha de São Paulo* se fixou nos temas nacionais – sociais sem vínculos com a dimensão política.

Na Tabela 10 está detalhada a exposição das fotografias nas capas:

Tabela 10: Exposição das fotografias nas capas

Jornais	26/10	27/10	28/10	29/10
O Globo	Remo x Fla	João do Pulo	Congresso internacional Asta (samba)	Bicicleta
	Congresso internacional Asta	Flu x Vasco	Sequestro de criança (reencontro com a mãe)	Seleção de futebol amadora
	Marrocos – Marcha para o Saara		Atriz dos EUA	Alpinismo

FSP	Doença de Franco	Franco (3 fotos)	Sucessão em Madri	Líbano: resistência armada
	Prefeito-criança (habitação)	João do Pulo	Dia dos mortos	Igreja: dia dos mortos
	Habitação (social)		João do Pulo	

Estadão	Franco (Espanha)	-	Franco (Espanha)	Marrocos (Saara)
	Congr Asta		João do Pulo	Internacional

Jornais	30/10	31/10	20/12
O Globo	Sequestro de criança (reencontro com a mãe)	Geisel em SP	Armada naval e Isabel Perón
	Presidente Ford e Sadat	Juan Carlos assume chefia do Estado	Prêmio contribuinte do futuro (Mario Henrique Simonsen e Roberto Marinho)
	América x Internacional	Sport 0 x 1 Cruzeiro	

Jornais	30/10	31/10	20/12
FSP	Sebastião Camargo (empresário)	Pres. Juan Carlos	Isabel Perón
	Governantes espanhóis	Geisel em SP (cercado pela multidão)	Felino sendo amamentado (montagem de Arca de Noé em Praça)
	Desidratação de Crianças	Máquina de radar	Assaltante de mansão
Estadão	Futebol	Líbano	Argentina
	Líbano	Geisel	Franco

Para visualizar melhor as instituições imaginárias sociais, vejamos a Tabela 11:

Tabela 11: Instituições imaginárias sociais

Jornais	26/10	27/10	28/10	29/10
O Globo	Esporte	Esporte	Economia	Bicicleta
	Economia	Esporte	Policial	Esporte
	Internacional		Cultura de Massa	Esporte
FSP	Internacional	Internacional	Internacional	Internacional
	Social	Esporte	Religião	Religião
	Habitação (social)		Esporte	
Estadão	Internacional	-	Internacional	Internacional
	Economia		Esporte	Internacional

Jornais	30/10	31/10	20/12
O Globo	Policial	Governo	Internacional
	Internacional	Internacional	Governo e Globo
	Esporte	Esporte	
FSP	Economia	Internacional	Internacional
	Internacional	Governo (cercado pela multidão)	Religião e lazer
	Social	Máquina de radar	Policial
Estadão	Futebol	Internacional	Internacional
	Internacional	Governo	Internacional

Nesse momento a concentração se fixará nos temas "nacionais" do jornal *O Globo*, a começar pelas fotografias. Cinco temas mereceram matérias de destaque nesse jornal, tanto as que estão nas capas quanto outras que não foram expostas aqui. Os temas foram: o sequestro, o Congresso Asta (Congresso Internacional de Turismo), mensagens de apoio ao editorial, o religioso (Papa e Igreja Católica) e presença do governo brasileiro na Itália. Foram excluídas da análise as "mensagens" (não possuem fotos, como na presença do governo na Itália), pois, apesar de, ideologicamente, *O Globo* referir sobre o ufanismo, em termos de imagens são irrelevantes – contudo, analisaremos mais adiante sua importância no conjunto.

Tabela 12: Fotografias gerais das capas e corpo de *O Globo*

Jornal	Asta		Sequestro		Religioso	
	capa	corpo	capa	Corpo	capa	corpo
O Globo	2	14	2	3	0	2

Percebemos que o Congresso da Asta e, depois, o sequestro mereceram maior atenção nas fotografias – e, também, nos textos. O religioso, se irrisório em termos de fotografia comparativamente, teve um papel importante no conjunto, pois se reporta a um imaginário social significativo da identidade brasileira: o sagrado cristão. Mas, mesmo assim, pela pobreza do conteúdo das informações sobre o encontro do governo brasileiro com o Papa, as duas fotos sinalizaram o papel conotativo que implica esse tema. Se fosse outro tema, talvez nem merecesse fotografia, se se tomar o conteúdo da matéria (a do banquete oferecido à burocracia da Igreja, por exemplo).

Todavia, esses dados dizem pouco ou quase nada sobre as conotações implicadas. Apenas há um investimento em termos de frequência.

Vejamos agora o conteúdo dessas fotos, após análises do conteúdo manifesto e de suas implicações no/para o imaginário social de brasilidade.

Tabela 13: Fotografias de matérias do período do assassinato de Herzog de 26 a 31/10 em *O Globo*

Asta	**Samba e escolas de samba**	**Praia, sol e Pão de Açucar**	**Autoridades**	**Outras culturas artísticas do Brasil**	**Miss Universo**
	3	5	1	4	1
Sequestro	Mãe e filho	Multidão			
	2	3			
Religioso	Papa	Núncio Apostólico			
	1	1			

Serão tecidas agora algumas considerações sobre essas três últimas tabelas. Pela Tabela 10, visualizamos que *O Globo* valorizou os temas do esporte (ludicidade), a FSP o social e o internacional, e *o Estadão* o tema internacional. Ou seja, em pleno assassinato de um jornalista, *O Globo* desviou a atenção do leitor para o lazer, *o Estadão* para as questões internacionais e a FSP para as questões sociais e internacionais. O lazer e a ludicidade predominaram não somente na capa dos esportes, como se vê nas tabelas de fotografias, mas na análise do corpo do tema do Congresso de Turismo (Asta), que focou a cultura artística e o lazer das praias.

Em uma análise genérica, pelas informações históricas que se conhecem sobre o papel dos jornais no apoio à ditadura civil-militar, afirmamos a existência de uma intencionalidade dos jornais quando desviam a atenção do leitor para outros assuntos externos e lúdicos. Essa interpretação, no caso específico de Herzog, não procede, pois tanto *o Estadão* quanto a FSP se distanciaram, e muito, de *O Globo* quanto ao investimento no assassinato. *O Globo* se omitiu visivelmente em relação ao assassinato e deslocou o apoio à ditadura com matérias ufanistas de Geisel em São Paulo, como o congresso de turismo e supostos elogios do Papa ao governo – omissão também nos editoriais. O título referente ao tema religioso foi: "Papa destaca ação da política social do governo brasileiro". Comparando com a *Folha de São Paulo*, o título deste foi "Papa recebe Azeredo". As informações sobre os elogios do Papa ao governo na área social vieram do próprio governo, conforme informa a FSP. Enquanto a FSP reconheceu o fato (o "encontro"), *O Globo* supervalorizou o encontro favorável com o governo brasileiro (Papa "elogia").

O Globo investiu no tema do Papa e acrescentou uma nota sobre um banquete oferecido pelo governo brasileiro aos administradores papais: 363 palavras e 1.897 caracteres sem espaço e com títulos. Apesar de o título estar vinculado ao religioso, a matéria principal sugeriu o acordo com a Itália - sem tradição na área, fato reconhecido pela própria matéria - na construção de uma usina nuclear. As frequências aproximaram-se do tema do Papa, chegando a 348 palavras e 2.019 caracteres, sem espaço e com títulos. Apesar disso, a chamada principal foi a do Papa.

Outrossim, *O Globo* investiu novamente no tema religioso no período investigado, trazendo o título "Núncio apostólico elogia relações do Brasil" (29/10, p. 3). O jornal investiu 476 palavras e 2.310 caracteres, sem espaço e com títulos. A matéria foi uma apologia ao Brasil no contexto vigente, destacando algumas expressões e frases, como "pra frente", "relações ótimas", "atenção especial ao Brasil", o "temperamento e o dinamismo no trabalho do povo me entusiasmam profundamente", "é um país adulto", "o Brasil deu um salto enorme", "teve um impulso colossal".

Além do cunho religioso, outra matéria se destacou nesse período: o reencontro de uma mãe com seu filho 8 anos depois de ter sido sequestrado. Essas matérias mereceram duas capas: uma no dia 28/10, com o título "Após seis anos, mãe rever o filho sequestrado", e outra no dia 30/10, com o título "A volta festiva do menino roubado". Ambas as matérias traziam fotografias "ilustrativas" e mais duas no corpo do texto, totalizando quatro fotografias. Nesse dia, no corpo do jornal, outra fotografia estampou a página 6 com o título "Vitória e Cariacica recebem em festa menino sequestrado". Foram computadas 960 palavras e 4.533 frequências sem espaço e com títulos. Foi a

maior matéria nessa temática. O tom da matéria foi melodramático, focando o emocional pela separação forçada entre mãe e filho. Como expressão real desse drama, a exposição de uma multidão de cinco mil pessoas nas ruas, 200 foguetes patrocinados pela prefeitura para receber o garoto de 13 anos. A "fé" e a "esperança" foram as forças maiores que trouxeram a criança de volta.

Já quanto ao Congresso da Asta, essa foi a matéria que recebeu maior atenção nas capas, quanto no corpo do texto, em frequência e positividade do Brasil – total de 14 fotografias. A economia foi o maior olhar de *O Globo*, sinalizando o progresso pelas mãos da ditadura. Apesar disso, as matérias privilegiaram a diversão, o samba através das escolas de samba (e suas "mulatas"), as programações culturais "típicas" do Brasil, o sol nas praias do Rio, as falas dos governantes, das autoridades (Geisel e Ford), com ênfase para Geisel (destacando a "cordialidade do Brasil"), gerenciamento moderno no turismo. Esses temas implicam uma visão de mercado e macro (inexiste uma discussão sobre as produções culturais e seus artistas, apenas há o reconhecimento do "turismo" como "mercadoria" na linha do desenvolvimentismo).

Nas matérias não foram apresentados dados da economia do turismo, seja no nível de inserção na economia no Brasil, ou a situação das microeconomias do setor (artesãos, artistas musicais, etc.), apenas valores gerais de quanto o governo pretende investir no setor.

A Tabela 14 identifica a frequência de palavras e caracteres com título sem espaço e com títulos computadas e comparadas com as de Herzog:

Tabela 14: Frequência das matérias e temas gerais em *O Globo*

Matérias/Temas gerais	O Globo		V. Herzog	
	Palavras	Caracteres	Palavras	Caracteres/ SN
Sequestro	1.891	9.137	8.767	35.761
Religioso	839	4.207		
Itália	348	2.019		
Total	3.078	15.363		
Asta	15.897	83.335		
Mensagens "Um voto infeliz..."	3.911	9.737		

A seleção dessas matérias para análise esteve atrelada ao critério da frequência em dias seguidos e/ou alternados, considerando a repetição do tema e sua presença nas capas. Dos cinco temas, do ponto de vista das frequências, três foram baixas, dois em alta ("Asta" e "Um voto infeliz"). Os temas de frequência baixa não são menos importantes, pois, a partir da conotação, elas são expressivas da cultura social e política da brasilidade: significação imaginária da hierarquia religiosa e da família materializada na relação mãe-filho. Além disso, houve materialidade nas capas com privilégio de fotografias, o que não ocorreu com V. Herzog.

Os temas de alta frequência sinalizaram sua importância (divulgação de mensagens dos leitores elogiando seu editorial) em relação às matérias sobre Herzog: culto ao governo na economia através do Congresso da Asta (mas a ludicidade vai aparecer com força em detrimento do econômico) e culto a si mesmo: autorreconhecimento de sua importância social-política-jornalística. Ambos sinalizaram a glorificação da própria empresa jornalística, do

projeto de governo como seu, sugerindo a parceria em um mesmo projeto: governo/Nação/Globo. O Congresso Asta, sem dúvida, no que se refere às frequências, foi mais importante do que o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. O investimento em palavras quase duplicou (1,81 vezes), como duplicaram (2,33 vezes) os caracteres sem espaço e com títulos.

A diferença, somando-se todas elas, as de baixa frequência, considerando o indicador "palavras", com Herzog foi 2,85 vezes a mais, e, no indicador "caracteres", chegam a 2,32 vezes. Se forem computadas isoladamente, a diferença amplia bastante. Contudo, se forem analisados os sentidos que expressam esses temas, eles são mais importantes para o jornal do que o tema Vladimir Herzog em um sentido: no religioso, visão ultra satisfatória para o governo pelos indicadores ufanistas dados ao "encontro" (mais importante que o econômico – diferindo do Estadão). Essas matérias "reforçaram" e "expressaram" o imaginário do sagrado (o Papa, o Vaticano) em consonância com o "Brasil" (associados à ditadura); no outro caso, o "sequestro" recebeu duas fotografias nas capas e manchetes apelativas com fotografias, reforçando-as. Aqui há o apelo da maternidade (mãe, família), agredida, impedida de se realizar, cuja reconciliação, pelas graças (da Globo) foi feita. Além disso, essa matéria se "indignou" com o sequestro de uma criança, não com o de Herzog (ficou preso incomunicável). Nesses dois exemplos, mostramos o contraste com Herzog, já que foi escondida ou impedida a conexão imaginária da vítima com a "Nação" brasileira: Herzog foi apenas um "suicida comunista" (a família é apagada das matérias, ele não foi "sequestrado") e desprovido de religiosidade (no culto ecumênico não há comentários e narrativas sobre o "sagrado", apenas a divulgação

da "nota do sindicato" – corporação profissional) –, diferenciando-se dos jornais paulistanos. Ou seja, *O Globo* boicotou qualquer alusão religiosa à vítima, como também omitiu laços familiares - inclusive deixando órfãos -, imaginário importante de brasilidade.

Ao analisarmos a cobertura ao Congresso da Asta, percebemos que esse foi um grande acontecimento no Brasil: imagens de alegrias, felicidade, otimismo foram destacadas não somente por textos, mas por fotografias. O samba, as escolas de samba, o folclore e a natureza do Rio (praia, sol e o Pão de Açúcar) foram os carros-chefes na construção das imagens de positividade do Brasil. Por sinal, havia uma matéria específica sobre esse tema. Foi construída uma logomarca que representou e fez menção aos traços desses elementos de brasilidade de que tão bem tratou Marilena Chauí.[27] Classes sociais, etnias, política foram retiradas dessa imagem da logomarca – natureza, praia, progresso e prédios foram as referências. Não existiu gente; gente não é natureza. Três fotografias foram alusivas ao samba e às escolas de samba, cinco referentes à natureza. Mas a "gente" estava presente na alusão abstrata ao "povo" e à "Nação", que tão bem representou *o Globo* no discurso do presidente (usurpador) da República, Ernesto Geisel.

"Brasil, 'a civilização da cordialidade'" foi o título que esse jornal criou para representar o discurso do presidente Geisel. Podemos dizer que Ernesto Geisel extraiu de Sérgio Buarque de Holanda (a dimensão constativa de suas significações) e Gilberto Freyre a ideologia da natureza bondosa, harmoniosa do Brasil.

27 Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

Figura 3: Página de *O Globo* onde é publicado na íntegra o discurso do presidente Geisel

O GLOBO ☆ 28-10-75 – Terça-feira ☆ Página 8 — GRANDE RIO

45º Congresso da Asta começa com o discurso do Presidente

Geisel: turismo é fator de amizade entre os povos

Tamoyo recebe cumprimentos em nome do Rio

O Presidente Geisel, ladeado pelo Governador Faria Lima e o presidente da Asta, discursa durante a abertura do congresso

Incentivos às viagens domésticas

Brasil — "a civilização da cordialidade"

O Globo, reproduzindo o discurso oficial, ressalta o lado virtuoso do povo brasileiro: "Desde os primórdios de nossa formação, aqui vimos construindo uma sociedade aberta à comunidade universal. Nossa história tem sido incessante afirmação dos valores da cordialidade, que nos orgulhamos em cultivar". Essa alma virtuosa da brasilidade se manifestou no respeito às raças, na cordialidade e na sua harmonia. Assim destacou Geisel: "Se assim sempre foi no passado, podemos dizer, hoje, que a convivência harmoniosa de raças e credos, como traço marcante do caráter nacional, é a maior contribuição da sensibilidade e do espirito brasileiros ao mundo moderno".

Quando o ódio emerge, sem explicação, neste país bondoso, irrompe "o espetáculo de sua compreensão humanística da vida". Essa bondade, seus representantes tentam "aprimorar sempre", "a "civilização da cordialidade", "incorporando à sua consolidação os novos agentes e instrumentos de relacionamento humano proporcionados pela marcha incessante do progresso".

É possível deduzir da análise desse discurso da ditadura, na pessoa do seu presidente, que *O Globo* manifestou esse imaginário social autoritário no projeto gráfico (fotografias, legendas) e em seus textos jornalísticos, inclusive na "divulgação" da repercussão dos efeitos positivos, priorizando o lado social reconhecido pelo Papa. Harmonia, felicidade, bondade, natureza receptiva são as imagens clássicas da brasilidade que vários pesquisadores sociais vêm destacando na formação da "identidade" do Brasil, imagens que estão articuladas com um discurso desenvolvimentista de segurança.

Nessa perspectiva, o assassinato de Vladimir Herzog foi um acidente de percurso, até para se lamentar. Enquanto tal, não foi

importante ao se considerar o momento de redemocratização com segurança. Ninguém, nem a morte de Herzog, impediria esse caminho. Assim, certamente, interpretou (e instituiu) *O Globo*.

4.1 Editoriais dos jornais: da omissão à crítica democrática burguesa e ao apoio direto à ditadura e ao menosprezo à morte de Herzog

Analisamos agora a Tabela 15, que traz os editoriais dos jornais, porta-vozes diretos dos donos dos jornais:

Tabela 15: Editoriais dos jornais

Jornais	26/10	27/10	28/10	29/10
O Globo	Atitude infeliz dos EUA	Confiança pragmática	Reciclagem do consumo	Nova face habitacional
FSP	-	-	O caso Herzog	Por causa de Vladimir
Estadão	-	-	Os limites da tolerância	-

Jornais	30/10	31/10	20/12
O Globo	Receita sem remédio (situação orçamentária dos estados e municípios	Multinacionais sem mistério	A imagem Argentina
FSP	O espanto ante a morte	Uma importante sexta-feira As fronteiras da crise Direitos e responsabilidades	-
Estadão	Os limites da ação do Estado	-	-

No jornal *O Globo*, nenhum dos editoriais acima tratou do assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Já nos outros dois jornais de São Paulo, sim. Vale destacar, ainda, que os editoriais do jornal *O Globo* dos dias 22 (antes do assassinato) e 26 de outubro, denominados, respectivamente, "Um voto infeliz" e "Atitude infeliz dos EUA", criticaram o voto do governo na ONU contra Israel. O primeiro editorial afirmou: "erramos quanto ao mérito" e "pecamos por incoerência". A incoerência se manifestou ao romper com a tradição, desde a contribuição inegável do chanceler Osvaldo Aranha, "infligindo a causa judia". Esse editorial criticou o governo brasileiro por votar na ONU contra os interesses do Estado de Israel. Se a Assembleia da ONU votou favorável à proposta da Comissão Social, "estará homologando, por outras vias, a tese odiosa e obscurantista do terrorismo palestino". "Ainda há tempo", diz o editorial, de o governo brasileiro "revisar" o "voto brasileiro".

No segundo editorial, a crítica foi dura e não faltou coragem para criticar a ditadura vigente com firmeza – o que indica que, quando contrariado, *O Globo* estabeleceu sua autonomia sem temor diante dos generais. A postura demonstra intimidade em relação ao poder vigente. Por que não fez o mesmo em relação ao assassinato de V. Herzog? Assim inicia o editorial: "*O Globo* protestou veementemente contra o voto do Governo brasileiro na Comissão Social da ONU, aprovando a proposta que condena o sionismo como 'forma de racismo e de discriminação social". No parágrafo seguinte, incisivamente, afirmou: "Demonstramos que o Brasil errou duplamente....". Apesar do editorial confundir "natureza" distinta, representante (governo) e representado, e substituir o "governo" pelo "Brasil" (Nação), a crítica foi feita. A defesa dos judeus, que se propôs

incorporada ao Estado de Israel, não foi suficiente para a defesa do judeu V. Herzog. Aqui o seu assassinato foi silenciado.

Para visualização do investimento no tema dos editoriais, conferimos a Tabela 16:

Tabela 16: Editoriais de 26 a 31 de outubro de 1975

Jornais	Palavras	Caracteres s/espaço com títulos
O Globo	0	0
FSP	3.410	18.039
Estadão	2.056	10.614

Quanto aos editoriais dos jornais de São Paulo, foram publicados, no total, nove editoriais, sendo dois do Estado de São Paulo e sete do jornal *Folha de São Paulo*. Quanto às frequências de palavras, o Estadão chegou a 2.056, com 10.614 caracteres sem espaço com títulos. Já no jornal FSP, os seus editoriais chegaram a ter 3.410 palavras e 18.039 caracteres sem espaço e com títulos. A FSP superou em frequência *o Estadão* e *O Globo*, porém, o seu conteúdo não foi favorável a Herzog, diferentemente do Estadão.

Quanto ao conteúdo dos editoriais, há diferenças entre os jornais. O sentido do Estadão foi mais amplo e questionou o método e a natureza do regime, sem deixar de defender a "origem da Revolução de 64"; e os editoriais da FSP foram pontuais e específicos, posicionando-se favoravelmente às ações do governo, inclusive, alguns, menosprezando o assassinato de V. Herzog – destoando das suas matérias que sinalizavam críticas ao ocorrido. Poderíamos perguntar: os editoriais da FSP estavam dialogando com os militares?

Ou a compreensão do jornal era essa mesma? Havia interpretação diferenciada na sua cúpula de gerência?

Um dos editoriais afirmou que a repercussão do assassinato de Herzog foi geográfica, ou seja, ela foi restrita a São Paulo. Inclusive, no Rio de Janeiro, "vive-se [...] ambiente de absoluta normalidade. O trabalho e as atividades econômicas, no lado fluminense, processam-se sem qualquer perturbação, numa clara e inequívoca evidência de que não se estabeleceu um vaso comunicante por onde seja transmitido o desconforto paulista". Apesar dessa tranquilidade, o editorial destacou que existem "boatos de futurólogos" que ressaltam "as tragédias, todos desmentidos por uma realidade concreta que aponta exatamente em sentido contrário" A situação de hoje, decorrente do assassinato de Herzog, é diferente do período de 68, quando existiam as manifestações de rua e o estabelecimento do AI-5, inclusive o de conflito com o deputado Moreira Alves. Para o editorial, "hoje, o Governo está novamente às voltas com um quadro de dúvidas e de incertezas, mas que tem em São Paulo os limites de sua fronteira" (Às Fronteiras da Crise, 31/10, p. 2).

Em outro editorial do mesmo dia, ressaltou-se novamente a "tranquilidade" e a "ordem" no Brasil, "garantidas pelo representante do governo Petrônio Portela". Contudo, havia dúvida quanto a essa garantia, a qual já havia sido exposta pela oposição do MDB, pela imprensa e pelos diretórios acadêmicos, todos em ação dentro da lei e valorizados por tal referência (Direitos e responsabilidades, 31/10, p. 2).

Finalizando os editoriais desse dia, conforme o editorial, a corte fúnebre a se realizar em favor da família e do morto Vladimir Herzog, na sexta-feira, referia-se mais a um aspecto político que

religioso. Isso porque não havia motivo para tanto, já que se tratava apenas de um corpo. Entretanto, três fatores interferiram para que o ocorrido recebesse destaque: 1) ele era judeu; 2) jornalista, e 3) trabalhou na BBC de Londres. O governo estava em prova pelos possíveis desdobramentos desse "episódio". A morte do jornalista, para o editorial, resumiu-se à luta por aqueles radicais de extrema direita e esquerdistas que procuravam se aproveitar da situação. Com essas premissas, advertiu o editorial,

> parece lógica a conclusão de que somente a extrema direita e os grupos esquerdistas partidários da luta armada teriam interesse no desvirtuamento do ato. Todas as tendências restantes, desde os adeptos do Governo até os comunistas da linha que objetiva a conquista do poder por vias pacíficas, estarão empenhadas em que tudo acabe bem (Uma importante sexta-feira, 31/10, p. 2).

Um dia antes, no dia 30 de outubro, um dos editoriais já chamou a atenção de que o "cadáver" de Herzog "é exatamente igual às centenas e talvez milhares de cadáveres de pretos assassinados petos esquadrões da morte". O jornalista assassinado foi tratado, apenas, como um corpo inerte, não justificando a repercussão, já que "milhares de cadáveres pretos" eram encontrados e não mereciam "um registro de cinco linhas nos jornais de características populares". Com essa exposição factual, o editorial justificou o assassinato do jornalista. Indagou, então, o editorial: "Por que o escândalo, então, com mais um cadáver?". Respondeu taxativamente que, por Herzog pertencer à classe média, "isto demonstra uma extraordinária capacidade de comover-se ante a violência, principalmente quando atinge um de seus integrantes" (Espanto ante a morte, 30/10, p. 2).

Uma das lições que o assassinato (para o editorial, a morte) de Herzog trouxe foi a maturidade da oposição no caso. Apesar da repercussão do caso, "o que se viu nas duas casas do Legislativo foi um plenário perplexo, atento e respeitoso, como em velórios". O editorial finalizou com esse tom emblemático de apaziguar, arrefecer os ânimos dos leitores:

> Enfim, a comovente morte de Herzog contribuiu paro dar aos dois partidos políticos brasileiros, tão artificiais, um certo aspecto de grandeza e de compreensão para a gravidade do momento. ARENA e MDB uniram-se para chorar o mesmo morto e, com rara dignidade, procurar caminhos comuns (Espanto ante a morte, 30/10, p. 2).

Se os editoriais anteriormente menosprezaram o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, os dois referentes ao dia 29 de outubro não. Com título do editorial "Humanismo", em sua primeira linha o autor foi enfático: "Pouco importa se Vladimir Herzog suicidou-se ou não". Independente da resposta, "o suicídio não é o ponto final do caso Herzog. Se houve suicídio mesmo, deve ser o inicio de uma apuração tão grave como a que se procederia se a morte tivesse ocorrido num pau-de-arara ou numa cadeira de choques". E fechou a questão: "o suicídio de Herzog não encerra a questão. Ao contrário: abre-a".

No discurso em que Geisel se referiu ao "humanismo", contrapondo-se ao quadro de violência, o editorial cobrou coerência e exigiu investigação, já que estava instaurada a civilização humanística no Brasil. Assim, foi registrado em suas tintas: "É justamente por vivermos em um país que fez do humanismo sua norma e da brandura da sua gente sua bandeira que precisamos investigar até

as últimas consequências o que aconteceu naquelas dez horas nas dependências do DOI, na rua Tutóia".

Ironizando, o editorial afirmou que não precisava ser Sherlock para perceber que não foi suicídio. Mesmo que tivesse sido, a responsabilidade era do próprio Estado que o guardava sob sua custódia.

Por fim, o último editorial em destaque tratou da proposta de criação de um "Poder Moderador" e de que a Polícia deixasse as guardas do Exército. O cadáver de V. Herzog contribuiu para se pautar um tema de poder que estava na gaveta.

De todos esses editoriais, sete no total, cinco desvalorizam a vítima e reconheceram a legitimidade e a legalidade da ditadura militar. Apenas um deles fez coro com a vítima, e outro promoveu uma discussão sobre a repercussão do ocorrido, visando reformular o Estado no que diz respeito à questão do poder executivo e de seus laços com a repressão e a legitimidade. Curiosamente, em todos os editoriais apareceram apenas as iniciais; no caso da versão favorável à vítima, apareceu apenas uma vez sobre a temática.

Quanto aos outros editoriais de São Paulo, recebe destaque o do Estadão, intitulado "Os limites da tolerância". Esse editorial teve grande repercussão no Congresso Nacional, chegando a ser proposto por deputado a inclusão nos seus anais.

O editorial firmou princípios inegociáveis na defesa da "lei" e do "direito". Esclareceu seu apoio à ditadura e ao golpe ao se concentrar mais na "consciência" do que na "forma", justificando o argumento da defesa do "Direito" em consonância com o "golpe". Criticou a existência dos atos institucionais, "instrumentos de exceção da Revolução de 1964", "pois quem se faz autor da lei, sem a cautela

escrupulosa de aferi-la, na índole e no exercido, pelo Direito como um fim, escancara a estrada sem obstáculos do voluntarismo e da prepotência". Criticou as prisões "na calada e na clandestinidade", e alertou que a opinião pública "continua a ver na prisão um rapto ou um sequestro; porque não há como aceitar, na defesa da lei e do Estado, o pacto com a infração e o desafio a um dos Poderes do Estado".

O tema Vladimir Herzog, em tratamento pelo jornal, não se fez pelo fato de a vítima ser "jornalista", mas por ser um "cidadão que até sábado à tarde estava revestido [...] com direito à tutela do Estado". Reconheceu na prática do Estado a existência de um "terrorismo", "pois é de terrorismo que se trata quando se multiplicam as prisões sem mandado judicial, ao arrepio da lei, à margem da ordem e baldadas todas as possibilidades de habeas corpus". Denunciou e criticou a institucionalização dos "porões" na "Revolução" como prática ordinária e naturalizada, a qual não se podia tolerar:

> Que esses porões se transformem num poder dentro do Poder não se justificará por temor algum. Eles são o maior desafio e a maior contestação à Revolução do 1964 — porque uma contestação que toma forma da confiança. Ou, antes, dos abusos de confiança. É essa contestação interna a mais insidiosa guerra psicológica que o governo pode conhecer. E que, com tanto maior razão, não poderá tolerar.

Outro editorial (30/10) centrou seus argumentos na "defesa da lei" e no quadro legal existente, mesmo que de forma precária, inexistindo referência a Herzog, mas discretamente presente no contexto. Havia um limite de ação do Estado, mesmo que este assumisse a existência de uma "guerra" (argumento do coronel

Erasmos Dias) e que o país sofresse com uma "escalada subversiva" (frase de Petrônio Portela") no "direito" e na "moral". O texto diferenciou "detenção" e "sequestro" e afirmou que os parâmetros legais permitiam o impedimento da não distinção entre atos lícitos e ilícitos, entre acusados e acusadores.

Os limites da ação do Estado estão aí plenamente contidos no quadro, simultaneamente exíguos e desmensurados do direito e da moral. Os mecanismos da lei não podiam levar à confusão entre detenção e sequestro, nem induzir os detidos ao terror, a ruptura da sua dignidade humana essencial, a ponto de deixá-los a sós com a acusação, desamparados da própria lei. Atingido esse limiar, violado o princípio da incolumidade do acusado, recusado o direito à assistência jurídica, negado na prática todo recurso de defesa, já não havia diferença entre acusadores e acusados, porque ambos estariam usando os mesmos métodos. Os limites da ação do Estado na luta anti-subversiva estavam aí definidos. Como dizíamos, não representam muito, mas são tudo se realmente quisermos estar à altura não do "inimigo", mas de nossos destinos.

O editorial lembra que somos signatários dos Direitos Humanos, que possuímos uma Lei de Segurança Nacional e que os atos ilícitos são desnecessários. Estes são parâmetros, mesmo reconhecendo o "estado de guerra" e de "beligerância". O editorial observa que, reconhecendo a existência de "guerra" na sociedade, havia duas que deveria se levar em conta: uma ideológica e outra subversiva. Mesmo reconhecendo a existência da segunda, devia-se respeitar "as regras que proíbem o uso de meios cruéis e desumanos".

Percebemos que o editorial do Estadão tomou partido claro de crítica legal e formal à ditadura militar, sobretudo quando comparado

à *Folha de São Paulo*. Ele tentou se colocar como mediador, mesmo de forma implícita, reconhecendo que foi signatário do golpe. Em *O Globo* nem sinal de Vladimir Herzog.

4.2 Notas, telegramas, comunicados das entidades da sociedade civil

Se, por um lado, *O Globo* não produziu editoriais acerca do assassinato do jornalista, por outro, divulgou as notas do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e fez menção a outras de outras entidades. Porém, essa divulgação foi feita de forma superficial, algumas delas, apenas como menção, sem divulgá-las na íntegra e com omissão plena em várias, outras conforme já indicado anteriormente.

Pela Tabela 17, constatamos que *O Globo* boicotou as notas de apoio ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e de repulsa ao assassinato do jornalista, além das greves dos estudantes da USP, da prisão de ambos e do apoio dos docentes, cobrando das autoridades pronunciamentos e averiguações públicas. *O Globo* restringiu-se tão somente a divulgar as notas, os laudos e o relatório do governo, além de algumas notas do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. As outras vozes da sociedade civil foram silenciadas. O leitor de *O Globo* ficou alienado sobre o que estava acontecendo na sociedade brasileira acerca desse crime. A sociedade brasileira podia dormir em paz. O problema existente era de conflito, apenas, entre os "jornalistas" e o "governo". Os técnicos, com seus laudos e perícias, iriam "explicar" o suicídio.

Mesmo assim, divulgando as notas do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, em alguns momentos fez apenas "menção", como já se

tinha observado anteriormente (27/10). Da mesma forma procedeu com o Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais, fazendo apenas menção. Quanto à nota do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro e a do abaixo-assinado dos jornalistas dessa cidade, nem menção fez.

Podemos destacar, também, que o teor de todas essas cartas, telegramas, notas, etc., não publicados por *O Globo*, não continha uma conotação revolucionária ou que colocasse a "ordem" vigente em ameaça. Os próprios deputados da Arena e do MDB comentaram que o sindicato se manteve ponderado. Esses textos foram ponderados e equilibrados exigindo investigação e esclarecimento do Poder Executivo sobre o que ocorreu com o jornalista V. Herzog, sobre qual era a situação de outros presos, inclusive de jornalistas. Ou seja, esses documentos exerciam um discurso dentro da ordem e buscavam o exercício da democracia e do direito de expressão.

Apesar disso, *O Globo* impediu o direito de manifestação da sociedade civil em seu veículo. Citaremos aqui as notas do MDB de SP, das entidades de trabalhadores, de jornalistas e artistas e as notas dos docentes da USP, onde Vladimir Herzog também exercia profissão de docente, dos sindicatos de jornalistas e dos próprios jornalistas para exemplificar o fechamento de *O Globo* em seu imaginário de inimigo (terrorista, comunista), cuja origem e processo precisavam ser mais investigados.

Tabela 17: Frequência de notas, telegramas, abaixo-assinados, etc., na íntegra, não publicados pel'*O Globo*

Notas	Jornal	Palavras
Sindicato de Jornalistas de São Paulo – 29/10	Estadão	472
ABI, Carta – 29/10	Estadão	505
Carta docentes USP ao governador – 30/10	Estadão	132
Sindicato de Jornalistas de São Paulo – 30/10	Estadão	466

Notas	Jornal	Palavras
Chargista Claudis, telegrama – 30/10	Estadão	21
Jornalistas do Opinião, telegrama – 30/10	Estadão	49
FNT, telegrama – 30/10	Estadão	200
Sindicato de Jornalistas de São Paulo – 27/10	FSP	468
Sindicato de Jornalistas do Rio de Janeiro ao Exército, telegrama – 28/10	FSP	43
Sindicato de Jornalistas do Rio de Janeiro ao Aind. J. SP, telegrama – 28/10		56
Nota MDB de São Paulo – 28/10	FSP	187
Sindicato de Jornalistas de Minas Gerais, nota – 29/10	FSP	207
Abaixo-assinado de jornalistas do Rio de Janeiro	FSP	70
ABI, nota – 29/10	FSP	520
Sindicato de Jornalistas de São Paulo, nota – 29/10	FSP	485
Sindicato de Jornalistas de São Paulo – 31/10	FSP	444
Total		4.325

Somados todas as notas, telegramas, abaixo-assinados, etc., não publicados pel'*O Globo*, concluímos que correspondem à metade de todas as suas publicações sobre Herzog. Assim, os leitores do jornal *O Globo* não tomaram conhecimento da carta enviada pelos docentes da USP ao governador Paulo Egydio, solicitando que ele intercedesse junto às "autoridades competentes" para que o caso fosse esclarecido. Os docentes manifestavam um "profundo pesar". Isto é, a carta encontrava-se nos marcos da democracia burguesa, recorrendo às instituições legais os devidos esclarecimentos:

> A nota distribuída à imprensa pelo II Exército, comunicando a trágica morte do jornalista e docente desta Universidade, Wladimir Herzog, após ter-se apresentado para depoimento, causou, conforme notificado, profunda comoção nos meios jornalísticos e manifestação de apreensão de parlamentares nos âmbitos estadual e federal. Assim como os jornalistas e parlamentares, os professores

> da universidade de São Paulo vêm manifestar seu profundo pesar e sua preocupação de que, possivelmente, a integridade dos cidadãos sob custodia dos órgãos de segurança não esteja sendo estritamente preservada. Pedimos encarecidamente a V. Excia, governador deste estado que interceda junto às autoridades competentes para que duvidas sejam esclarecidas, a fim de que se reestabeleça o clima de confiança, importante para a nossa função no magistério superior. Respeitosamente, os docentes da Universidade de São Paulo.

O Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro enviou o seguinte telegrama ao II Exército, já preocupado com a situação dos outros jornalistas que se encontravam presos há dias. Para *O Globo*, certamente, esse telegrama era subversivo, razão em que o omitiu, também, em suas páginas:

> General Ednardo Mello comandante II Exército, São Paulo - Sindicato Jornalistas Profissionais Rio de Janeiro manifesta Vossa Excelência preocupação jornalistas presos dependência do Segundo Exército, entre eles Rodolfo Konder e Marinilda Marchi, ambos seus associados. José Machado presidente Sindicato Jornalistas Profissionais Rio de Janeiro.

Fazendo frente de apoio ao Sindicato de São Paulo, os jornalistas de Minas Gerais elaboraram uma moção de apoio ao Sindicato, um "voto de pesar" e chamaram a atenção para a "insegurança" e "intranquilidade" no exercício da profissão. Recorreram, também, ao imaginário religioso, citando o salmo 27: 'Segurança, prosperidade e fecundidade vêm de Deus só. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela'". Ao mencionarem o presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Audálio Dantas, no enterro de Herzog, fizeram novamente referências religiosas ao recitarem o poema de

Castro Alves, que faz alusão ao "Senhor". Mesmo assim, com uma conotação de perplexidade, eram textos ameaçadores, certamente, na visão de *O Globo*.

> Reiterando a sua inabalável fé democrática, já expressa em vários documentos desde a posse da atual diretoria, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais aprovou um voto de pesar pelo falecimento do jornalista Vladimir Herzog, ocorrido sábado ultimo, nas dependências do Departamento de Operações Internas (DOI), do II Exército, em São Paulo."Como os companheiros de São Paulo, os jornalistas mineiros estão justamente apreensivos com a ocorrência de fatos dessa natureza, o que caracteriza uma situação de insegurança e intranquilidade. "Na oportunidade, a diretoria do Sindicato dos Jornalistas, interpretando sentimento geral da classe, hipoteca irrestrita solidariedade aos termos da nota oficial do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, amplamente divulgada pela imprensa nacional, na qual "'denuncia e reclama das autoridades um fim a esta situação em que jornalistas profissionais, no pleno, claro e público exercício de sua profissão, permanecem sujeitos ao arbítrio dos órgãos de segurança'. Despedindo-se do companheiro morto, no cemitério israelita do Butantã, o companheiro Audálio Dantas citou os versos de Castro Alves: 'Dizei-me, Senhor, se é verdade, se é mentira, tanto horror perante os céus'. E nós jornalistas mineiros, citamos o salmo 27: 'Segurança, prosperidade e fecundidade vêm de Deus só. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela'

Em outro documento os jornalistas se solidarizaram com o sindicato, com a família de Herzog e com diversos jornalistas presos, jornalistas do Rio de Janeiro, demonstrando perplexidade e dor pela morte dele e pelas diversas prisões. Elaboraram um abaixo-assinado como se segue. *O Globo*, da mesma forma, não reconheceu as reclamações desses jornalistas de sua própria terra, o Rio de Janeiro.

> Nesta hora de dor para todos os jornalistas brasileiros, chocados com a morte do colega Vladimir Herzog, manifestamos aos companheiros de São Paulo, através do seu sindicato que tão bem tem sabido se comportar nesta hora difícil para nossa profissão, o testemunho de um sentimento profundo de solidariedade e de esperança de que cesse a brutalidade que os golpeia tão impiedosamente na pessoa do companheiro morto e dos companheiros presos".

Os jornalistas do jornal Opinião também enviaram mensagens de apoio contra o assassinato do jornalista Vladimir Herzog e se solidarizaram com o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e com a família de Herzog. *O Globo* desconsiderou, outra vez, a posição dos jornalistas e os momentos de dor, omitindo-se na sua divulgação:

> Solidários com os companheiros paulistas, nesta hora em que toda a classe se sente enlutada pelo brutal desfecho de um episodio em que o Sindicato encarnou com serenidade e legitimidade seu papel de órgão de defesa dos jornalistas, pedimos transmitir nosso mais profundo pesar à família de Wladimir Herzog.

O MDB de São Paulo também se posicionou sobre o assassinato de V. Herzog, repudiando a violência e ressaltando a "ilegalidade" e a "intranqulidade" em defesa da lei e da democracia burguesa. Assim se manifestou:

> Considerando a série de prisões que vêm ocorrendo ultimamente e que culminaram com a morte do jornalista Vladimir Herzog: Considerando que tais prisões são manifestamente ilegais e têm, como consequência, o desrespeito aos direitos fundamentais da pessoa humana; Considerando que esse estado de coisas traz como resultado a insegurança e a intranquilidade a todos os lares brasileiros, o Movimento Democrático Brasileiro, na

> defesa dos postulados democráticos e fiel ao seu programa, vem a público manifestar seu repúdio a essa e a qualquer forma de violência, parta de onde partir, conclamando a todos para que, com firmeza e serenidade, continuem confiando no regime democrático como única forma de preservar, sob império da Lei e das responsabilidades, os direitos humanos, conforme o compromisso do Brasil junto ao mundo civilizado. Assim, O MDB de São Paulo, aliando seu protesto a todas as vozes que se vêm erguendo contra o arbítrio, espera, da Comissão Executiva Nacional, o encaminhamento das soluções reclamadas pela Nação, para a cessação desse estado de excepcionalidade, frente aos mais altos responsáveis pelos destinos do Estado brasileiro. a) Comissão Executiva do Diretório Regional do MDB de São Paulo.

Trabalhadores que não participaram da comunicação também se manifestaram, entre eles os da Frente Nacional do Trabalho, recorrendo às imagens cristãs para ilustrar a busca da verdade:

> A profunda e fraterna solidariedade devida entre todos os homens renasce e ganha vigor no doloroso momento em que o jornalista Wladimir Herzog desaparece na forma oficialmente comunicada, mas em que poucos acreditam. A reação da consciência nacional constitui verdadeiro desafio à descoberta da verdade, [máxime] quando episódios anteriores, comprovados por numerosas pessoas, notadamente pela Comissão Justiça e Paz de São Paulo, contrariam a explicação oficial. A desconfiança, diante do fato incomum, foi sempre uma das características dos homens. Um apostolo de Cristo chegou a duvidar da ressurreição do Mestre, se não colocasse o dedo na ferida. O "suicídio" da nota oficial é fato notoriamente incomum, por isso, a consciência nacional desejaria colocar o dedo na ferida ou nos "porões" de que fala hoje o Estado de S. Paulo na sua editoria.

> Nós acreditamos que a verdade e a justiça aparecerão com o tempo, mais cedo do que muitos pensam, se a defesa da lei se fizer sem ódio ou privilégios, mas com espírito libertador, capaz de livrar os próprios responsáveis pela iniquidade de que se tornam prisioneiros, permanecem impunes pelas crueldades perante a lei, mas não diante de sua consciência, de sua mulher, de seus filhos e da Historia.

Adiante, na Tabela 18 são identificados os autores (as entidades) que se manifestaram em comunicados, telegramas, notas, relatórios e laudos do Exército, etc. A tabela mostra a presença e a ausência da sociedade civil/estado nesses "veículos" estudados, dados que são indicadores importantes da afetação por parte da sociedade e da imprensa como "veículos" de "informação".

Tabela 18: Comunicados do Exército, do Sindicato, dos Docentes e de outras entidades

Jornais	26.10 1975	27.10 1975	28.10 1975	29.10 1975	30.10 1975	31.10 1975	20.12 1975
O Globo	-	Exército	Sindicato dos Jornalistas	Sind. Jornalismo de MG (menção)	Nota Sindicato dos Jornalistas	-	Exército
	-	Sindicato dos Jornalistas (menção)	Laudo do Exército ABI (menção)	ABI (ofício, menção)	-	-	Nota do Sindicato dos jornalistas

Jornais	26.10 1975	27.10 1975	28.10 1975	29.10 1975	30.10 1975	31.10 1975	20.12 1975
Estadão	-	-	Sindicato dos Jornalistas	Sindicato dos Jornalistas	Docentes da USP	Igreja	Exército
	-	-	Laudo de Exército	ABI	OAB (ofício a Geisel e a Secrt Inter. RJ) (menção)	Dezenas entidades e jornalistas de diversas empresas enviaram telegramas (menção)	Sindicato
	-	-	-	-	Sindicato dos Jornalistas	-	Estadão
	-	-	-	-	Telegramas Chargista	-	-
					Opinião e FNT		
	-	-	-	-	Carta docente USP ao governador	-	-
	-	-	-	-	Nota Igreja SP (Não oprimais o teu irmão) (Menção)	-	-

Jornais	26.10 1975	27.10 1975	28.10 1975	29.10 1975	30.10 1975	31.10 1975	20.12 1975
FSP	-	Exército	Sindicato dos Jornalistas	Nota do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais	Ofício da OAB RJ ao Min. Justiça	Sindicato dos Jornalistas	Exército
	-	Sindicato dos Jornalistas	Laudo do Exército	APCT (Telegrama)	Telegrama da Associação de Imprensa de Campinas (Menção)	Carta-aberta dos docentes da USP (Menção)	Nota dos Advogados d defesa pedindo vista do relatório
	-	-	Nota do MDB	Carta aberta dos docentes USP	Telegrama de Jornalistas do Opinião (Menção)	Telegrama do Sindicato dos Jornalistas/ RJ	-
	-		ABI – Ofício	Sindicato dos jornalistas	-	Nota Igreja SP (Não oprimais o teu irmão)????	-
	-	-	Telegrama do Sind RJ para o de São Paulo	Nota da ABI	-	Nota do Ministro Falcão	-
			Nota estudantes USP (menção)				

A Tabela 19 será transformada em “instituições para melhor identificação:

Tabela 19: Principais matérias em destaques sobre Herzog pelos jornais (e referentes) - instituições

Jornais	26/10	27/10	28/10	29/10	30/10	31/10	20/12
O GLOBO	Governo	Governo	Governo	Governo	Governo	Governo	Governo
	-	Governo	Governo	Oposição	Governo	Governo	Sindicato
	-	Sindicato (menção)	Sindicato		Governo	Governo	Governo
	-				Governo/ Igreja (Papa)	Herzog (culto)	
	-				Governo	Governo	
ESTADÃO	-		Governo	Sindicato	Estudantes/ greve	Igreja	?
	-	Sindicato	Educacional/ greve	Governo	Igreja (culto)	Comunicação	Estadão
	-		Oposição	Sindicato	Denunciada repressão geral		Sindicato
	-			Justiça/D.H.	Governo		
	-			Governo	DH		
				Educacional	Governo		
	-			(greve)			
FSP		Herzog	Herzog/	Oposição	Governo (capa)	Governo	Governo
	-		sepultamento				
		Sindicato	Governo	Sindicato/ governo	Governo	Sepultamento /Igreja	Herzog
	-						
	-	Governo	Governo	Comunicação	Igreja/Culto ecumênico	Educacional (greve)	O sindicato
	-		Comunicação	Comunicação	Igreja (D. Ivo)	Governo	
	-		Oposição	Comunicação	Governo		
					Comunicação		

4.3 Alguns dados e reflexões sobre o assassinato de Herzog e a criminalização dos movimentos sociais pelo Grupo Globo

Chamamos a atenção na introdução para o fato de que este recorte de pesquisa foi motivado pela criminalização dos movimentos sociais pelo Grupo Globo, principalmente com a morte do cinegrafista da Band, a partir da divulgação em seu jornal no dia 11 de fevereiro de 2014.

Os dados em andamento encontram-se em outro recorte de pesquisa, a qual estuda a divulgação n'*O Globo* sobre os criminosos ricos (banqueiros, altos empresários/políticos e celebridades) e os manifestantes da jornada de junho, tomando-se a explosão do rojão dos fogos (7 de fevereiro de 2014) e a morte do cinegrafista (divulgada no dia 11 de fevereiro) até 16 de fevereiro, computando-se dez dias de investigação – a ser divulgada em breve.

Mas, como a motivação inicial esteve ligada a esse acontecimento, achamos por bem informar ao leitor algumas frequências de textos e estruturas dos jornais passíveis de comparação com o assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Sabemos que são realidades históricas distintas e problemáticas quando da recorrência da comparação. No entanto, mesmo quando situações são análogas, a comparação é preocupante, pois como advertem os historiadores, a história sempre será única e singular. Entretanto, as comparações são necessárias como forma de reflexão.

Advertimos o leitor de que o estudo maior se centra na orientação temática da *instituição imaginária social* e não apenas nos recortes específicos de uma temporalidade e de um veículo qualquer. Acreditamos, assim, que as comparações são tentativas de compreensão do *imaginário social do Grupo Globo* nos *tempo*s e

nas *suas temporalidades*. Não serão informadas as comparações com criminosos ricos para não se tirar o foco do assunto nesse recorte em particular. Observamos alguns dados abaixo (de 7 a 16 de fevereiro de 2014):

Tabela 20: Frequência de palavras e caracteres no caso Caio e Fábio

Envolvidos	Matérias		Editoriais		Colunas	
	Pal.	Car.	Pal.	Car.	Pal.	Car.
Caio e Fábio (10 dias)	22.072	113.823	1.964	10.534	4.627	23.401

Envolvidos	Artigos/Opiniões		Total	
	Pal.	Car.	Pal.	Car.
Caio e Fábio (10 dias)	5.338	27.833	34.001	175.591

O Globo investiu 8.767 palavras na "divulgação" do assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Isso quer dizer que investiu quase quatro vezes (3,87 vezes) mais nos manifestantes (34.001 palavras) do que no assassinato de Vladimir Herzog. Pela primeira vez, o investimento foi maior do que no *Estadão*, 1,57 vezes, chegando à frequência de 21.606 palavras (sem editoriais). Com a inclusão dos editoriais do *Estadão*, a frequência subiu para 23.662 palavras. Mesmo assim, *O Globo* investiu 1,43 a mais que no assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Ao serem computadas apenas as matérias e os editoriais, a morte do jornalista da Band foi mais importante que o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, pois recorreu-se a 24.036 palavras concernentes aos manifestantes, enquanto *O Globo* usou apenas 8.767 palavras, totalizando quase três vezes mais investimento nos manifestantes.

Ao serem somadas apenas as colunas e as opiniões acerca dos manifestantes, chegaremos a 9.965 palavras, o que significa 1,13 a mais que a "divulgação" do assassinato do jornalista Vladimir Herzog. Ao somar apenas o dia (11/02) da divulgação da morte do cinegrafista, alcançaremos 5.622 palavras (extraídas as colunas, as opiniões e os artigos), 55% do referente a Vladimir Herzog nos sete dias de sua "divulgação". Mas, ao computarmos do dia 11 a 16/02, chegaremos a 18.174 palavras, mais que o dobro.

Quanto à matéria do Congresso da ASTA, esta se destacou enquanto frequência de palavras e caracteres sem espaço e com títulos no período investigado, chegando ao dobro do investido em Herzog. Mesmo assim, esse tema foi bem menor do que o investido nos movimentos sociais referentes à morte do cinegrafista da Band. *O Globo* investiu 15.897 palavras nas matérias sobre o Congresso Asta, o que significa a metade do investimento feito nas matérias sobre os manifestantes (34.001).

Foram elaborados dez textos/notas nas colunas, doze opiniões/artigos e seis editoriais/notas foram inscritos para tratar das manifestações nesse período determinado. Herzog não recebeu o mesmo tratamento. É preciso reconhecer que a FSP e o *Estadão* também não cederam espaço nos seus jornais, mas abriram para os editoriais – inclusive o Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, abriu duas vezes na Coluna do Castelo e uma vez em seu editorial.

Não pretendemos aprofundar neste trabalho o fosso em torno da comparação com os manifestantes, mas apenas provocar uma reflexão. Esta pesquisa pretendeu contribuir e participar do estudo sobre o imaginário social do Grupo Globo apenas como *parte* de uma pesquisa maior. Alguns recortes de pesquisas estão sendo feitos

e outros esperam o momento adequado para expor sua *compreensão* ou entendimento em torno de uma instituição da comunicação tão importante para a dinâmica política, econômica e cultural da sociedade brasileira. Nesse âmbito, considera-se, sobretudo, a sua relação com o conflito envolvendo as massas e ou pretendentes a seus representantes.

Estudos sobre mortes de jornalistas, naturais e encomendadas por interesses diversos se somarão para a compreensão de um discurso que prega intransigentemente a defesa do jornalismo e dos jornalistas a todo custo. Há outros jornalistas mortos por premeditação de outrem, já na fase democrática da década de 2000? Como o Grupo Globo agirá jornalisticamente? Quais sentidos serão produzidos e instituídos? Quais linguagens emergirão na sua classificação da realidade? Quais símbolos serão recorrentes? Como se manifestará a importância de jornalistas nas matérias e no projeto gráfico? Manifestará o mesmo comportamento institucional que dedicou à morte do cinegrafista da Band ou serão produzidas notícias simplórias e simplistas? Menosprezará as mortes dos jornalistas, como fez com Vladimir Herzog?

CONCLUSÃO

O estudo apresentado aqui, análise institucional e histórica do contexto da ditadura e de seus vínculos institucionais com *O Globo*, aponta que a empresa jornalística se coloca discretamente no assassinato de Vladimir Herzog. O jornal se comportou com um estilo *superficial* de imparcialidade jornalística (mas de difícil captação), expressando sua independência, produzindo algumas matérias que supostamente estavam cobrindo acontecimentos "noticiáveis". Este estudo apontou algo mais e em polo oposto: apoio incondicional ao assassinato do jornalista Vladimir Herzog, recorrendo a várias *estratégias indiretas* de silenciamento, de encobrimento, de significações de brasilidade, em particular ao considerar o jornalista Vladimir Herzog como não pertencente à família e não adepto de religião, preterindo a valorização da ludicidade e da mitologia de

brasilidade (Congresso Asta); nas matérias *diretas*, deu apoio aberto ao governo da ditadura (mesmo quando critica o governo da ditadura no seu editorial, demonstrando muito mais intimidade com este do que se opondo).

Os estudos dos editoriais – seus temas e frequências – indicam desprezo político ao assassinato do jornalista Herzog pelo DOI e, também, ao desaparecimento, às intimidações e às prisões de vários jornalistas que se encontravam nessa situação durante o período. Esses dados ficam ainda mais claros quando é feita a comparação com outros dois jornais conservadores de São Paulo, os quais também apoiaram a ditadura não somente no campo das ideias, como disse o representante do *Estadão*, mas de forma efetiva: antes, durante e depois do golpe.

As notícias de *O Globo* deram vozes principalmente (comunicados na íntegra, etc.), aos militares, aos seus representantes e, parcialmente, ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, além de ter desconhecido outras vozes que se manifestaram por telegramas, notas, comunicados, abaixo-assinados, moções, etc.: da Igreja democrática, dos estudantes e dos docentes da USP, da ABI, da oposição (MDB) e, até, do Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro, dos jornalistas do Rio de Janeiro, dos artistas de teatro, etc.

As greves educacionais em São Paulo, que exigiam esclarecimento e punições aos culpados pelo assassinato do jornalista Vladimir Herzog, foram boicotadas em suas páginas.

Apesar de abrir suas páginas ao Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, algumas vezes, *O Globo* omitiu-se diante do apoio ao Sindicato dos Jornalistas do Rio de Janeiro e às diversas entidades de classes, culturais, religiosas, políticas e educacionais que declararam

solidariedade ao Sindicato e aos familiares de V. Herzog, tanto em forma de telegramas quanto de notas – o que não ocorreu com os outros dois jornais.

O uso da imagem do Papa, favorável ao governo da ditadura civil-militar já nos títulos ("Papa destaca ação da política social do governo brasileiro" e "Núncio apostólico..."), foi outro recurso de proteção ao governo no momento de desgaste nacional e internacional, principalmente com o assassinato de V. Herzog – nos outros jornais, o governo fazia essa avaliação do desgaste. Além disso, o Congresso Internacional de Turismo no Rio de Janeiro serviu, também, para a valorização do governo e o acobertamento do assassinato de Herzog. Esse "acontecimento" recebeu um espaço exageradamente grandioso, não somente em frequências que foram comprovadas, mas no seu conteúdo: o resgate de mitologias caras aos ideólogos de plantão: cordialidade, natureza (praias), culturas regionais (o samba como o seu carro-chefe principal), os sambistas, etc.

O uso de fotografias na capa valorizou o esporte em geral e a ludicidade foi outro recurso adotado por *O Globo*.

A análise de frequência dos caracteres nas notícias demonstrou o descrédito como tema político, o assassinato de V. Herzog com grandes distâncias de abordagem e valorização, o que, na comparação com os outros dois jornais, nega o reconhecimento do erro feito pela Globo: uma única menção a esse caso não foi feita em sua modéstia "reflexão". A análise do reconhecimento do seu "erro" ajudou-nos a perceber a "couraça" impeditiva de uma reflexão séria e profunda, ausente em um período tão marcante na vida das pessoas e das instituições em sociedade que se diz democrática.

Em síntese, podemos dizer que, para *O Globo*, a vítima, Vladimir Herzog, era um (jornalista) suicida, sem laços sociais, familiares e religiosos, membro do Partido Comunista, provavelmente uma ameaça à sociedade brasileira, conforme os depoimentos dos representantes da ditadura civil-militar. Apesar de tudo, o Brasil estava com um futuro promissor, integrando-se ao mercado internacional com sua brasilidade vibrante (Congresso da Asta), onde famílias se reencontravam e estavam felizes, inclusive com Deus (Papa), enquanto pairavam ameaças comunistas com seu terrorismo. Já no Brasil, não havia terrorismo de Estado: aqui, se alguém se suicidava, averiguavam-se os fatos cientificamente, com laudos e relatórios. O suicídio não era um problema nacional, nem de direitos humanos e nem políticos, mas, se muito, apenas um problema entre o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo e o governo.

O Globo teve papel direto na legitimação do assassinato do jornalista V. Herzog. O reconhecimento científico de que *O Globo* se distanciou muito da "divulgação" do assassinato de Herzog, comparado com a *Folha de São Paulo* e o *Estadão*, não nos autoriza a concluir que esses dois jornais estavam contra a ditadura reinante. O posicionamento deveu-se mais por questões pontuais e específicas, já que o governo estava "exagerando" nas prisões sistemáticas. Além dos jornalistas presos, intimados e assassinados, só em São Paulo mais de 70 estudantes e docentes foram detidos no período, conforme os jornais.

A história institucional do *Estadão* e da FSP, brevemente anotada aqui, nos autoriza a não aceitar simplesmente o discurso imaginário de "bons" moços que seus dirigentes tentavam imputar a si mesmos. Tanto antes como depois do golpe, esses jornais tiveram papel

importantíssimo na defesa daqueles que assassinaram, torturaram, mataram e humilharam diversos brasileiros, inclusive jornalistas - nesse último caso, o da liberdade de expressão e do direito de informação, tão propalados e defendidos por essa instituição, a da comunicação.

Os tanques substituíram a máquina de escrever e passaram por cima daqueles responsáveis por informar à sociedade os fatos e acontecimentos com suas conivências econômicas, políticas e ideológicas firmes.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Helena. A Nação como semióforo: mito fundador e "verdeamarelismo" no Jornal Nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: INTERCOM, 2013. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0896-1.pdf Acesso em: 10 fev. 2015.

ANJOS, Anna Beatriz. Ditadura militar: a grande imprensa não afrontou. **Revista Fórum Semanal**, 4 abr. 2014. Disponível em: http://revistaforum.com.br/digital/141/ditadura-militar-a-grande-imprensa-nao-afrontou/ Acesso em: 10 fev. 2015.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978)**: o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 303-316.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. **Liberalismo no discurso da imprensa carioca**: os jornais da Rede da Democracia no governo Goulart. Textos para discussão. UFF/Economia. Rio de Janeiro, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. Quatro autores em busca do Brasil. In: **Entrevista a José Geraldo Couto, José Murilo de Carvalho, urandir Freire, Renato Janine Ribeiro e Roberto da Matta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
_____. **As encruzilhadas do labirinto 2.** Os domínios do homem, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
_____. **Feito e a ser feito**. As encruzilhadas do labirinto V. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
CHAUÍ, Marilena. **Brasil.** Mito fundador e sociedade e sociedade autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.
CLUBE MILITAR. Nossa Opinião – **Equívoco, uma ova**! Disponível em: https://umhistoriador.wordpress.com/2013/09/04/clube-militar-faz-critica-dura-as-organizacoes-globo-por-terem-firmado-que-apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-equivoco/ Acesso em: 05 jun 2015.
DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandro e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
DIAS, André Bonsanto. "64- Brasil continua": História, memória e as impressões da Folha de S. Paulo sobre o golpe militar de 1964. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM), v. 2, n. 1, jan. 2013. Disponível em: http://www.unicentro.br/rbhm/ed03/dossie/05.pdf Acesso em: 10 fev. 2015.
_____. As memórias da Folha de S. Paulo durante o regime militar no Brasil: o processo de construção de uma identidade a partir de suas lembranças e esquecimentos. **Estudos em Comunicação,** n. 10, p. 127-153, dez. 2011. Disponível em: http://www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-07.pdf Acesso em: 10 fev. 2015.
DIAS, Luis Antonio. Imprensa e poder: uma análise da ação dos jornais O ESP e Folha de São Paulo no Golpe de 1964. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE OPINIÃO PÚBLICA DA WAPOR, 4., 2011. Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte: WAPOR, 2011. Disponível em: http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Luiz_Antonio_Dias_1.pdf Acesso em: 10 mar. 2015.
DICIONÁRIO contemporâneo da língua portuguesa/Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
ENRIQUEZ, Eugène. **As figuras do poder**. São Paulo: Via Lettera, 2007.
FORGET, Danielle. **Conquistas e resistências do poder**. A emergência do discurso democrático no Brasil (1964-1984), São Paulo: EDUSP, 1996.

FRIGHETTO, Gisele Novaes. **Imagens do Brasil** (análise do nacionalismo na adaptação de um romance histórico para a televisão). 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo =1338. Acesso em: 10 fev. 2015.
HERZ, Daniel Koslowsky. **A história secreta da Rede Globo**. "Sim, eu sou o poder". Porto Alegre: Tchê Editora LTDA, s/d.
HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
JAWSNICKER, Claudia. A imprensa golpista. Reflexões sobre o papel do Jornal do Brasil, O Globo e o Estado de São Paulo no golpe de 64. **Comunicação e Política**, v. 25, n. 2, p. 05-16, s/d.
LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
MAGALHÃES, Belmira e SOBRINHO, Helson Flavio da Silva. "Erro" no apoio ao Golpe de 64: sujeitos enfrentam-se nesse acontecimento discursivo. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 177-192, jan./jun. 2014. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/viewFile/14431/pdf Acesso em: 10 fev. 2015.
MELO, Demian Bezerra. Ditadura "civil-militar"? Controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente. **Revista Espaço Plural**, v. 13, n. 27, p. 39-53, 2012. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8574 Acesso em: 20 mar. 2015.
MENESES, Sonia. Entre a Ditadura e a "Ditabranda": Mídia, memória e esquecimento - a atuação do jornal Folha de S. Paulo no golpe de 1964. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7., 2009, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Entre%20a%20Ditadura%20e%20a%20201cDitabranda201d.pdf Acesso em: 05 jun. 2015.
_____. Ditadura, Democracia e Esquecimento*:* 1964 - o acontecimento recalcado e a ascensão do Jornal Folha de São Paulo como canal da democracia. **Revista Tempo e Argumento,** v. 5, n. 10, p. 39-71, jul./dez. 2013. Disponível em: http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305102013039 Acesso em: 10 fev. 2015.
MEZZANO, Alícia Corvalán de. Lembranças pessoais – memórias

institucionais; para uma metodologia de questionamento histórico-institucional. In: Pensando as instituições. Teorias e práticas em educação. São Paulo: Editora ArtMed, 1998. p. 35-66.
MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **Topoi**, v. 14, n. 26, p. 62-85, jan./jul. 2013. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi26/TOPOI26_2013_TOPOI_26_ A05.pdf. Acesso em: 10 fev. 2015.
NASCIMENTO, Amanda Caroliny Alves; OLIVEIRA, Karolyne Thracy de Sousa; DIAS, Nadja Clícia Viana; REIS, Marcela Miranda Félix dos. A ditadura militar e a censura no jornal impresso (O Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto/MG. **Anais eletrônicos...** Ouro Preto/MG: UFOP, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-impressa/a-ditadura-militar-e-a-censura-no-jornal-impresso-o-estado-de-sao-paulo. Acesso em: 10 fev. 2015.
PIRES, Elaine Muniz. Imprensa, ditadura e democracia: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978-2004). **Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez 2007, p. 305-313. Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2224/1325. Acesso em: 12 fev. 2015.
SADER, Emir. A Folha tenta se explicar em vão. **Pragmatismo político**, Política, 26 dez. 2012, às 23:19. Disponível em: https://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/12/folha-de-sao-paulo-ditadura-militar.html Acesso em: 20 mar. 2015.
ZIMERMAN, David E. **Etimologia de termos psicanalíticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2012.

ANEXO I

Ìndice das matérias dos jornais investigados em que foram computadas as frequências de Vladimir Herzog e suas repercussões.

O Globo

26 de Outubro

- Capa- Asta Um dia de sol
- Jornalista suicida-se na prisão p. 5

27 de outubro

- Capa- II Exército informa suicídio de jornalista
- Nota do II Exército explica suicídio de jornalista na prisão
  - Nota oficial
  - Inquérito
  - Nota do sindicato

28 de outubro

- II Exército divulga laudos sobre a morte do jornalista
  - Os três exames
  - Sepultamento
  - Nota do sindicato
  - ABI
- Petrônio garante a apuração, p.5
  - Responsabilidade
  - Na Câmara

29 de outubro

- Petrônio pede no Senado união contra a violência p.5
  - Violência
  - Leis falhas
  - Objetividade
  - Trama subversiva
  - Salvaguarda

- Montoro acha que Legislativo pode contribuir, p.5
    Reformulação
    Ofício da ABI
    Advogados do sindicato
    Sindicato de Minas

30 de outubro

- II Exército amplia horário de visitas aos presos no DOI
    Culto ecumênico
    Pedido da OAB
    Ulisses
- Órgãos de segurança fazem considerações sobre o suicídio

31 de outubro

- Falcão afirma que há ordem e tranquilidade em todo o País
    Bonifácio, o primeiro
    Francelino e os contatos
    Tranquilidade
- Culto em São Paulo por Herzog
- Forças Armadas estão unidas, diz deputado
- Desestímulo às ações extremadas
- Militares vão a jornalistas

Estadão

28 de outubro

- Sepultado o jornalista Wladimir Herzog
- Talento e vocação que morrem cedo
- Jornalistas reunem-se e pedem maiores garantias
- Oposição exige explicações, p.22
  - Penumbra
  - Câmara
- Deputado aponta morte de Wlado como exemplo, p. 22
- USP poderá parar hoje, p.22
- A versão do Exército, em quatro documentos, p. 23
  - Nota oficial
- Governo prevê escalada; repressão deve aumentar, p. 23
- Sindicato divulgou nota já no domingo, p. 23

29 de outubro

- Portella adverte que prisões continuarão, p. 13
- Jornalistas pedem investigação, p. 14
  - O comunicado
  - ABI
- Paralisadas aulas em 14 faculdades da USP até sexta
- Código penal pune indução a suicídio
- Bispo condena tortura nas prisões políticas
- Secretário faz apelo a empresas
- Le monde aponta indignação

30 de outubro

- OAB também apela a Geisel, p. 32
  Reunião em SP, p. 32
  Ex-ministros preocupados, p. 32
- Governo usará todo rigor contra desordem, p. 32
- Na Sé, culto ecumêmico por Herzog, p. 33
- Erasmo renova sua advertência, p. 33
- Paralisação na USP estende-se a 30 mil alunos, p. 34
- Escolas isoladas também aderem, p. 34
- Deputado diz que o País está inseguro, p. 34
- Denunciada repressão geral, p. 34
- Bispos ganham mais apoio, p. 35

31de Outubro

- Governo garante que o País está em calma, p. 4 (?)
- Bonifácio ressalta posição de Geisel (?)
- Militares procuram imprensa e quebram a praxe da visita, p. 5
- Prisões não afetam Arena, p.5
- Geisel lamenta, mas exige moderação, p. 15
- Rabino afirma que rito foi normal, p. 15
- Igreja aprova documento sobre as prisões, p. 15
  Na lista da Cúria, 95 nomes
- Sindicato define posição sobre cerimônia na Sé, p.15
- Dom Eugênio cancela o culto no Rio, p. 15
- Arcadas aderem; a USP está parada, p. 15

Folha de São Paulo

27 de Outubro

- II Exército anuncia suicídio de jornalista, p. 3
  - O comunicado do II Exército, p.3
  - A nota do sindicato, p. 3

28 de outubro

- Sepultado ontem o jornalista Vladimir Herzog, p. 3
  - Liberados cinco jornalistas
  - O comunicado do sindicato
  - Concentração de estudantes
- II Exército divulga laudo, p. 3
  - IPT conclui por suicídio
  - Autenticidade da assinatura
- Na Câmara, estranheza e voto de pesar, p.3
- Petrônio: Subversão será combatida com todo o rigor, p.3
  - Dentro da le
  - Petrônio
- Manifesta-se a ABI, p.3
  - Apreensão
  - Telegramas
- Nota do MDB de São Paulo, p.3

29 de outubro

- Mais 1 jornalista apresenta-se ao II Exército, p. 3
  - O comunicado
- Nota do sindicato de Minas, p.3

- Montoro denuncia e Portela faz advertência, p. 3
    - A denuncia
    - Exército
    - Escalada subversiva
- ABI pede total esclarecimento, p.3
    - Reunião
    - Direitos Humanos
    - Posição
- Campanha no exterior preocupas, p.3
- Cursos paralisados na USP
    - A missa
    - Paralisação
    - Representação
    - Carta aberta
- Egidio não recebe jornalistas, p.3
- Ulisses: tarefa da Polícia
    - Polícia
    - Respeito a lei
    - Reunião do MDB

30 de outubro

- Governo não tolerará agitação, p. CAPA
- Culto ecumênico pela memória do jornalista, p. 3
    - Solidariedade
    - Repercussões
    - Na OAB
    - OAB Paulista
    - Estudantes da USP

- Governo adverte: agitação será coibida, p.3
    - Imprensa, uminstrumento
    - As causas possíveis
- No Congresso, os líderes consultam-se, p.3
- D. Ivo evita comenta comentários sobre o caso, p.3
- Governador propõe a lei de Newton, p.3

31 de outubro

- Na Sé às 16h, o culto ecumênico pelo jornalista, p.3
    - D. Paulo
    - No Rio
    - Protestos
- Sindicato divulga o quadro das prisões, p.3
    - Solidariedade
- USP: Paralisação e convite ao culto, p.3
- Falcão: A ordem e a paz serão mantidas, p.3
    - Garantias constitucionais
    - Passo a frente
    - Colaboração
    - Investigação
- Ednardo: Queremos viver em harmonia, p.3
- Erasmos: Abusos não serão permitidos, p.3

TÍTULO Sentidos, investimentos e afetos de O Globo acerca do assassinato de Vladimir Herzog em outubro de 1975

ORGANIZADORES Evson Malaquias de Moraes Santos
Amanda Pereira Santos (Geografia/UFPE)
Clodoaldo Marques Gomes (Pedagogia/UFPE)
Leandro de Melo Silva (Pedagogia)

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jessica Schmitz
REVISÃO DE TEXTO Antonio Neto
Juliana C. Lobo

FORMATO 15,5 x 22,0 cm
FONTES Minion Pro
Octin Vintage Free
DIN Schablonierschrift Cracked

DISTRIBUIÇÃO EdUFPE

O estudo de Evson é tanto mais interessante porque ele conjuga - com felicidade - o melhor da antropologia histórica do Brasil (Roberto da Matta, Sergio Buarque de Holanda, Marilena Chauí, José Murilo de Carvalho) com o instrumental analítico das ciências da comunicação na análise dos discursos jornalísticos sobre o regime militar e seus perseguidos, em particular os jornalistas. Daí sai a tese de que a posição da mídia impressa e televisiva é guiada por uma "mentalidade" (para usar uma expressão dos franceses) messiânica e naturalista, com uma pitada do amoralismo familiar, típico do regime da Casa Grande (a família patriarcal).

A posição da mídia impressa foi de cúmplice e de omissão diante dos graves crimes perpetrados pelo regime. Tese exemplificada pela cobertura dada ao assassinato de Wladimir Herzog, nas dependências do DOI/CodI em São Paulo. O jornal dos Marinho silenciou - a cumplicidade - em relação às inúmeras notas produzidas pelos sindicatos e entidades corporativas. Outros preferiram dar atenção ao turismo, às belezas naturais e às questões familiares comezinhas. Deixaram no silêncio as questões políticas e de direitos humanos.

Michel Zaidan Filho
Professor Titular de História da UFPE